

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**OS EVENTOS DO EXCESSO DE CHUVAS CAUSADO PELO EL NIÑO 1982/83 E
OBSERVADOS POR MEIO DA LINGUAGEM DO JORNAL “O DIÁRIO DO NORTE
DO PARANÁ” DE MARINGÁ (PR)**

SÂMIA SAYURI KOKUBO

**MARINGÁ/PR
2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

SÂMIA SAYURI KOKUBO

**OS EVENTOS DO EXCESSO DE CHUVAS CAUSADO PELO EL NIÑO 1982/83 E
OBSERVADOS POR MEIO DA LINGUAGEM DO JORNAL “O DIÁRIO DO NORTE
DO PARANÁ” DE MARINGÁ (PR)**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia com habilitação em bacharelado, pela acadêmica Sâmia Sayuri Kokubo, como requisito parcial para obtenção do grau em Bacharel, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Luiz de Paula Santil e co-orientadora Prof^a. Msc. Patrícia Sousa.

**MARINGÁ/PR
2012**

SÂMIA SAYURI KOKUBO

OS EVENTOS DO EXCESSO DE CHUVAS CAUSADO PELO EL NIÑO 1982/83 E OBSERVADOS POR MEIO DA LINGUAGEM DO JORNAL “O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ” DE MARINGÁ (PR)

Monografia apresentada ao Curso de Geografia com habilitação em bacharelado, pela acadêmica Sâmia Sayuri Kokubo, como requisito parcial para obtenção do grau em Bacharel, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Luiz de Paula Santil e co-orientadora Prof^a. Msc. Patrícia Sousa.

BANCA EXAMINADORA

MEMBRO: _____

Prof. Dr. Fernando Luiz de Paula Santil (DGE/UEM)

MEMBRO: _____

Prof. Dr. Hélio Silveira (DGE/UEM)

MEMBRO: _____

Prof^a. Dr^a. Maria Cleide Baldo (UTFPR/CAMPO MOURÃO)

APROVADA EM ____ / ____ / ____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu pai Nelson e minha mãe Toshiko, por ter me dado à oportunidade em uma educação de qualidade e que com isso eu tenha conseguido entrar em uma faculdade permitindo a conclusão de mais essa etapa, crescendo e adquirindo conhecimento. Ao meu irmão pela ajuda e torcida por eu conseguir concluir este trabalho.

Agradeço a uma pessoa especial, meu companheiro Gustavo, que sempre esteve ao meu lado pelo seu amor incondicional, carinho, compreensão, conselheiro, paciente, que me gera segurança, e que me apoiou e ajudou a completar comigo mais essa fase de minha vida.

Agradeço ao Prof. Dr. Fernando Luiz de Paula Santil por ter aceitado a me orientar neste trabalho com sua sabedoria, paciência, incentivo, para que eu conseguisse concluir o curso de bacharel em geografia, e principalmente a Prof^a. Msc. Patrícia Sousa, por convite do Prof. Santil, ter aceitado a me orientar com seus conhecimentos e também paciência para a construção desse trabalho.

Também agradeço a Estação Climatológica Principal de Maringá por ter disponibilizado dados para a utilização no andamento deste trabalho.

A todos o meu eterno muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as consequências ocorridas pelo excesso de chuvas causado pelo evento El Niño em 1982 e 1983, observadas através da linguagem do jornal impresso “O Diário do Norte do Paraná” de Maringá (PR). Foram selecionadas edições do período de janeiro de 1982 a dezembro de 1983, em função dos eventos extremos de chuvas que ocorreram em consequência da anomalia de temperatura da superfície do mar do Oceano Pacífico Equatorial e que refletiram em prejuízos significativos para a sociedade em geral. Levantamentos dos dados meteorológicos obtidos na Estação Climatológica Principal de Maringá foram utilizados para obter um valor médio mensal da precipitação, referente ao período de 1979 a 2009, que corresponde ao tempo mínimo sugerido pela Organização Mundial de Meteorologia (1966), para estudos ou observações da variabilidade climática. O resultado mostrou as consequências desse evento e os prejuízos econômicos, os problemas socioeconômicos e ambientais decorrentes das enxurradas e as vidas que foram ceifadas no Estado do Paraná.

Palavras-chave: Estado do Paraná, El Niño, extremos de chuvas, jornal impresso.

ABSTRACT

This present essay aims to analyze the consequences occurred by excessive rainfall caused by the El Niño event in 1982 and 1983, observed via language of the printed newspaper "The Diary of Northern Paraná" from Maringá (PR). We selected editions from January 1982 to December 1983, due to extreme rainfall events that occurred as a result of the anomaly of sea surface temperature of the Equatorial Pacific Ocean and that reflected in significant harm to society in general. Surveys of meteorological data obtained in the Maringá Principal Climatological Station were used to obtain an average monthly rainfall for the period 1979 to 2009, which corresponds to the minimum time suggested by the World Meteorological Organization (1966), for studies or observations of climate variability. The result showed the consequences of this event and the economic losses, environmental and socioeconomic problems arising from floods and the lives that were lost in the state of Paraná.

Keywords: State of Paraná, El Niño, extreme rainfalls, printed newspaper.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Áreas de ocorrência do fenômeno El Niño	17
Figura 2a	Padrão normal de circulação no Pacífico	17
Figura 2b	Circulação atmosférica observada em condição de El Niño (fase positiva)	18
Figura 3	Ciclone Catarina ao largo da costa de Santa Catarina se aproximando do litoral Norte do Rio Grande do Sul e Sul de Santa Catarina	25
Figura 4	Destruição no Arroio do Silva – Santa Catarina	26
Figura 5	Anomalia de precipitação pluviométrica mensal de 1982 e 1983 em Maringá	32
Figura 6	Anomalia de precipitação pluviométrica mensal de 1982 em Maringá-PR	34
Figura 7	Anomalia de precipitação pluviométrica mensal de 1983 em Maringá-PR	47
Figura 8	A evolução do jornal.....	82
Figura 9	03/02/82, p. 01, Ano VIII, Nº 2.374	82
Figura 10	03/02/82, p. 03, Ano VIII, Nº 2.374	83
Figura 11	19/02/82, p. 01, Ano VIII, Nº 2.389	83
Figura 12	21/02/82, p. 03, Ano VIII, Nº 2.391	84
Figura 13	07/10/82, p. 06, Ano IX, Nº 2.578	84
Figura 14	29/10/82, p. 05, Ano IX, Nº 2.596	85
Figura 15	02/12/82, p. 05, Ano IX, Nº 2.623	85
Figura 16	03/12/82, p. 03, Ano IX, Nº 2.624	86
Figura 17	21/12/82, p. 01, Ano IX, Nº 2.638	86
Figura 18	21/12/82, p. 04, Ano IX, Nº 2.638	87
Figura 19	30/12/82, p. 01, Ano IX, Nº 2.644	88
Figura 20	04/01/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.646	88
Figura 21	05/01/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.647	89

Figura 22	21/01/83, p. 02, Ano IX, N° 2.661	89
Figura 23	06/02/83, p. 03, Ano IX, N° 2.675	90
Figura 24	12/02/83, p. 01, Ano IX, N° 2.680	90
Figura 25	24/02/83, p. 01, Ano IX, N° 2.989	91
Figura 26	06/03/83, p. 01, Ano IX, N° 2.988	91
Figura 27	08/03/83, p. 03, Ano IX, N° 2.999	92
Figura 28	09/03/83, p. 01, Ano IX, N° 3.000	92
Figura 29	09/03/83, p. 06, Ano IX, N° 3.000	93
Figura 30	10/03/83, p. 05, Ano IX, N° 3.001	94
Figura 31	22/03/83, p. 01, Ano IX, N° 3.011	94
Figura 32	23/03/83, p. 01, Ano IX, N° 3.012	95
Figura 33	24/04/83, p. 03, Ano IX, N° 3.044	96
Figura 34	21/05/83, p. 01, Ano IX, N° 3.060	96
Figura 35	25/05/83, p. 01, Ano IX, N° 3.063	97
Figura 36	25/05/83, p. 02, Ano IX, N° 3.063	98
Figura 37	25/05/83, p. 03, Ano IX, N° 3.063	99
Figura 38	26/05/83, p. 01, Ano IX, N° 3.064	99
Figura 39	28/05/83, p. 01, Ano IX, N° 3.066	100
Figura 40	28/05/83, p. 01-03, Ano IX, N° 3.066	100
Figura 41	28/05/83, p. 03, Ano IX, N° 3.066	101
Figura 42	31/05/83, p. 03, Ano IX, N° 3.068	102
Figura 43	31/05/83, p. 04, Ano IX, N° 3.068	103
Figura 44	31/05/83, p. 05, Ano IX, N° 3.068	104
Figura 45	07/06/83, p. 01, Ano IX, N° 3.073	104
Figura 46	07/06/83, p. 01-04, Ano IX, N° 3.073	105
Figura 47	07/06/83, p. 04, Ano IX, N° 3.073	105
Figura 48	08/06/83, p. 03, Ano IX, N° 3.074	106
Figura 49	16/06/83, p. 01, Ano IX, N° 3.081	106
Figura 50	28/06/83, p. 06, Ano IX, N° 3.091	107
Figura 51	08/07/83, p. 01, Ano X, N° 3.100	108
Figura 52	12/07/83, p. 01, Ano X, N° 3.103	109
Figura 53	13/07/83, p. 01, Ano X, N° 3.104	109
Figura 54	14/07/83, p. 01, Ano X, N° 3.105	110

Figura 55	19/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.109	111
Figura 56	20/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.110	111
Figura 57	22/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.112	112
Figura 58	27/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.116	112
Figura 59	27/07/83, p. 02, Ano X, Nº 3.116	113
Figura 60	03/09/83, p. 02, Ano X, Nº 3.145	114
Figura 61	06/09/83, p. 04, Ano X, Nº 3.148	115
Figura 62	18/09/83, p. 01, Ano X, Nº 3.160	116
Figura 63	20/09/83, p. 05, Ano X, Nº 3.162	116
Figura 64	21/09/83, p. 01, Ano X, Nº 3.163	117
Figura 65	21/09/83, p. 03, Ano X, Nº 3.163	117
Figura 66	24/09/83, p. 01, Ano X, Nº 3.166	118
Figura 67	11/10/83, p. 01, Ano X, Nº 3.200	118
Figura 68	04/11/83, p. 03, Ano X, Nº 3.231	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Anos de ocorrência de El Niño no período de 1950 até 1997, definida a partir da temperatura da superfície do mar para a região do El Niño (1+2) excedendo valores de 0,4°C	30
Tabela 2	Ocorrência de El Niño	30
Tabela 3	Dados de precipitação pluviométrico do ano de 1982 para a cidade de Maringá-PR	33
Tabela 4	Quantidade das matérias de jornais de 1982, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuvas	33
Tabela 5	Quantidade das matérias de jornais de 1982, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuvas	38
Tabela 6	Dados de precipitação pluviométrico do ano de 1983 para a cidade de Maringá-PR	46
Tabela 7	Quantidade das matérias de jornais de 1983, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuvas	47
Tabela 8	Quantidade das matérias de jornais de 1983, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuvas	54
Tabela 9	Quantidade das matérias de jornais de 1983, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuvas	62
Tabela 10	Quantidade das matérias de jornais de 1983, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuvas	68

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	7
LISTA DE TABELAS	10
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
2.1 A importância e os efeitos das chuvas para sociedade	15
2.2 El Niño	16
2.3 Jornal: breve histórico.....	18
2.4 Previsão do tempo: tempo e espaço no jornal.....	22
3. MATERIAL E MÉTODO	28
3.1 Levantamento do material jornalístico	28
3.2 Levantamento dos dados meteorológicos.....	29
4. ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DO JORNAL “O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ”	31
4.1 Levantamento das notícias do período de janeiro a dezembro de 1982.....	32
4.1.1 <i>Janeiro, fevereiro e março de 1982</i>	33
4.1.2 <i>Abril, maio e junho de 1982</i>	37
4.1.3 <i>Julho, agosto e setembro de 1982</i>	38
4.1.4 <i>Outubro, novembro e dezembro de 1982</i>	38
4.2 Levantamento das notícias do período de janeiro a dezembro de 1983.....	46
4.2.1 <i>Janeiro, fevereiro e março de 1983</i>	46
4.2.2 <i>Abril, maio e junho de 1983</i>	54
4.2.3 <i>Julho, agosto e setembro de 1983</i>	61
4.2.4 <i>Outubro, novembro e dezembro de 1983</i>	68
5. CONCLUSÃO	71
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
7. APÊNDICES.....	80
ANEXO.....	82

INTRODUÇÃO

Os eventos climáticos sempre estiveram presentes no cotidiano da sociedade, porém com o crescimento da população e a rapidez em transmitir a informação, é possível obter alertas sobre os fenômenos atmosféricos mais evidentes, tais como furacões, tempestades e enchentes, que desorganizam tanto a vida da população atingida, seja pela perda de vida e/ou por dano material, quanto do poder público que reaplicará recursos financeiros à construção de moradias, hospitais, entre outras infraestruturas de forma a reconstruir um bairro, uma cidade ou até um país.

De acordo com Marengo (2009), ao longo da história da humanidade foi possível desenvolver pesquisas que levassem a compreender os fenômenos climáticos e suas localizações geográficas. Apesar dessas pesquisas e do aparato tecnológico, não há garantias ainda para prever e gerenciar, por meio dos órgãos responsáveis, as catástrofes meteorológicas.

A ocorrência de eventos climáticos extremos tem sido comum cujas consequências tiveram desde os prejuízos econômicos, perdas de vidas decorrentes de acidentes, enchentes, secas prolongadas, furacões, ondas de calor, gerando uma série de problemas socioeconômicas e ambientais, que são desde a perda de plantações, demanda inesperada por gastos públicos em setores de infraestrutura com construção, reformas e a necessidade de disponibilizar verbas destinadas a ajudar desabrigados e que de maneira direta afeta a população.

No Brasil, ocorreram diversos eventos extremos nos últimos anos. O furacão Catarina provocou enchentes, deslizamentos e causou diversas mortes, assim como perdas econômicas significativas para a região Sul do país. Recentemente, a mesma região sofreu com chuvas torrenciais e ventos fortes que levaram a grandes danos (MARENGO, 2009, p. 05).

Tais eventos podem ter consequências no decorrer do tempo, problema grave que prevê a diminuição dos recursos hídricos, pois a água é um bem de extrema importância para a manutenção da saúde, através do seu uso para a higienização e consumo humano.

As chuvas intensas acabam provocando as enchentes que ocasionam a disseminação de doenças como a leptospirose, doenças diarreicas, hepatites virais, cólera, entre outras. Com isso a vinculação de doenças epidêmicas infecciosas e

parasitárias tende a agravar devido à ocorrência dessas chuvas, que são necessárias para ciclo de reprodução dos vetores de transmissão de doenças, tais como mosquitos, roedores, entre outros.

Como a disseminação de doenças está vinculada a mudanças de tempo e estes são previsíveis pelos serviços meteorológicos, dispondo de certo número de estudos regionais e locais que indicam a situação meteorológica determinante para o desenvolvimento de certas doenças, haveria a possibilidade de advertir a população e solicitar-lhe a tomar as devidas iniciativas e precauções (PITTON e DOMINGOS, 2004, p. 84).

No que se refere advertir e orientar a população dos possíveis problemas causados pelas mudanças do tempo atmosférico, os meios de comunicação exercem papel fundamental na disseminação da informação. Pode-se ressaltar que quanto maior a divulgação dessas informações, menores são suas consequências em termos socioeconômicos. É claro que só isso não é suficiente, deve-se considerar também a participação conjunta dos órgãos governamentais responsáveis pela mitigação dos efeitos causados pelos eventos extremos, o que demanda um planejamento eficaz.

Dentre os meios de comunicação que pode informar e auxiliar a população a respeito dos eventos extremos, o jornal impresso é um desses veículos. Neste os fatos registrados pelo cotidiano de uma sociedade, seja ela local, estadual ou mundial, tornam-se alvo de análise e que permite por suas páginas construir um complexo banco de dados no qual a transmissão desses acontecimentos ocorridos e das catástrofes observadas em diferentes locais de nosso planeta podem ser alvo de análise dessa população, bem como dos especialistas nas diferentes áreas do conhecimento.

Entretanto devesse ressaltar que nem sempre esses mecanismos de produção do jornal impresso são eficientes, lhes faltando em muitos casos o crivo de seleção das informações, que são importantes das que são convenientes. Tal fato estimulou a escolha desse tema em função do argumento da Professora Doutora Leonor Marcon da Silveira, que foi coordenadora da Estação Climatológica Principal de Maringá e professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, em desabafo relatou certa frustração a respeito das suas entrevistas ao jornal local, que realizavam cortes em suas falas a respeito dos fenômenos meteorológicos, que serviriam de conhecimento a população, relatando apenas informações muito simplórias a respeito desses fenômenos.

Havia distorção na informação, o que poderia prejudicar o processo de comunicação com o leitor. Além disso, mencionava também a falta de “jornalista-especialista” não apenas em relação ao tema de seu interesse, no caso a climatologia, mas o despreparo “funcional” desse profissional em poder realizar as interconexões entre as diferentes áreas do conhecimento.

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi verificar, e observar por meio da linguagem jornalística, as conseqüências causadas pelas chuvas extremas no Estado do Paraná causado pelo evento El Niño. Para fins desse estudo, optou-se por avaliar as notícias do jornal “O Diário do Norte do Paraná” editado e publicado em Maringá (PR) nos anos de 1982 e 1983, por serem estes anos de referência de extremas anomalias de chuvas em função do fenômeno El Niño.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A importância e os efeitos das chuvas para sociedade

Os eventos de precipitação acabam fazendo parte do ritmo climático dentro do cotidiano da sociedade. A chuva tem um papel importante no ciclo hidrológico, responsável pela renovação da água no planeta, promovendo a regularidade da temperatura e umidade das cidades, bem como o abastecimento dos rios e represas para a sobrevivência de muitas espécies, e permitindo a realização de atividades importantes para a sociedade, como a agricultura, a pesca, entre outras.

A presença ou ausência de água escreve a história, cria culturas e hábitos, determina a ocupação de territórios, vence batalhas, extingue e dá vida às espécies, determina o futuro de gerações. Nosso planeta não teria se transformado em ambiente apropriado para a vida sem a água (BACCI, 2008, p. 211).

Mas à medida que há o crescimento urbano e as indústrias buscam aumentar a sua capacidade de instalação, aumenta a demanda da exploração sobre os recursos naturais, o que pode trazer conseqüências ambientais graves em relação à quantidade e qualidade da água pelo uso excessivo e descontrolado do seu consumo.

Somada ao aumento populacional em escala mundial no último século, a intensidade da escassez aumentou em determinadas regiões do planeta, especialmente por fatores antrópicos ligados à ocupação do solo, à poluição e contaminação dos corpos de águas superficiais e subterrâneos (BACCI, 2008, p. 211).

O conhecimento do comportamento das chuvas é de fundamental importância para o planejamento do uso e ocupação da terra de forma a prevenir os impactos associados às tragédias, pois os meses em que a precipitação é muito abaixo ou acima do normal podem ocasionar danos à saúde, perdas de vida, além de trazer prejuízos à economia em seus diversos setores como na agricultura, indústria e comércio, como menciona Marengo (2009).

As chuvas torrenciais seguidas por enchentes constituem-se em um impacto sobre a sociedade, causando diversos tipos de transtornos como desabamento de encostas; proliferação de doenças infecciosas, como a leptospirose, febre tifoide, hepatite, toxoplasmose, dengue e acidentes de veículos automotivos. Estes últimos podem ser resultantes do acúmulo de água nas vias (estrada ou rua), que é

proveniente da não aderência dos pneus (aquaplanagem), e pela baixa visibilidade, que pode envolver vários veículos, além dos danos materiais também pode haver perda de vida.

Por outro lado, deve-se ressaltar que os períodos prolongados pela falta de chuva também trazem transtornos, como a ocorrência de doenças respiratórias – alergia, resfriado e asma –, bem como a ocorrência frequente de queimadas a beira de estradas e reservas ecológicas, a quebra de safra agrícola entre outros problemas à sociedade.

As enchentes tiram um grande número de vidas humanas. Por sua vez, a seca pode comprometer cidades inteiras quanto ao fornecimento de eletricidade, gerada por fontes alimentadas por água da chuva, o que pode causar grandes prejuízos econômicos. Episódios de falta de água podem causar graves problemas para a sociedade, além de grande êxodo de populações de regiões inteiras (MARENGO, 2009, p. 7).

A importância das chuvas para a sociedade é causado por um fenômeno que tem consequências catastróficas como chuvas extremas ou a seca. Um dos fenômenos que podem estar ocasionando essa anomalia é o fenômeno El Niño e La Niña.

2.2 El Niño

A palavra El Niño faz parte do vocabulário espanhol, referindo-se ao aquecimento da superfície das águas do Oceano Pacífico próximo à costa norte do Peru e do Equador na época do Natal. Os pescadores do Peru e Equador denominaram a presença das águas mais quentes de *Corriente de El Niño* em referência ao Menino Jesus (Oliveira, 2001). Posteriormente, tornou-se associado aos aquecimentos excepcionalmente grandes que ocorrem em determinados anos e que afetam o comportamento do clima em escala regional e global (Nery, 2002; Baldo, 2002; Souza, 2006).

Atualmente, segundo Oliveira (2001), as anomalias do sistema climático que são conhecidas como El Niño e La Niña¹ representam uma alteração do sistema oceano-atmosfera no Oceano Pacífico Tropical, e que tem consequências no tempo

¹ A fase negativa conhecida por La Niña não será abordada neste trabalho porque foi escolhido o período de 1982-83 que corresponde a uma das fases positivas do fenômeno El Niño Oscilação Sul.

e no clima em todo o planeta. Em particular, a natureza do fenômeno El Niño - Oscilação Sul (ENOS), é caracterizado por apresentar anomalias de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) em diferentes regiões do Pacífico Tropical (Figura 1) associado a outro fenômeno de caráter atmosférico, conhecido por Índice de Oscilação Sul, que é a diferença média da pressão ao nível do mar entre o Taiti (Oceania) e a oeste de Darwin (Austrália) do Pacífico Tropical (Trenberth e Sterpaniak, 2001).

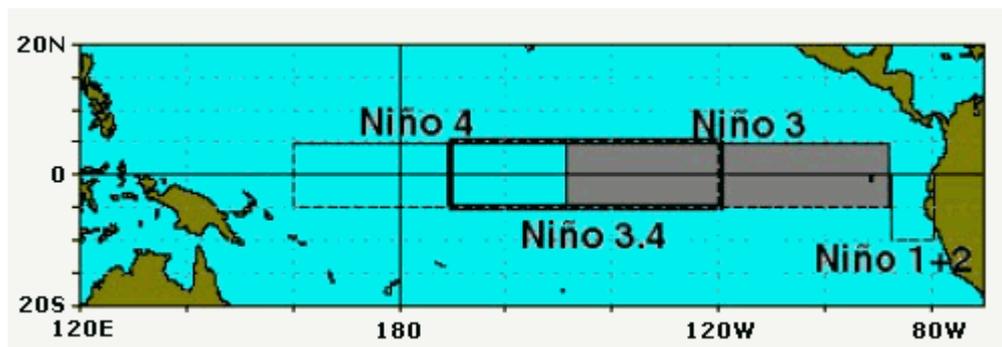


Figura 1- Áreas de ocorrência do fenômeno El Niño.

Fonte: <http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=1599>

Em relação à dinâmica da fase positiva do ENOS, como ilustram as Figuras 2a e 2b, pode-se, respectivamente, notar o padrão normal de circulação atmosférica no Pacífico e as mudanças na atmosfera próxima à superfície do oceano, com o enfraquecimento dos ventos alísios (que sopram de leste para oeste) na região equatorial. Com esse aquecimento do oceano e com o enfraquecimento dos ventos, começam a ser observadas mudanças da circulação da atmosfera nos níveis baixos e altos, determinando mudanças nos padrões de transporte de umidade, e, portanto variações na distribuição das chuvas em regiões tropicais e de latitudes médias e altas (Oliveira, 2001).

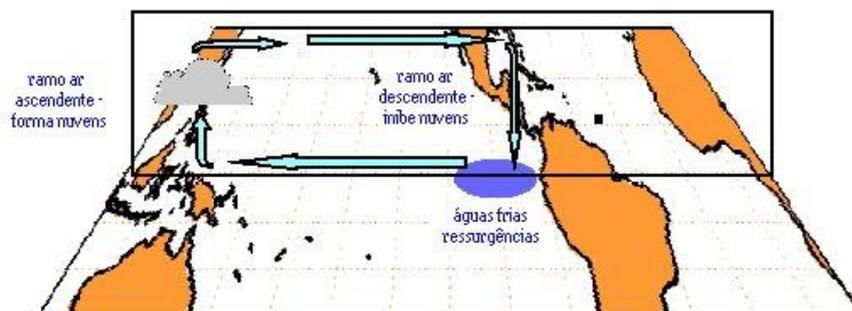


Figura 2a – Padrão normal de circulação no Pacífico.



Figura 2b – Circulação atmosférica observada em condição de El Niño (fase positiva).

Fonte: http://www.funceme.br/produtos/script/chuvas/Grafico_chuvas_postos_pluviometricos/totalchuvas/el_nino/infotec/nino.htm

O exemplo do comportamento El Niño, no caso do Brasil², de acordo com Grimnn (1997), Sant'Anna (1998), Nery (2002, 2003) e Sousa (2006), é a intensidade dos eventos deste fenômeno que podem trazer escassez de chuvas para partes das regiões do Nordeste e o leste da Amazônia, e abundância de chuvas para as Regiões Sul e Sudeste na fase positiva de anomalia. Isso significa que a temperatura da superfície do mar no Oceano Pacífico Equatorial está aquecida (El Niño). Na fase negativa da anomalia da temperatura da superfície do mar o fenômeno é inverso, em ambas as regiões.

2.3 Jornal: breve histórico

O desenvolvimento cognitivo do homem deu-lhe novos comportamentos. Por trás da escrita³, símbolos e pictogramas, a invenção do papel talvez seja uma das mais antigas da humanidade, um excelente testemunho da capacidade de inovação e motivação. No caso do papel, a força impulsionadora era o desejo de transmitir informações e fazer com que fatos e acontecimentos perdurassem, tanto por motivos práticos como pela necessidade humana de permanência na história.

² Sugere-se a leitura do livro de Arntze & Fahrbach (1996) que retrata os efeitos do fenômeno El Niño sobre a migração de espécies de peixes ocorridas no litoral peruano e equatoriano.

³ A invenção da escrita dataria aproximadamente de quatro mil anos a.C e seria atribuída ao povo Uruk, do Sul da Mesopotâmia. Segundo DeFleur e Ball-Rokeach (1989, p. 33), nesta data parecem ter surgido inscrições associadas a significados. Eram, sobretudo, imagens toscas, desenhadas ou rabiscadas nas paredes de construções, mas que já mantinham alguma padronização. Os egípcios foram os criadores dos primeiros caracteres simbólicos, os conhecidos hieróglifos.

Portanto, na busca de suportes para transmitir informações, o papel foi à solução ideal, prática, fácil de transportar e até durável.

Mas como princípio de uma estruturação de caráter informativo, o jornal surgiu em Roma no qual as notícias eram divulgadas por meio da “*Acta Diurna Populi Romani*” (Relatos diários ao povo de Roma). Segundo Tavares (2003), era composto diariamente para levar ordens e informações oficiais ao conhecimento do povo, considerado um boletim de anúncios do governo, era uma placa esculpido em metal ou pedra com avisos expostos em lugares públicos ordenados por Júlio César, que relatava fatos do dia anterior e continha propagandas do governo, tais como os feitos militares, sendo estes em maior quantidade do que qualquer outro assunto.

Segundo Sganderlla (2009), os “primeiros jornalistas” foram os correspondentes dos príncipes governantes, das cidades imperiais, das cidades-estados ou das grandes casas comerciais. Durante toda a Idade Média até o início da Moderna, as notícias eram geralmente transmitidas pelas suas cartas, nas quais os delineamentos entre correspondência particular e informação para o destinatário eram flexíveis.

Entre os séculos IX e XIII, na Era Feudal, no âmbito cultural a capacidade verbal dos trovadores considerada “como os poetas” do mundo europeu, acabavam exercendo o papel de noticiadores de tudo o que acontecia. De acordo com Tavares (2003), a partir do aparecimento de práticas econômicas mercantilistas e no Renascimento comercial, foi exibida uma expansão na formação de Nações Estados na Europa, e de um intercambio sedento por informação.

Em 1440, Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg desenvolveu a prensa, introduziu uma forma moderna de impressão, possibilitando a cópia mais rápida de livros e jornais, que acabou permitindo produzir e reproduzir volumes impressos, tornado o jornal mais moderno. Com a ajuda do equipamento que Gutenberg inventou, tornou-se possível o conhecimento e a troca de ideias, levando aos comerciantes as notícias de interesse sobre o mercado através de boletins informativos (Tavares, 2003).

Na segunda metade do século XVII, começou a serem focalizados conteúdos de jornais que tratassem de assuntos mais locais, tendo a censura como *algo normal* e os jornais raramente podiam abordar eventos que tivessem o incentivo do povo a uma atitude de oposição.

Em 1844, ocorreu à invenção do telégrafo que transformou a imprensa escrita, tendo as informações transmitidas em questões de minutos, permitindo relatos relevantes e atuais, ocorrendo nos jornais à manifestação em sociedade do mundo inteiro (Ferreira, 2003). Os jornais tornaram-se o veículo essencial de divulgação e recebimento de informações em meados do século XIX, além de ajudar na divulgação de propagandas revolucionárias.

Em 1920, o rádio teve uma importância significativa no cenário da mídia, e os jornais tiveram que reavaliar o seu papel como principal fonte de informação da sociedade. Isso propiciou pensar que o rádio iria destruir a indústria de jornais. Apesar dos avanços dos meios de comunicação, e a rapidez que a informação poderia chegar, o jornal continuou sendo um veículo confiável o qual poderia propiciar os pormenores das notícias, ao invés de uma informação rápida e curta para atender as necessidades desse novo veículo (Ferreira, 2003).

Com a nova concorrência, começaram a mudar editores, renovaram os formatos e conteúdos dos jornais fazendo com que estes se tornassem mais atraentes, além de aumentar o volume dos textos para oferecer maior cobertura, sendo mais amplos e de maior profundidade. A televisão surgiu também como um poderoso veículo de comunicação, fazendo com que os jornais conseguissem se adaptar as novidades do rádio, e agora da televisão.

Nos anos 90, com o surgimento e a inovação da tecnologia na era digital, ocorreu o aparecimento de milhares de sites na internet. Não decretou o fim da relevância dos jornais, pelo volume e a atualização de informações na internet. Os jornais em papel continuam sendo um veículo popular e poderoso no relato e análise dos eventos que afetam as sociedades (Associação Mundial de Jornais).

Essa evolução tecnológica gerou novas oportunidades e desafios para a mídia tradicional. O jornalismo foi se adequando às épocas com o passar do tempo, sendo uma obrigatoriedade de sobrevivência. Nesse sentido, para atender as necessidades de um público mais exigente, o jornal ampliou as temáticas abordadas para outros setores, como o esportivo e o social.

Outro fator importante para a adequação do jornal que conhecemos hoje foi à elaboração de uma estrutura mais atraente para esse novo público. A estrutura do jornal impresso ganhou novos formatos de organização, começando pelos próprios recursos da edição do jornal como título, imagens fotográficas, ilustração, infografia, a capa do jornal com uma breve apresentação, ou seja, relatando assuntos

primordiais das matérias principais que acabam atraindo a atenção do leitor (Dines, 1996).

Além disso, os jornais tiveram que atender alguns critérios como uma periodicidade, publicados em intervalos regulares, uma capacidade de abrangência de conteúdos, sendo acessível ao público geral, e principalmente o jornal evoluiu do formato das placas, folhetos entre outros até chegar ao formato de caderno mais prático de se manusear utilizando o tamanho Standard (entre 75 cm x 60 cm), dividido em seções, além de uma diagramação com a disposição de textos verbais e não verbais, e gêneros como análises, comentários, críticas e opiniões (Bahia, 2009).

Isso impulsionou a criação de seções ou cadernos com profissionais que, além de serem jornalistas, deveriam o dominar o tema a ser informado aos leitores. Assim, não é cabível apenas um a executar todas as etapas, passou a existir uma equipe que conta com o editor chefe, editores, diagramador e design gráfico que atuam conjuntamente, o que facilita a tomada de decisões para produzir um material de boa qualidade.

Portanto, essa equipe de profissionais, principalmente o jornalista necessita sempre lembrar que, ao elaborar uma notícia, sua primeira lealdade é com os cidadãos e que sua principal obrigação é com a verdade dos fatos. Essa aproximação se dá tanto por meio de notícias que interessem diretamente à população como também na forma como tratam as pessoas na realização de suas matérias.

(...) os meios jornalísticos atuam, sobretudo através do ato de informar os cidadãos, no pressuposto de que estes são atores responsáveis num sistema social de que fazem parte e sobre o qual devem intervir. Informar jornalisticamente será, assim, em síntese, permitir que os cidadãos possam agir responsabilmente (SOUSA, 2002, p.58).

Como afirmam Kovach e Rosentiel (2004, p. 31), cabe ao jornalista “fornecer aos cidadãos as informações que necessitam para serem livres e se autogovernar”. Quando o jornalista esquece pressupostos básicos para o exercício de sua profissão, acaba por afastar o público. A linguagem utilizada também é fundamental. O jornalista não precisa escrever um texto com erros de português, mas também não tem necessidade de complicar a compreensão dos fatos com palavras que não são de uso corrente entre a população. Isso não significa ficar presa a meia dúzia de

verbos ou substantivos, é tarefa do jornalista buscar um meio termo entre o usual e aquilo que ele pode acrescentar de conhecimento ao leitor.

Os meios jornalísticos são um instrumento vital de troca de informações e de estimulação da cidadania, em que o jornalista-mediador assume ou deve assumir um papel essencial. Pelo menos esse deve ser o enquadramento 'ideal' da imprensa (SOUSA, 2002, p. 18).

2.4 Previsão do tempo: tempo e espaço no jornal

Como já foi indicado no tópico 2.1, o jornal atualmente possui formato de cadernos dividido em temáticas. Dentro destes cadernos, o conteúdo editorial habituou-se apresentar vários assuntos com notícias nacionais, internacionais, regionais e locais, além de apresentar seções de conteúdo jornalístico que envolve informações institucionais e de utilidade pública, distribuídas em páginas especiais ou em cadernos como coluna social, cartas dos leitores, horóscopo, quadrinhos, classificados, economia, política, esporte, cultura, turismo, tempo e clima.

O jornal tenta trazer para o seu público, informações que despertem o seu interesse. A questão consiste que nem sempre as reportagens são transmitidas de forma correta, coerente ou completa dos fatos ocorridos. Além de não envolver o leitor na busca de uma construção crítica a respeito do assunto. Por exemplo, quando o jornal trata a respeito de política, as reportagens nem sempre acabam vinculadas com outra seção como a economia, que geralmente tem seus reflexos ligados às organizações políticas, mas o que se observa é que há assuntos entre os cadernos para agirem como uma distração ao leitor.

Esse fato está presente com as matérias a respeito do clima, algumas reportagens acabam apresentando informações inexatas ou superficiais sobre assunto, ou seja, a temática é pouco desenvolvida sem vínculo com outros temas relativos à saúde, a economia agrícola. O jornal como um meio de comunicação deveria ser trabalhado, não só com reportagens superficiais, mas retomar sua abrangência de conteúdos acessíveis ao público em geral.

No cotidiano, a previsão do tempo é um exemplo de informação que o jornal poderia trabalhar com uma linguagem mais acessível pelo fato do seu público alvo muitas vezes não ter conhecimento, pois a interpretação é a avaliação do que se

espera e ocorre em termos de temperatura e precipitação pluvial em um curto período. Nesse sentido, o tempo está constantemente mudando, ou seja, em certo dia poderá fazer Sol pela manhã, mas chover pela noite ou poderá acontecer de ter uma semana chuvosa ou ensolarada.

Para se compreender os elementos ou informações que as notícias de jornal poderiam e deveriam trazer a luz do conhecimento aos seus leitores, se faz necessário conhecer o básico em estudos climáticos. Dentro desse contexto, a geografia como ciência ajuda entender os fatores e os elementos que fazem parte da dinâmica climatológica, como o vento, a chuva, a temperatura, a umidade e a radiação. Mas entender o clima não é uma tarefa muito fácil, pois o mesmo transcende as fronteiras das atividades naturais e humanas, influenciando na água, na flora, na fauna e na agricultura. Além disso, a combinação de outros elementos como relevo, a maritimidade ou continentalidade determinam as características climáticas dos lugares e é responsável pelas diferenças entre as paisagens.

A climatologia constitui no estudo científico do clima, que por sua vez necessita dos estudos meteorológicos para desenvolver suas atividades, isso significa que o objeto primordial do climatologista é as informações básicas do tempo trabalhadas pelos meteorologistas, pois o clima é a associação dos tempos que dentro da climatologia é um elemento fundamental. Isso explica o porquê da Meteorologia e da Climatologia permanecerem, por um longo período da história da humanidade, como parte de um só conhecimento no estudo da atmosfera terrestre (Mendonça, 2007).

Segundo Mendonça (2007), o climatologista trata dos padrões de comportamento da atmosfera em suas interações com as atividades humanas e com a superfície do planeta durante um longo período de tempo. Enquanto que o meteorologista trata do assunto pela dimensão física da atmosfera, ou seja, abordam de maneira individualizada, fenômenos meteorológicos, como trovões, descargas elétricas, nuvens, composição físico-química do ar, previsão do tempo, entre outros. Com isso, o meteorologista em si depende do climatologista, precisando de determinadas informações geográficas que vão dar subsídios às previsões do tempo.

Os estudos meteorológicos permitem elaborar pareceres técnicos para as mais diversas autoridades, além de contribuir em pesquisas ambientais, estudos de

mudanças climáticas e suas consequências para a agricultura, a pecuária, os manguezais, as florestas e os recursos hídricos.

Contudo deve-se ressaltar que esses estudos tanto climáticos como meteorológicos ganharam maior credibilidade com o surgimento e o uso de tecnologias modernas, sobretudo os satélites, que atualmente oferecem dados, que ajudam a produzir resultados cada vez mais precisos sobre chuvas, secas, temporais, furacões, geadas, entre outras. Um bom exemplo desses resultados são as previsões de médio e longo prazo, que antes eram inexatos e agora são gerados com certo grau de acerto pela meteorologia em comparação com alguns anos atrás, sem todo esse aparato (GARBIN et al., 2011).

Houve um determinado tempo em que as cartas sinóticas, fundamentais para o estudo das massas de ar e dos tipos de tempo, eram traçadas sem o auxílio dos computadores e “plotters”. Para elaboração dessas cartas era necessário obter os dados observados por intermédio das estações climatológicas principais, que eram completas e apresentavam todas as informações para a utilização e coleta de dados (GARBIN et al., 2011).

No Brasil a proposta de ter estações climatológicas é justamente espacializar o máximo que puder sobre uma determinada área. Segundo IAPAR (1994), as primeiras estações meteorológicas do Paraná foram instaladas no início do século XX pelo Instituto Nacional de Meteorologia, ligado ao Ministério da Agricultura, um conjunto de estações que permitiam a coleta de dados, e desses dados fazer uma previsão do tempo. Atualmente, o uso dos computadores se torna indispensável porque a quantidade de dados que se obtém é “absurda”, não só de satélites meteorológicos, mas também de estações que são processados conjuntamente, para a realização da previsão do tempo.

Esse aparato tecnológico foi sendo utilizado pelo jornal, começando pelo Estado de São Paulo, que passa utilizar as imagens de satélites a partir dos anos 90. Entre os anos de 80 até 90, a informação era só descritiva se utilizado de símbolos com ícones (desenho de sol, chuva), facilitando a compreensão da linguagem no mapa. Atualmente as análises são mais complexas (GARBIN et al., 2011).

Na televisão houve mudanças radicais, com utilização do símbolo icônico, que acaba trazendo as características mais marcantes do objeto. Como mencionam Parker e Coimbra (1995), essa simbologia visa facilitar a compreensão da

informação. Já com o símbolo abstrato exige um grau de conhecimento que apresenta leitura para poucos, a icônica é um símbolo mais básico, simplesmente para comunicar, por exemplo, se vai chover ou vai estar nublado (GARBIN et al., 2011).

Entretanto, deve-se ressaltar que o jornal não serve apenas para informar sobre os dados meteorológicos, mas também das consequências geradas por diferenças no seu padrão climático, ou seja, deve retratar também dos fatos que ocorreram em função de um comportamento atípico para o período, aquilo que foge da normalidade do clima esperado para aquela área afetada.

Um exemplo recente do que foi retratado anteriormente, está indicado na Figura 3. Foi um ciclone batizado por Catarina que atingiu a costa Sul de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul, entre os dias 27 e 28 de março de 2004, com ventos muito fortes, deixando rastro de destruição e mortes. Segundo Villela (2004), os furacões não ocorriam no Atlântico Sul devido à baixa temperatura da superfície do mar e também devido aos ventos desfavoráveis nos níveis atmosféricos mais altos. A Figura 4 ilustra o rastro deixado por esse ciclone no município de Arroio do Silva (SC).

Além disso, o fato mais intrigante foi que o modelo de previsão de tempo ETA do CPTEC, de escala regional, mostrava que este sistema se deslocava do oceano para a costa. Foi a primeira vez que este tipo de sistema foi observado se formando sobre o Atlântico Sul e se deslocando para oeste, em direção à costa (CALEARO, 2004).



Figura 3 – Ciclone Catarina ao largo da costa de Santa Catarina se aproximando do litoral Norte do Rio Grande do Sul e Sul de Santa Catarina. Fonte: Imagem de satélite NASA (2004).



Figura 4 – Destruição no Arroio do Silva – Santa Catarina
 Fonte: Jornal o interior (29/03/2004).

Os serviços meteorológicos de outros países estão bem mais equipados do que os do Brasil. Isso ocorre pela falta de recursos financeiros, de infraestrutura e técnicos. Esse fenômeno que ocorreu em Santa Catarina é um exemplo recente da situação a respeito da falta de informação e de equívocos, que trouxe transtornos socioeconômicos e perdas de vidas, que poderiam ser evitadas se houvesse um sistema de informação meteorológico eficiente.

Os Estados Unidos e diversos países europeus já possuem serviços de previsão do tempo cujo principal objetivo é evitar tragédias. Em linhas gerais estes serviços haviam sido criados com base no pressuposto de que a trajetória das tempestades podia ser inferida, com alguma antecipação, a partir de uma análise das isóbaras traçadas em um mapa com os dados fornecidos por uma rede de estações meteorológicas interligadas pelo telégrafo (FLEMING, 1990).

Segundo Calearo (2004), houve problemas entre os centros de meteorologia brasileiros na forma de tratar e informar a população em geral sobre o ciclone em Santa Catarina. Várias informações contraditórias foram divulgadas pela mídia, resultando em confusão. O ideal era desenvolver um plano de prevenção e controle de desastres naturais nos estados afetados pelas adversidades climáticas, isso ajudaria a prevenir e diminuir as consequências desses fenômenos.

Entretanto isso só é possível quando ocorrer uma parceria entre os governos e os centros de pesquisas meteorológicos e climáticos. Caberia aos governos darem apoio financeiro aos centros de pesquisas, e estes desenvolveriam pesquisas que auxiliassem a prever e apontar as causas e efeitos de fenômenos extremos,

ajudando a melhorar os planos de mitigação dos efeitos causados por esses fenômenos, como chuvas extremas, secas, furacões.

A obtenção de informações mais precisas diminuiria os riscos da transmissão, por parte da mídia, de informações equivocadas e superficiais à população. Entretanto, isso não garante que o jornal desenvolva textos que estimulem a capacidade de interpretar, analisar e desenvolver críticas a respeito do tema abordado pelo jornal. Isto também envolveria as discussões relativas à educação brasileira, e este aspecto foge do escopo deste trabalho.

3. MATERIAL E MÉTODO

3.1 Levantamento do material jornalístico

O objeto de estudo utilizado foi o jornal “O Diário do Norte do Paraná”, fonte do jornal local que está localizado no município de Maringá. As edições do jornal, necessárias para o desenvolvimento deste trabalho, foram obtidas na biblioteca municipal professor Bento Munhoz da Rocha Netto da prefeitura municipal de Maringá. Valeram-se das seleções das edições do período de janeiro de 1982 a dezembro de 1983, como ilustra a Tabela 1 (p. 27), em função dos eventos extremos de chuvas que aconteceram por consequência da anomalia de temperatura da superfície do mar do Oceano Pacífico Equatorial e que refletiu no aumento dos valores de pluviosidade e conseqüentemente em prejuízos significativos para a sociedade em geral, segundo Trenberter (1997).

A partir do levantamento das edições desse período foi realizada a seleção das matérias dos jornais, que versavam a respeito dessas conseqüências e seus efeitos para a sociedade. Das 730 edições do jornal apenas 57 reportagens se enquadram no contexto esperado.

As predominâncias de reportagens observadas no Paraná do período de 1982 foram nas regiões norte-central, centro-oeste, centro-sul e norte paranaense. No período de 1983 as reportagens apresentaram uma abrangência nas regiões norte-central, centro-ocidental, centro-oriental, centro sul, oeste, sudoeste, sudeste, noroeste e norte paranaense, sendo que o foco das matérias jornalísticas é regional, atendendo ao critério de abrangência das reportagens no Estado do Paraná.

Das reportagens do período de 1982/1983 foram obtidas 18 matérias que retrataram a respeito das conseqüências meteorológicas sobre a economia, mostrando um estrago na agricultura; uma reportagem sobre a saúde, mostrando os prejuízos que tanto as altas temperaturas como as baixas temperaturas acabam causando doenças respiratórias, insolação, gripes; 28 matérias sobre o prejuízo que a chuva causou, com eventos catastróficos na região expondo as atividades humanas a altos riscos e isso gerou a taxa de mortalidade com 10 reportagens.

3.2 Levantamento dos dados meteorológicos

Foram solicitados os dados de precipitação pluviométrica do período de 1979 a 2009, utilizados para a obtenção de um valor médio, referente ao período de no mínimo 30 anos, que corresponde ao tempo mínimo sugerido pela Organização Mundial de Meteorologia (1966), para estudos ou observações da variabilidade climática, obtidos na Estação Climatológica Principal de Maringá (ECPM), situada entre a latitude 23°25'S e longitude 51°57'W, possuindo uma área de 500 km², e localizada na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Dentro desse período de 30 anos, selecionaram-se os anos de 1982/1983, como anos atípicos de excedente hídrico, ou seja, os valores de precipitação pluviométricos estiveram acima do valor médio esperado para a região de Maringá. Apesar de haver outros anos atípicos para esse mesmo período, a escolha de 1982/1983, está relacionada ao fato de ser um período de referência científica do evento de El Niño de intensidade forte, como mostra a distribuição temporal de ocorrência dos eventos de El Niño (Tabela 2, p. 30), além disso, os anos serviram como base para seleção das edições do jornal.

O fenômeno El Niño, segundo Trenberter (1997), começa a ocorrer no ano de 1982 a partir do mês de julho e termina em dezembro de 1983 (Tabela 1, p. 30), mas para se tornar compreensível o fenômeno, optou-se por realizar um levantamento das edições do jornal, desde o começo do ano, para se observar a dinâmica do jornal não somente com a anomalia, mas também essa dinâmica antes da ocorrência do fenômeno.

Tabela 1 – Anos de ocorrência de El Niño no período de 1951 até 1998, definida a partir da temperatura da superfície do mar para a região do El Niño (1+2) excedendo valores de 0,4°C (positivo ou negativo).

Período de El Niño	
Início/final	Duração (meses)
Mai/51 a jan/52	9
Fev/53 a nov/53	10
Fev/57 a jul/58	18
Jul/63 a nov/63	5
Mar/65 a jan/66	11
Mar/69 a jan/70	11
Fev/72 a fev/73	13
Mai/76 a jan/77	9
Jun/79 a jan/80	8
Jul/82 a dez/83	17
Out/86 a dez/87	15
Nov/91 a jun/92	8
Fev/93 a jun/93	5
Out/94 a fev/95	5
Mar/97 a out/98	20

Fonte: Trenberter (1997), adaptado por Baldo (2000) e atualizado por Sousa (2006).

Tabela 2 – Ocorrência de El Niño.

1951	1953
1957 - 1959	1963
1965 - 1966	1968 - 1970
1972 - 1973	1976 - 1977
1977 - 1978	1979 - 1980
1982 - 1983	1986 - 1988
1990 - 1993	1994 - 1995

Legenda: Forte Moderada Fraco

Fonte: Rasmusson e Carpenter 1983, Monthly Weather Review, Ropelewski e Halpert 1987, Monthly Weather Review. Cold episode sources Ropelewski e Halpert 1989, Journal of Climate. Climate Diagnostics Bulletin. A intensidade dos ventos é baseada no padrão e magnitude das anomalias da TSM do Pacífico Tropical.

A partir desses dados foi possível elaborar a Figura 5 (p. 32) e as Tabelas 3 (p. 33) e 6 (p. 46), que permitiram complementar as análises das reportagens do jornal. Foram divididos em trimestres os meses nas matérias de jornais para facilitar as análises dos fatos descritos.

4. ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DO JORNAL “O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ”

O jornal “O Diário do Norte do Paraná” é um jornal local que abrange as notícias das regiões do Paraná; é considerado também a de maior tiragem de Maringá e é considerado um grande veículo impresso de comunicação.

As análises feitas das notícias desse jornal, entre os anos de 1982 e 1983, buscam mostrar como o jornal transmite as informações que versem a respeito dos temas ligados a climatologia e como a sociedade interage com os efeitos causados por esta temática.

Além disso, foram observadas outras temáticas, que para aquele momento tiveram grande relevância para a sociedade em geral, como por exemplo, os acontecimentos políticos brasileiros. Isto se deve porque foram anos em que ocorriam as primeiras eleições para governador nos Estados brasileiros, depois de muito tempo dominado pelas imposições delegadas pelos comandantes do exército, e também pelo *Movimento Civil das Diretas Já*, que reivindicava por eleições presidenciais diretas, portanto as atenções dos jornais em geral estavam focadas para os eventos políticos.

Na época, a imprensa foi uma das grandes incentivadoras e divulgadoras do Movimento Diretas Já, abrindo espaço em suas páginas ou suas grades de programação para mostrar as ações que mobilizavam a população e também explicando o processo de tramitação da emenda Dante de Oliveira. Os veículos de comunicação – alguns desde o início, outros após o movimento ter atingido grandes proporções – tiveram papel fundamental (juntamente com outras instituições sociais) na amplitude que o movimento alcançou (LOPES, 2007, p. 02).

Para efeito de comparação dos anos de 1982 e 1983, foram observadas as anomalias de precipitação pluviométrica mensal analisada com as matérias de jornais utilizando a Figura 5 (p. 32). É possível notar a sequência do mês seco em março, abril e maio, além das chuvas que ocorreram nos três últimos meses (outubro, novembro e dezembro) para o ano de 1982.

Isso tem continuidade até 1983 com vários meses chuvosos, na sequência dos meses de abril e maio, no mês de junho e setembro em que a precipitação ficou muito acima do esperado da média.

A partir de julho, como mostra a Tabela 1 (p. 30), é considerado o começo do período El Niño, com a ocorrência de chuvas mais intensa, apresentando valores acima do “normal”.

Pode-se perceber, assim como mostra a Figura 5, que as reportagens analisadas estão principalmente no período de 1983, no qual houve as maiores ocorrências do fenômeno e os valores do TSM (Temperatura da Superfície do Mar), que apresenta uma variação na sua linha começando acima do valor positivo atinge seu ápice em junho e depois declina até dezembro normalizando a TSM. Como se observa na Figura 5, os picos maiores de anomalia estão nos meses de março, junho e setembro de 1983. Para o ano de 1982 a linha de TSM ocorre o inverso, apresenta abaixo do valor e depois vem subindo de acordo com os valores da precipitação pluviométrica.

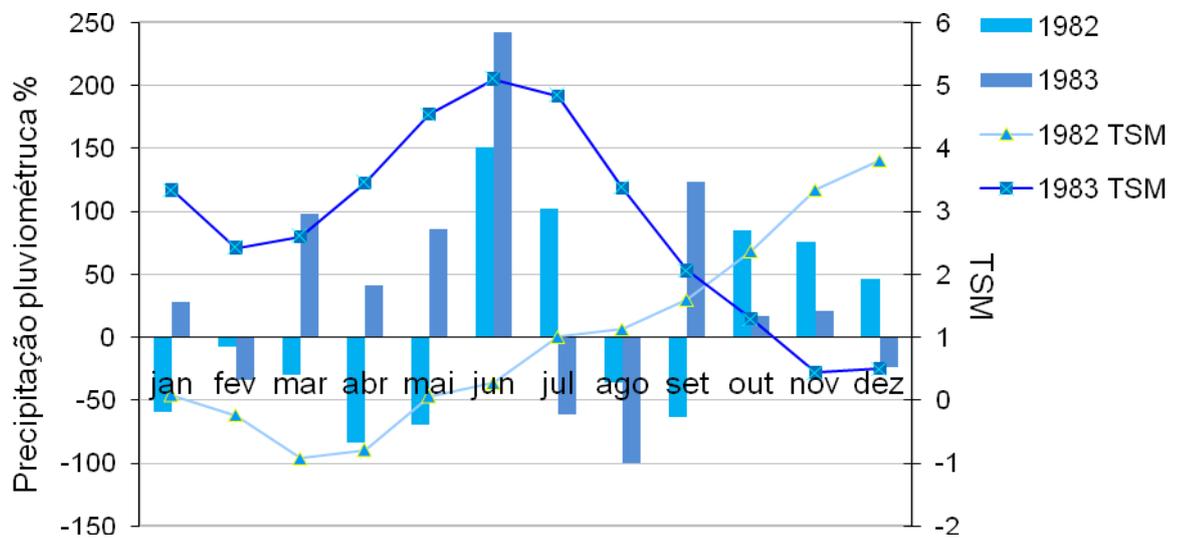


Figura 5 – Anomalia de precipitação pluviométrica mensal de 1982 e 1983 em Maringá, a anomalia de temperatura da superfície do mar para a região do El Niño (1+2) excedendo valores de 0,4°C (positivo).

Fonte: Estação Climatológica Principal de Maringá, 2011.

4.1 Levantamento das notícias do período de janeiro a dezembro de 1982

Foi verificada que boa parte do ano, pouco foi comentado a respeito dos impactos gerados pelo El Niño, já que seus efeitos foram intensos a partir do segundo semestre desse ano, como mostra a Tabela 3 (p. 33). Esta tabela também mostra os valores totais ocorridos em cada mês do ano de 1982, e os valores médios mensais para o período de 1979 a 2009, assim como seus respectivos valores anuais.

Tabela 3 – Dados de precipitação pluviométrica do ano de 1982 para a cidade de Maringá - PR.

Mês	Total de precipitação mensal (mm)	Média de precipitação Mensal (mm)
	1982	1979 -2009
Janeiro	87	210,52
Fevereiro	172,6	187,29
Março	97,5	139,69
Abril	20,1	124,15
Mai	38,8	127,94
Junho	240,5	95,77
Julho	128,6	63,54
Agosto	36	56,03
Setembro	51,1	138,26
Outubro	294,7	159,81
Novembro	261,4	148,98
Dezembro	299,4	204,45
Valor Anual	1727,7	1656,4

Fonte: Estação Climatológica Principal de Maringá (2011).

4.1.1 Janeiro, fevereiro e março de 1982

Os meses de janeiro e fevereiro correspondem ao período com elevada média de precipitação mensal no que se refere à série histórica. Entretanto foi observado para o ano de 1982 um comportamento irregular entre esses meses, com ocorrência de pouca chuva em janeiro e março, e em fevereiro próximo da média (Tabela 3). No que se refere às reportagens foram observadas edições que continham quatro matérias que retratavam sobre as consequências do comportamento da chuva nesse período (Tabela 4).

Tabela 4 - Quantidade das matérias de jornais de 1982, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuva.

Categoria	Janeiro	Fevereiro	Março
Economia	-	2	-
Taxa de mortalidade	-	-	-
Saúde	-	1	-
Outros	-	-	-

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982).

Em janeiro de 1982 houve precipitação pluviométrica de 87,0 mm (Tabela 3), sendo que ficou em 59% abaixo do esperado da média para a região, como pode

ser observado na Figura 6, sendo que o esperado era um mês chuvoso, o que não veio a ocorrer. Segundo a ECPM (Estação Climatológica Principal de Maringá) a maior precipitação pluviométrica registrada foi 34,0 mm no dia 09/01/82.

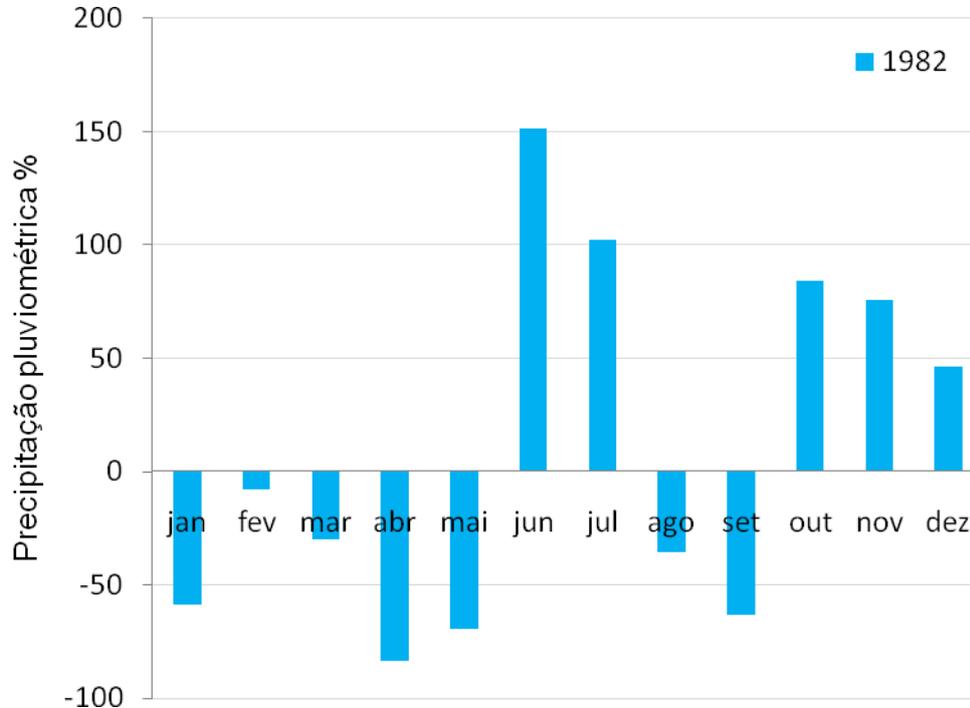


Figura 6 – Anomalia de precipitação pluviométrica mensal de 1982 em Maringá.
Fonte: Estação Climatológica Principal de Maringá, 2011.

Logo que se inicia o ano, o jornal vem apresentando assuntos sobre a política na região, tentando mostrar ao leitor como essa estava envolvida dentro da sociedade.

O que se observou nas leituras realizadas nesse mês foi a não abordagem das possíveis consequências que esta estiagem poderia ocasionar para a região, como, por exemplo, os problemas relacionados à saúde, que geralmente afetam às crianças e idosos que sofrem com doenças respiratórias ocasionadas pela baixa umidade do ar e as elevadas temperaturas. Na agricultura e pecuária esses reflexos só foram observados no mês seguinte quando forem contabilizadas suas produtividades.

No mês de fevereiro de 1982 apresentou-se precipitação pluviométrica de 172,6 mm, valor próximo dos 187,29 mm esperado (Tabela 3, p. 33). Entretanto, por conta dos 59% de chuvas a menos registrados no mês de janeiro, a região sofreu com a estiagem que acabou prejudicando a agricultura e refletindo diretamente na cidade, pois nesse mês, até meados da década 1990, havia uma relação de

dependência entre o comércio e o campo, portanto havendo quebra drástica na produção o comércio também seria prejudicado.

Nesse contexto a manchete de jornal, retratou a queda da produção, pois foi um momento em que se esperava uma boa produção nas safras. Além disso, a estiagem que ocorreu em janeiro induziu a redução no plantio.

a) Na manchete “A estiagem continua e os prejuízos podem aumentar” (03/02/82, p. 01-03), Figura 9 e 10 (p. 82-83), mostra que por conta do mês seco de janeiro, houve como reflexos prejuízos na agricultura para o Estado, que contou com o ataque de pragas e doenças nas lavouras, e, em especial, enfatizou-se a cigarrinha.

Houve quebra na produção de arroz que chegou a 25%, o algodão também apresentou uma quebra de 20% segundo levantamento do secretário Eugênio Stefanello⁴ da Secretaria da Agricultura do Paraná, além do milho e da soja que também sofreu por essa falta de chuva na região (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 03/02/82, p. 01).

Na região de Umuarama e Paranavaí, os reflexos da falta de precipitação no mês acabaram atingindo as cidades trazendo prejuízos na pastagem, apresentando a falta de alimento para os animais.

Como a chuva dos últimos tempos não foi geral, apenas localizada, há lugares que ainda não foram afetados pela seca. Os pastos, no entanto, sofrem bastante em termos gerais, pois aumenta a incidência da "cigarrinha"⁵ e há impedimento do rebrote da planta (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 03/02/82, p. 03).

A estiagem que causou prejuízos nas lavouras do Paraná prejudicou a população da região. Com o intenso calor, a população começou a sair de casa para passear e o parque do Ingá segundo o jornal foi um dos locais mais frequentados em época das altas temperaturas, recebendo visita da população. Como relata o jornal, “(...) a população sai a passeio, com o registro de um aumento em lugares de muito verde, como o parque do Ingá” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 03/02/82, p. 01).

Muitos procuram a sombra das árvores para descansar, ler, conversar e, quando o sol não está muito forte, passear de pedalinho no lago do bosque. (...) Como sempre, as autoridades sanitárias alertam para o perigo da desidratação, que fez algumas vítimas no ano passado, em sua maioria por

⁴ Engenheiro Agrônomo, Mestre em Economia Rural, Doutorando em Engenharia da Produção, ex presidente da CONAB e ex Secretário da Agricultura do Paraná, Professor da UFPR e da FAE Business School – Centro Universitário.

⁵ As cigarrinhas têm causado grandes prejuízos à agricultura e à pecuária nacional, destruindo pastagens, bem como alguns cereais, como arroz, milho e sorgo. Devido ao hábito de sugar constantemente a seiva das plantas, as ninfas das cigarrinhas empobrecem ou esgotam rapidamente a vegetação, causando desequilíbrio hídrico, que obriga as plantas a absorverem um maior volume de água do solo.

falta de cuidados ideais para com a criança (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 03/02/82, p. 03).

Como forma de amenizar o calor a população procurou alternativas para se refrescar por conta das temperaturas elevadas e com um aviso na nota de jornal das autoridades sanitárias a respeito do cuidado com a desidratação que pode causar vítimas.

b) Na manchete “Perigo de maleita no rio Paraná” (19/02/82, p. 01, Ano VIII, Nº 2.389), Figura 11 (p. 83), o jornal retrata a respeito do contágio da malária que fez vítimas nas barrancas dos rios, por conta da estiagem que ainda predominava nas águas do rio Paraná em que baixaram pela falta de chuva, trazendo outro perigo para moradores e pescadores da região.

Segundo o jornal, “O aviso, do Serviço de Proteção contra a Malária, é para que as pessoas evitem o rio Paraná para acampar nesse carnaval, pois a transmissão da doença poderá ser inevitável” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 19/02/82, p. 01).

O clima pode representar um fator favorável ou desfavorável à sobrevivência e proliferação dos anofelinos (vetor), nos estágios larva ou alado (...) da sobrevivência até o ciclo reprodutivo, dependendo de condições ligadas a temperatura, umidade relativa do ar e condições de vento (FERREIRA, 1996, p. 233).

Nessas condições houve um mês muito seco para a proliferação dos insetos, na maioria dos casos precisa-se de um período anterior chuvoso e depois um mês seco para terminar o ciclo de reprodução. Segundo Anjos (2003), as epidemias ocorrem geralmente no verão, durante ou após períodos chuvosos. Mas em geral, o mosquito precisa da água para botar os ovos, ter o período de maturação e depois eclodir.

c) Na manchete “Paraná espera boas safras” (21/02/82, p. 03, Ano VIII, Nº 2.391), Figura 12 (p. 84), o jornal apresenta um balanço da situação da safra no Paraná, começando por janeiro que teve altas temperaturas e insolação, mesmo com o período seco, colheu expressivas safras agrícolas dos produtos em 1981 até início 1982. Tiveram-se as quebras, mas no geral estava dentro das perspectivas de produção estimadas na fase de plantio, segundo o Departamento de Economia Rural da Secretaria da Agricultura do Paraná.

No cultivo do algodão houve a quebra na produção, intenso ataque de ácaros e lagartas. Já a soja, considerado o “carro-chefe” da economia agrícola paranaense, ultrapassou o café segundo o jornal. O arroz apresentou uma redução

na sua produção e o feijão teve uma produtividade baixa. Por fim, o milho acabou sendo prejudicado pela estiagem de janeiro, tendo queda de produção.

Nesta nota, o jornal acaba trazendo um balanço geral do começo do ano das safras agrícolas no Paraná, com perdas na produtividade, a baixa qualidade e os reflexos da estiagem que ocorreu do mês anterior.

Em março de 1982 foi registrado total de 97,5 mm de precipitação pluviométrica, esperado um mês chuvoso, como mostra a Tabela 3 (p. 33), e se observou 30% abaixo do normal (Figura 6, p. 34). Apesar disso, não foi observado registros de informações a respeito da baixa precipitação ocorrida na região pelo jornal, sendo as matérias direcionadas para a política.

4.1.2 Abril, maio e junho de 1982

Entre os meses de abril e maio as precipitações pluviométricas ficaram abaixo do esperado, enquanto em junho teve um grande volume de chuvas. Nesse trimestre não foi observado nenhum tipo de reportagem que abordassem a respeito das consequências econômicas, sociais ou de outra natureza. O jornal poderia ter trabalhado com a ocorrência da falta e o excesso de chuvas apontando suas consequências no prejuízo na economia, tragédias, mas não houve reportagens que tratassem desses temas.

Nos meses de abril e maio de 1982 a precipitação esteve abaixo do esperado, registrando total de 20,1 mm para abril e 38,8 mm para maio (Tabela 3, p. 33), uma redução de 70 e 84%, respectivamente, em relação à média.

Entretanto no mês de junho de 1982 ocorreu o inverso, registrando total de 240,5 mm de precipitação pluviométrica (Tabela 3, p. 33), observando uma porcentagem de 60% acima do normal, como mostra a Figura 6 (p. 34).

Esse excesso de chuvas pode causar transtornos e problemas de saúde, por ser um período de inverno ocorre à proliferação de fungos e bactérias, típico de verão, que podem desencadear processos alérgicos por conta da umidade. Por outro lado, pode prejudicar a dinâmica do trânsito, cominando maior número de veículos com pistas molhadas em maior possibilidade de acidentes nas cidades e estradas da região.

4.1.3 Julho, agosto e setembro de 1982

A partir do mês de julho de 1982 a dezembro de 1983 (Tabela 1, p. 30), observa-se a ocorrência da anomalia da TSM do Oceano Pacífico Equatorial, que afetaram significativamente o comportamento da precipitação pluviométrica na região Sul do Brasil, com valores acima da média esperada para a região.

Com relação às reportagens do período de julho a setembro, não foram observadas matérias que retratassem das consequências ocorridas em função dos excessos de chuvas, pois nessas edições o jornal estava direcionado à política, em especial sobre a primeira eleição para governador.

Os meses de julho e agosto são tipicamente períodos de estiagem, ou seja, são meses que dentro do período de 1979 a 2009 apresentam baixa precipitação pluviométrica. Entretanto, o mês de julho de 1982 foi marcado pelo excesso de chuvas com uma anomalia de 102% acima do normal, como se observa na Figura 6 (p. 34).

Em contrapartida, os meses de agosto e setembro foram marcados pela baixa precipitação pluviométrica, observando uma porcentagem de 36% e 63%, respectivamente, abaixo do esperado. Nota-se este fato na Figura 6 (p. 34).

4.1.4 Outubro, novembro e dezembro de 1982

Entre os meses de outubro, novembro e dezembro que corresponde ao período das temperaturas mais elevadas, a precipitação com maior frequência e intensidade foi observada a influência do fenômeno El Niño. Notou-se o grande volume de chuvas muito acima da média em quase todas as regiões do Paraná, e houve reportagens que trataram das consequências do comportamento do excesso de chuvas nesse período (Tabela 5).

Tabela 5 - Quantidade das matérias de jornais de 1982, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuva.

Categoria	Outubro	Novembro	Dezembro
Economia	1	-	2
Taxa de mortalidade	-	-	1
Saúde	-	-	-
Outros	1	-	2

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982).

No mês de outubro de 1982 ocorreu uma redução no plantio das culturas de verão e muitas chuvas torrenciais com precipitação pluviométrica de 294,7 mm (Tabela 3, p. 33); ficando 84% acima do esperado, como se nota na Figura 6 (p. 34). Considerado um mês chuvoso houve prejuízos à economia, atrasando a colheita e deteriorando estradas na região de Maringá.

a) Na manchete “Redução no plantio de culturas de verão” (07/10/82, p. 06, Ano IX, Nº 2.578), Figura 13 (p. 84), com a falta de chuvas em agosto e setembro ocorreu um prejuízo no plantio da safra de verão que atrasou no Paraná. Isto ocasionou perda na produtividade e a falta de créditos de custeio⁶ segundo o jornal. No Paraná, o centeio e a cevada acabaram sendo prejudicados pelo ataque de doenças fungicas e a produção de trigo foi afetada pelo excesso de chuvas e também pelo ataque intensivo de doenças.

Por outro lado, as chuvas ocasionaram benefícios à agricultura paranaense, apesar do El Niño ser um evento que, geralmente, traz transtornos e prejuízos, nesse caso acabou trazendo benefícios às lavouras de milho, que germinaram e se desenvolveram para a formação de silagem e para a alimentação de animais.

As chuvas recentes vieram beneficiar a implantação das lavouras de milho para formação de silagem, cujos plantios vinham-se demorando devido à falta de umidade do solo. Beneficiam ainda as pastagens anuais, cujo rebrote já estaria sendo prejudicado pela seca (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 07/10/82, p. 06).

Na reportagem, o jornal faz um balanço geral no final do ano sobre as culturas de verão, indicando que houve uma redução na produção agrícola em função das chuvas que vieram a prejudicar a safra. Segundo Motta (1986), a agricultura, nas atividades econômicas, é que apresenta maior dependência das condições climáticas, consideradas como fatores de maior responsabilidade no rendimento anual de grãos. Alguns estudos mostraram claramente a relação existente entre os elementos meteorológicos e a produção de grãos.

b) Na manchete “Chuvas torrenciais, a principal causa das dificuldades para o abastecimento de água em Maringá” (29/10/82, p. 01 e 05, Ano IX, Nº 2.596), Figura 14 (p. 85), as chuvas torrenciais acabaram causando dificuldade para a manutenção do abastecimento de água em Maringá em 1982. A estação de

⁶ Pode-se destinar o crédito de custeio: ciclo produtivo de lavouras periódicas, de entressafra de lavouras permanentes ou da extração de produtos vegetais espontâneos, incluindo o beneficiamento primário da produção obtida e seu armazenamento no imóvel rural ou em cooperativa. (Fonte eletrônica: www.custeioagricola.com.br/perguntas.html/).

captação no rio Pirapó e a estação de tratamento de água da Avenida Pedro Taques tinham capacidade para produzir 520 litros por segundo de água tratada, no entanto, o processamento estava sendo feito a uma velocidade de apenas 240 litros por segundo, de acordo com fonte do jornal, e informado pela Superintendência Regional Noroeste da Companhia Paranaense de Saneamento (Sanepar) sediada em Maringá.

No mês de outubro os produtores de soja estavam se preparando para o plantio, como nessa época poucos produtores praticavam o plantio direto⁷, o solo ficava exposto, quando chovia a terra era levada por intensas enxurradas que carregava essa matéria para dentro do leito dos rios. O aumento significativo de sedimento na água do Pirapó acabou prejudicando o processo de captação e tratamento da água.

A baixa velocidade de tratamento decorre da péssima qualidade da água que está sendo captada no rio Pirapó, em vista das chuvas torrenciais que tem caído ininterruptamente na bacia do rio Pirapó e por ser época de plantio de soja, estando às terras descobertas e soltas, sendo levadas em grandes quantidades para os rios (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 29/10/82, p. 05).

O superintendente Antonio Carlos Nery relatou que as dificuldades serão afastadas quando as chuvas diminuírem ou à medida que estiver passando a época do plantio da soja, porque quando passar esse período significa que a planta já se desenvolveu, se tornando uma cobertura para diminuir o impacto das chuvas, sendo menor esse impacto, menor será a quantidade de material levada para os leitos dos rios.

Como se notou na reportagem, os agricultores que utilizavam o plantio convencional acabavam prejudicando o solo que sofria com as queimadas e ficava exposto, e quando ocorriam às chuvas as enxurradas carregavam o material (sedimentos) para o leito dos rios, e com o aumento de sedimentos dentro do leito se tornaria um problema para o tratamento de água, que poderia prejudicar o abastecimento de água da população.

Se os agricultores tivessem optado pelo plantio direto, não ocorreriam tantos prejuízos. Segundo Landers (2005), o sistema do plantio direto originou-se da intenção de combater a erosão. Esse efeito resulta do controle do escoamento da

⁷ Plantio direto: origina-se do conceito de plantar diretamente sobre o solo não lavrado, e o termo “na palha” acrescenta a ideia de manter o solo sempre protegido por resíduos orgânicos.

Plantio convencional: é o cultivo dos campos utilizando as técnicas tradicionais de preparo do solo (Fonte eletrônica: <http://www.agricultura.gov.br/>).

água de chuva por meio de resíduos que reduzem a velocidade da água em movimento dando mais tempo para sua infiltração. Além disso, é uma tecnologia de considerada de ponta, que dá lucro, é sustentável e protege o ambiente.

Mas havia muita resistência por parte dos agricultores da época com relação a esse plantio direto, pois achavam que não poderia dar certo, que traria mais transtornos do que retorno. Outra questão levantada pela reportagem foi à falta de matas ciliares na bacia do rio Pirapó, enfatizando que as matas ciliares podem resolver os efeitos danosos sobre o abastecimento de água.

Segundo Martins (2005), as matas ciliares são aquelas que ocorrem ao longo dos cursos d'água, incluindo tanto a ribanceira de um rio ou córrego, de um lago ou represa, banhadas ou veredas, como também as superfícies de inundações e que sofrem influência do lençol freático.

Segundo os Técnicos da Superintendência Noroeste, as dificuldades somente serão afastadas em definitivo com a conscientização da população ribeirinha da bacia do Pirapó, para que preservem as matas ciliares ou as recomponham, preservando as barrancas dos rios.

Estamos tendo grandes dificuldades porque a época de chuvas fortes está coincidindo com a época de plantio, com a terra descoberta e solta. Quando a soja começar a nascer, formando uma proteção natural a terra, ou a época de chuvas fortes de verão passar, o problema estará afastando temporariamente. Mas nada garante que não volte a ocorrer nos próximos anos, na mesma época. Só a existência de matas ciliares em toda a bacia do Pirapó afastará em definitivo estas dificuldades (...) (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 29/10/82, p. 05).

A última afirmativa do técnico da superintendência tende a ser equivocada uma vez que só a existência das matas ciliares não é o suficiente para deter os impactos gerados por chuvas fortes em solos expostos. Hoje já se sabe que a presença das matas ciliares é mais eficiente quando conciliadas a outras técnicas de conservação do solo como, por exemplo, o plantio direto e as curvas de níveis. Mas devesse ressaltar que na década de 1980 o conhecimento dos benefícios e contribuições acerca das matas ciliares, do uso da técnica do plantio direto e das curvas de níveis, ainda era muito incipiente e pouco praticada no Brasil.

Em novembro de 1982 é o mês que apresentou um impacto de eventos El Niño no sul do Brasil, produzindo significativas anomalias positivas de precipitação, com 261,4 mm de chuvas (Tabela 3, p. 33), e uma anomalia de 75% (Figura 6, p. 34), ficando muito acima do esperado.

O jornal não apresentou referências a respeito de reportagens no mês de novembro sobre período chuvoso porque o foco do jornal estava nas questões políticas, pois era o mês das eleições naquela época, em 15 de novembro de 1982 o eleitorado brasileiro foi convocado às urnas para ajudarem nas apurações eleitorais e a eleger os governadores que administrariam seus Estados.

No mês de dezembro em 1982 com o período muito chuvoso, pela consequência do fenômeno El Niño estar atuando, houve prejuízos à economia com perda na agricultura, além de enxurradas e até mortes. A precipitação pluviométrica registrada foi de 299,4 mm (Tabela 3, p. 33), apresentando 46% acima do esperado, como mostra a Figura 6 (p. 34).

a) Na manchete “Tempestade arrasa casas” (02/12/82, p. 01, Ano IX, Nº 2.623), Figura 15 (p. 85), o jornal informou sobre uma violenta tempestade que acabou arrasando casas na baía de São Francisco, Estados Unidos, com ventos de até 110 quilômetros por hora.

Como relata o Jornal O Diário, “A tormenta, proveniente do Oceano Pacífico, provocou danos numa ampla área do norte da Califórnia” (Jornal o Diário do Norte do Paraná, 02/12/82, p. 01). Enquanto na região Sul do Brasil sofria com o período intenso de chuvas, nos Estados Unidos também enfrentavam as violentas tempestades, mostrando que não é só o Brasil quem sofre com as fortes chuvas, esse impacto acontece a nível global.

b) Na manchete “Excesso de chuvas prejudica safra” (03/12/82, p.03, Ano IX, Nº 2.624), Figura 16 (p. 86), a matéria enfatiza sobre os prejuízos que aconteceram no setor agrícola e afetou a produção do algodão, do feijão, do amendoim por causa do excesso de chuvas, além de ter causado danos às áreas de pastagem diante do aumento descontrolado da erosão, fazendo com que os agricultores ficassem apreensivos a instabilidade climática, com isso muitos agricultores ficaram impedidos de iniciar a colheita por causa das chuvas.

Na mesma reportagem o jornal trata a respeito dos prejuízos no setor agrícola, pois o excesso de umidade acabou prejudicando o solo e o ataque de doenças bacterianas e fúngicas na safra. A soja, o algodão, o feijão aparecem como as culturas castigadas pelas intempéries, causando quebra na qualidade desses produtos agrícolas.

O jornal cita na reportagem sobre a questão do plantio direto, os agricultores que aproveitaram o sistema deste método não tiveram muitos prejuízos, pois

terminou a colheita, se ter condições apropriadas (umidade), podem estar plantando, nem precisando do tratamento que é o arado, remover o solo, e os optantes pelo plantio convencional acabaram sendo prejudicados por causa da erosão nas áreas.

Quem plantou através do sistema de plantio direto – aproveitando-se restos de palhadas⁸ de outras culturas – até que não arca com muitos prejuízos. Mas, os optantes pelo plantio convencional praticamente nada poderiam fazer para o avanço da erosão em áreas da fase de germinação (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 03/12/82, p. 03).

Como pode ser observado na matéria, o plantio convencional ainda era utilizado pelos agricultores, tanto no mês de outubro quanto no mês de dezembro. Em comparação, outubro trouxe prejuízos no abastecimento de água, segundo o DERAL (Departamento de Economia Rural).

Além da reportagem do jornal enfatizar sobre a questão econômica, outro assunto diz respeito sobre a influência do lago de Itaipu no período chuvoso. A esse respeito o professor Dalton Moro, que foi professor do Departamento de Geografia da UEM, apontou que:

Em todas as lavouras em geral, são observados os maiores ou menores prejuízos. Mas negava ser o excesso de chuvas decorrente do lago artificial de Itaipu, com mais de 1.200km² nos lados brasileiro e paraguaio. Sua influência, no ponto de vista, era muito pequena para alterar o micro-clima, argumentando que em toda a região Sul, centro Sul e parte do centro oeste chovessem em abundância na atualidade (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 03/12/82, p.03)

Como se nota, o professor Moro explica que o fenômeno chuvoso do mês não tinha nada haver com o microclima do lago artificial de Itaipu, ou seja, é um indicativo que conheciam o fenômeno El Niño, mas não tinham conhecimento de suas causas, pois existiam vários tipos de especulações como o citado a respeito da formação do lago de Itaipu.

c) Na manchete “Enxurrada arrasta e mata carroceiro e dois cavalos” (21/12/82, p. 01, Ano IX, Nº 2.638), Figura 17 (p. 86), o jornal retrata sobre o excesso de chuvas causadas no mês de dezembro, uma enxurrada que acabou arrastando e matando um carroceiro e dois cavalos. Segundo o jornal, “um senhor de 60 anos, que residia em Polinópolis, distrito de Mandaguaçu, trafegava com a sua carroça tracionada por dois cavalos, em uma estrada que ligava Maringá a Iguatemi” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 21/12/82, p. 01), e de repente, quando a trezentos metros aproximadamente da ponte sobre o rio Pirapó, foram colhidos por

⁸ Restos de palhadas contém palha e os demais restos vegetais de outras culturas, mantidos na superfície do solo, garantindo cobertura e proteção do mesmo contra processos danosos, como a erosão.

uma forte enxurrada e sendo jogados dentro de uma cova com aproximadamente 5 metros de profundidade e cheio de água.

Os violentos temporais verificados nos últimos dias na região causaram três mortes na tarde do último domingo, quando violenta enxurrada arrastou para um buraco, uma carroça com dois animais e o carroceiro (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 21/12/82, p. 01).

d) Na manchete “Cai qualidade da safra agrícola” (21/12/82, p. 04, Ano IX, Nº 2.638), Figura 18 (p. 87), retrata a questão da safra agrícola que houve uma quebra na qualidade dos produtos colhidos em consequência do excesso de chuvas. O feijão foi o mais atingido, pois teve uma redução na qualidade e quebra na quantidade de produção em função das chuvas segundo a CLASPAR (Empresa Paranaense de Classificação de Produtos), que é responsável pela determinação da qualidade dos produtos de origem agropecuária comercializados no Estado do Paraná.

Segundo o engenheiro agrônomo Ugo Rodacki, presidente da CLASPAR, “o excesso de chuvas dificulta o trabalho do agricultor, especialmente o trato cultural, impedindo, por exemplo, a capina e aplicação de defensivos. Com a invasão de ervas daninhas e a proliferação de insetos, há perda quantitativa e qualitativa da produção” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 21/12/82, p. 04).

Na mesma edição, o jornal ressalta sobre a existência de uma definição de classificação para o feijão. Caso não se enquadrasse até o tipo 5, existiria um plano governamental que o compraria pelo preço mínimo, evitando que fosse descartado nas lavouras e o agricultor tivesse prejuízos financeiros.

Segundo Rodacki, para se determinar o tipo de feijão, leva-se em conta o número de grãos avariados, que compreendem os grãos ardidos, chuvados, mofados e descoloridos. Também é considerada a quantidade de grãos picados por insetos e os quebrados, chamados “bandinhas”. De acordo com a maior ou menor incidência desses grãos defeituosos, estabelece o tipo, que varia do 1 ao 5. Se o produto não se enquadrar até o tipo 5, é considerado fora do padrão, não podendo ser comprado pelo Governo Federal dentro da Política de Preços Mínimos. Existem ainda os descontos por excesso de umidade e impurezas, podendo ser evitado pelo agricultor através de um processo de secagem e sutagem, sendo uma pré-limpeza feita com peneira (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 21/12/82, p. 04).

Ainda na mesma edição o jornal retrata sobre o atraso no plantio provocado pelo excesso de chuvas. O cultivo de feijão e outras culturas enfrentavam dificuldades com as chuvas, e os agricultores estavam preocupados por ficarem parados vendo passar o período ideal de plantio. Se os agricultores adotassem o plantio direto, não teriam essa necessidade da espera, pois ficaram esperando para fazer o tratamento do solo, o agricultor tem o hábito de tratar a terra, é feito

colocando fogo na palhada para eliminar, deixando o terreno limpo para fazer a outra semeadura, se houvesse o plantio direto não precisaria fazer esse procedimento, que é do plantio convencional.

No norte e oeste do Estado, a soja em desenvolvimento vegetativo sofreu intenso ataque de lagartas, pela falta de combate apropriado por causa das chuvas. No sul do Estado, onde o plantio é feito tradicionalmente mais tarde, as chuvas impediram o preparo do solo, fazendo com que muitos agricultores utilizassem o processo de plantio direto (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 21/12/82, p. 04).

Como pode ser observado, mais uma matéria que retrata a respeito dos cultivos convencionais e diretos, mostrando como a agricultura estava utilizando esses métodos, mesmo com o período chuvoso, houve a utilização do cultivo convencional.

e) Na manchete “Temporal arrasou parte de São Paulo” (30/12/82, p. 01, Ano IX, Nº 2.644), Figura 19 (p. 88), o jornal mostra uma reportagem que marcou um dos maiores incidentes na capital paulista, as enxurradas que atingiram São Paulo por causa das fortes chuvas que duraram mais de 3 horas, carros foram arrastados pelas ruas, colidindo contra muros e ficando amontoados uns sobre os outros.

O caso de São Paulo, segundo Ostrowsky e Zmitrowicz (1991), que mostra a ocupação desordenada do solo se faz sentir no agravamento das inundações, que se repetem anualmente, atingindo vastas áreas da malha urbana.

Foi observado na notícia que não houve mortes, mas houve danos materiais, ruas alagadas e a rede de abastecimento de água rompida.

Várias ruas ficaram alagadas, adutoras da Sabesp romperam, o rio Pinheiros encheu e o Corpo de Bombeiros mobilizou 18 viaturas dos agrupamentos de busca e salvamento e 120 homens que trabalhavam salvando pessoas da correnteza, crianças e mães que ficaram ilhadas em casas inundadas, em ônibus e automóveis, retirando das ruas as árvores que caíram e no estaqueamento de barrancos (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 30/12/82, p. 01).

Foram observadas para o ano de 1982 as ocorrências de irregularidades das chuvas que causaram prejuízos econômicos, com perdas na agricultura, na saúde e perdas humanas, além do enfoque dado as questões eleitorais. Segundo Nery (et al., 1996), “O Estado do Paraná é altamente produtor de grãos, necessitando-se desta forma, de um perfeito entendimento do seu regime de chuvas, para um melhor manejo de seu solo”.

Com a ocorrência do evento El Niño que se deu no início de julho, foi observado que só a partir do final do ano (outubro, novembro e dezembro) os efeitos desse fenômeno se tornaram mais visíveis com o período chuvoso.

4.2 Levantamento das notícias do período de janeiro a dezembro de 1983.

O ano de 1983 foi um ano marcado por uma forte tendência chuvosa, exceto para os meses de julho a agosto que foram mais secos. Seu valor anual atingiu mais de 2260 mm, o que vale a 600% acima da média do período, só o mês de junho contribuiu com 328,2 mm (mais 240% desse volume), seguido pelo mês de setembro com 123%, como pode ser observado na Tabela 6 e Figura 7 (p. 47).

A Tabela 6 mostra os valores totais ocorridos em cada mês do ano de 1983, e os valores médios mensais para o período de 1979 a 2009, com os seus respectivos valores anuais.

Tabela 6 – Dados de precipitação pluviométrica do ano de 1983 para a cidade de Maringá – PR.

Mês	Total de precipitação mensal (mm)	Média de precipitação Mensal (mm)
	1983	1979 -2009
Janeiro	269,6	210,52
Fevereiro	122,9	187,29
Março	277,3	139,69
Abril	175,5	124,15
Mai	237,8	127,94
Junho	328,2	95,77
Julho	24,7	63,54
Agosto	0	56,03
Setembro	308,9	138,26
Outubro	186,1	159,81
Novembro	180,4	148,98
Dezembro	155,5	204,45
Valor Anual	2266,9	1656,4

Fonte: Estação Climatológica Principal de Maringá (2011).

4.2.1 Janeiro, fevereiro e março de 1983

Para o primeiro trimestre foi observada uma irregularidade na precipitação marcada por meses de chuvas próximos do normal (janeiro), mês abaixo do normal (fevereiro) e o mês de março com valores bem acima do esperado. Se comparado com o ano de 1982, ocorreu um processo inverso; janeiro e março estiveram abaixo do normal enquanto fevereiro esteve próximo do valor médio.

Em consequência dessa irregularidade foram observadas reportagens que retratavam sobre a economia, perdas humanas e os prejuízos causados pelo excesso de chuvas (Tabela 7).

Tabela 7 - Quantidade das matérias de jornais de 1983, que tratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuva.

Categoria	Janeiro	Fevereiro	Março
Economia	1	1	3
Taxa de mortalidade	1	-	1
Saúde	-	-	-
Outros	1	2	4

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983).

Em janeiro de 1983 foi registrada precipitação pluviométrica de 269,6 mm (Tabela 6, p. 46), ficando 28% acima do esperado, como mostra a Figura 7 (p. 47). Essas chuvas ocasionaram não só para o Estado do Paraná, mas também para Minas Gerais trazendo desastres, prejuízos de uma forma geral.

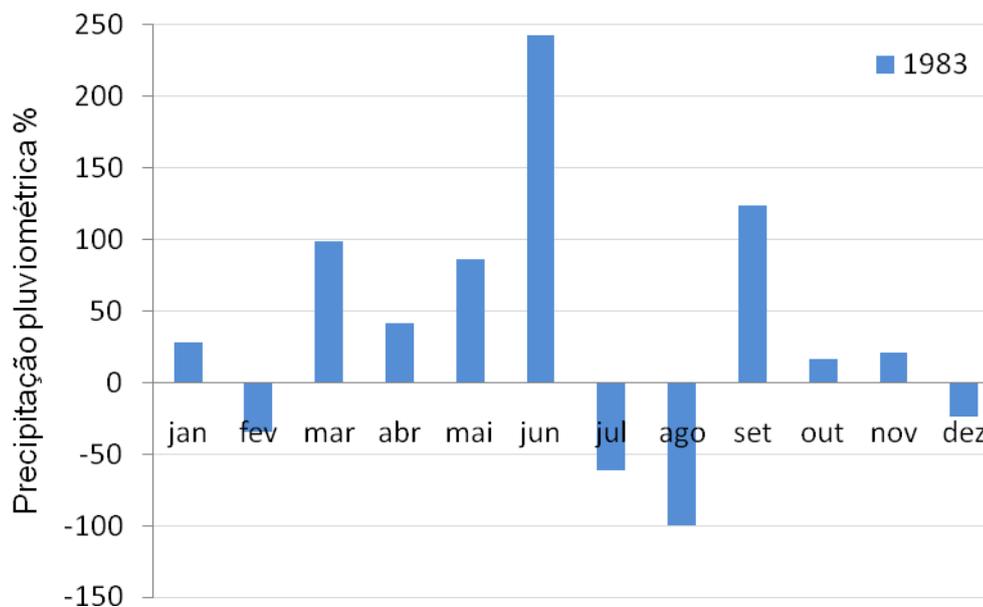


Figura 7 – Anomalia de precipitação pluviométrica mensal de 1983 em Maringá.
Fonte: Estação Climatológica Principal de Maringá, 2011.

a) Na manchete “Temporal mata mais de 40 em Minas” (04/01/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.646), Figura 20 (p. 88), foram observadas duas reportagens para o mês chuvoso, a primeira notícia de jornal “Temporal mata mais de 40 em Minas” (04/01/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.646), os acontecimentos das chuvas em Minas Gerais provocaram temporal que deixaram a capital mineira com vítimas e prejuízos incalculáveis ao comércio, as residências e as obras públicas. Ocorre uma mobilização pelo Brasil em movimento de solidariedade as vítimas de Minas Gerais.

Um grande movimento de solidariedade foi iniciado em Belo Horizonte tendo à frente emissora de rádio e clubes, com o objetivo de arrecadar roupas, remédios e alimentos para mais de mil desabrigados (...) (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 04/01/83, p. 01).

b) Na manchete “Tragédia causada pelas chuvas deixa prejuízos incalculáveis” (05/01/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.647), Figura 21 (p. 89), depois do temporal que atingiu a capital mineira na notícia anterior, com perdas humanas, o período chuvoso ainda predominava nos municípios do Estado de Minas Gerais (capital e Contagem), deixando prejuízos incalculáveis como pontes danificadas e destruídas, além de 18 regiões com ruas danificadas e redes de esgotos parcialmente destruídos, havendo vítimas, desabrigados⁹, desabamentos.

c) Na manchete “Paraná faz este ano uma das maiores colheitas de algodão” (21/01/83, p. 02, Ano IX, Nº 2.661), Figura 22 (p. 89), o Estado do Paraná tinha o melhor sistema de produção de sementes de algodão consolidado no suporte de pesquisa e continuamente fazia a renovação dos materiais, permitindo a multiplicação acelerada das variedades em vias de lançamento, fossem estas criadas ou adaptadas.

Mesmo com a grande intensidade das chuvas ocorridas em janeiro, a safra de algodão para a economia se desenvolveu bem, e como era previsto segundo o jornal, iniciaria uma grande colheita de algodão a partir de fevereiro.

Apesar do evento El Niño geralmente traz prejuízos a diversos setores como à economia e à saúde, para a lavoura esse período chuvoso foi benéfico porque permitiu uma alta produtividade do algodão nas regiões do norte-central e centro-ocidental paranaense.

⁹ Desabrigado: desalojado ou pessoa cuja habitação foi afetada por dano ou ameaça de dano e que necessita de abrigo provido pelo Sistema.

Desalojado: pessoa que foi obrigada a abandonar temporária ou definitivamente sua habitação, em função de evacuações preventivas, destruição ou avaria grave, decorrentes do desastre, e que, não necessariamente, carece de abrigo provido pelo Sistema. (Fonte eletrônica: <http://www.defesacivil.ro.gov.br/glossario.asp?id=D>)

A partir de fevereiro próximo inicia-se no Paraná uma das maiores safras de algodão dos últimos anos que deverá render entre 790 a 830 mil toneladas (...). Apesar do excesso de chuvas, a lavoura está se desenvolvendo bem e, na previsão acima, já foi considerada a quebra da produção uma vez que na primeira estimativa (feita pelo Departamento de Economia Rural), na época de plantio previa-se uma produção de 870 mil toneladas (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 21/01/83, p. 02).

Observando a matéria de jornal do referido mês, houve o cultivo do algodão que obteve boa safra, mas não esclarecimentos dos motivos que levaram a essa produção. Contrário ao que ocorreu no mês de fevereiro de 1982, o algodão teve uma quebra na produção, em consequência da queda de flores e maçãs, e o intenso ataque de ácaros e lagartos prejudicando a safra.

No mês de fevereiro de 1983 ocorreu precipitação pluviométrica de 122,9 mm (Tabela 6, p. 46), considerado próximo do padrão normal, apresentando um mês seco. Por causa da precipitação que ocorreu nos meses anteriores, observou-se o reflexo das chuvas intensas que atingiram a região causando problemas nas águas do Paraná, além de problemas no tráfego de caminhões que faziam a travessia da balsa do rio Paraná e alagamento da rodovia por conta do volume de chuvas.

a) Na manchete “A situação das culturas de verão” (06/02/83, p. 03, Ano IX, Nº 2.675), Figura 23 (p. 90), a matéria que o jornal mostra é sobre os prejuízos que aconteceram no setor agrícola afetando o algodão que apresentou pouca produção; o amendoim teve um bom andamento das atividades de colheita; a soja uma condição normal; o arroz e o milho mantiveram o potencial de produção; o feijão teve redução e baixa qualidade e nas hortaliças a batata apresentou quebra na produção; a cebola teve uma produção normal, mas com baixa qualidade e o tomate também apresentou má qualidade e baixa produção, todos prejudicados pelos efeitos das chuvas de acordo com a reportagem.

O amendoim teve condições climáticas favoráveis ao bom andamento das atividades de colheita segundo o jornal, apesar do El Niño ser um evento que geralmente traz prejuízos em diversos setores. Em particular, nesta reportagem foi observado em função das constantes chuvas durante o desenvolvimento vegetativo e floração, favoreceu o crescimento das plantas em detrimento da formação de vagens.

Contrário de 1982, para o cultivo da soja as condições climáticas de janeiro foram favoráveis para o seu desenvolvimento, exceto em alguns municípios do oeste

e centro-oeste que não chegou a apresentar chuvas segundo o jornal, e não apresentaram problemas na produção total do Estado.

Com o registro de poucas chuvas em algumas regiões em fevereiro, o milho se manteve com grande potencial na produção da safra, tornando-se recorde no Estado segundo o jornal. Já se tinha dado o início à colheita, tendo boa qualidade no produto e sendo destinado ao consumo de existência.

Com a proximidade no final da colheita do feijão, ocorreu uma grande redução na produção, provocada principalmente pelo excesso de chuvas e doenças, havendo um produto de baixa qualidade, e isso provocou o aumento dos preços de venda, de acordo com o jornal.

Houve uma quebra na produtividade na produção de batata, cebola e tomate, além de haver a redução da produção houve também a queda da qualidade do produto, pois no caso da cebola chegou até dar broto trazendo prejuízos na comercialização desse produto.

A tendência apontada para fevereiro é de pequena reação nos preços, uma vez que o ápice de colheita já terminou. Baseando-se na observação de anos anteriores, acréscimos significativos nos preços provavelmente serão sentidos a partir de março. Segundo os produtores do Norte do Paraná a rentabilidade da safra foi razoável, pois a quebra na produtividade foi compensada pelos bons preços obtidos.

Como pode ser observado em outubro de 1982, o jornal retrata o mesmo assunto sobre o plantio de culturas de verão havendo uma redução e a baixa qualidade provocada pelo excesso de chuvas. O jornal resgatou a mesma situação ocorrida com as culturas de verão de 1983, que também houve perda e baixa qualidade do produto pelo excesso de chuvas.

b) Na manchete “Chuvas interrompem tráfego de caminhões para Mato Grosso do Sul” (12/02/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.680), Figura 24 (p. 90), as chuvas causaram problemas no tráfego de caminhões na travessia de balsa entre o Porto Caiuá (Pontal do Tigre) ao território sul mato-grossense e alagamento no trecho da rodovia por conta do volume de chuvas, pois com a abertura das comportas da usina de Jupiá, o nível das águas do rio Paraná chegou a subir mais de 10 metros, prejudicando o transporte da safra.

O tráfego de caminhões no sentido do município de Naviraí, no Mato Grosso do Sul, estava interrompido em razão da precipitação do nível das águas do rio Paraná, que deixaram sem condições de operar a balsa que

fazia a travessia entre o Porto Caiuá, em Pontal do Tigre, e o território sul-mato-grossense. É através desse itinerário que escoava parte da produção agrícola, como a madeira, soja e gado de corte do noroeste para o Mato Grosso do Sul (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 12/02/83, p. 01).

c) Na manchete “Águas do Paraná ameaçam Argentina” (24/02/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.989), Figura 25 (p. 91), os moradores de uma favela próxima à sede do Cataratas late Clube, em Foz do Iguaçu, estavam ameaçados pelas águas do rio Paraná provocando desbarrancamento das moradias e o isolamento da população.

Os favelados temem o desbarrancamento do morro, que ameaça carregar suas choupanas rio a dentro, um perigo que pode se concretizar a qualquer momento, uma vez que as águas continuam subindo uma média de 400 metros cúbicos por segundo (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 24/02/83, p. 01).

No mês de março de 1983 apresentou precipitação pluviométrica de 277,3 mm (Tabela 6, p. 45), havendo anomalia de 99% acima do normal, como mostra a Figura 7 (p. 46). Com o período chuvoso houve um aumento de reportagens que trataram do tema tráfego que ficou prejudicado; escorregamento de aterro; enxurradas; temporal com vítimas fatais e prejuízos na agricultura.

a) Na manchete “Chuvas prejudicam rodovias do Paraná” (06/03/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.998), Figura 26 (p. 91), as chuvas de março trouxeram prejuízo ao escoamento da produção agrícola em função da dificuldade de tráfego dos caminhoneiros pelas estradas, que segundo a diretoria de Manutenção do Departamento de Estradas de Rodagem diversas rodovias do Estado estavam interrompidas ou parcialmente interrompidas pelos deslizamentos de encostas.

As estradas onde os motoristas precisam tomar mais atenção são PR-182, trecho Xambê-Pérola, onde houve escorregamento de aterro atingindo meia-pista no local rio da Abelha PR-323; trecho Cianorte-Cruzeiro do Oeste, com escorregamento de cabeceira de ponte sobre o Rio dos Índios PR-180; trecho Cruzeiro do Oeste-Mariluz, com rompimento de aterro sobre a galeria do rio da Areia e PR-468, trecho PR-180, Moreira Sales, com erosão lateral (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 06/03/83, p. 01).

Como pode ser observado na reportagem, com o período chuvoso o comércio foi prejudicado porque esperava a mercadoria, que chegava com atraso ao seu destino em função dos danos ocasionados nas rodovias estaduais. Isto dificultou o transporte da produção agrícola no estado.

b) Na manchete “Ratos, insetos, enxurradas: vai mal a Rua Oswaldo Cruz” (08/03/83, p. 03, Ano IX, Nº 2.999), Figura 27 (p. 92), o jornal retratou as condições dos moradores da rua Oswaldo Cruz, próximo da Universidade Estadual de Maringá, que reclamavam das condições de higiene e escoamento de água no trecho da rua,

principalmente com relação à existência de grande quantidade de ratos, baratas e outros insetos. Com as fortes enxurradas provenientes da Avenida Colombo que acabava descendo a Oswaldo Cruz provocou diversos prejuízos, invadindo os quintais, formando alagamentos de até 60 centímetros de altura, segundo fonte do jornal.

Conforme Inácio Ramalho morador da casa nº. 107, autor das denúncias e porta-voz dos moradores do trecho, uma das grandes responsáveis pela proliferação de ratos é a Indústria e Comércio de Carrocerias Canção, localizada na Avenida Colombo, em frente ao Senac. Segundo o morador, a fábrica mantém o terreno em péssimas condições de higiene, com amontoados de entulhos, sem uma limpeza regular, o que provoca a criação desses bichos (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 08/03/83, p. 03).

O que acabou provocando a proliferação de animais foi à falta de higiene em um terreno, ou seja, a falta de conscientização do proprietário da área em deixar limpo o seu local, pois com as chuvas acaba prejudicando toda a sua vizinhança.

c) Na manchete “Temporal causa várias mortes e desabamentos” (09/03/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.000), Figura 28 (p. 92), o jornal apresenta sobre o temporal que acabou causando várias mortes e desabamentos de barreiras e casebres, além de centenas de ruas inundadas, com perigo de fiação da rede elétrica caída sobre o asfalto em vários locais da capital em Recife.

Choveu forte durante sete horas, dezenas de casas comerciais foram obrigadas a fechar as portas, para lavar o chão e prateleiras cobertas pela lama. A Comissão de Defesa Civil de Pernambuco – Codecife – informou que a chuva já era prevista pelo serviço de meteorologia, mas assegurou que as bacias do Capibaribe e do Beberibe permanecem com seus leitos em estado normal (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 09/03/83, p. 01).

d) Na manchete “Águas do rio Paraná voltam a subir” (09/03/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.000), Figura 28 (p. 91), foi observada uma nota de jornal informando que as águas do rio Paraná voltaram a subir por causa do aumento da vazão da represa de Jupuíá.

A informação é da coordenadoria da defesa civil, acrescentando que o fato se deve a dois motivos, o aumento da vazão da represa de Jupuíá, que passou de 16 mil para 17 mil litros de água por segundo e as chuvas que caíram sobre toda a região cortada pelo rio Paraná (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 09/03/83, p. 01).

Diferente do mês anterior que foi observada como as águas da usina de Jupuíá que prejudicaram o tráfego de caminhões e a travessia da balsa, neste caso só informou o aumento da vazão de Jupuíá.

e) Na manchete “Apesar da quebra, o mercado terá feijão” (09/03/83, p. 06, Ano IX, Nº 3.000), Figura 29 (p. 93), por conta das chuvas irregulares e uma série de

doenças, o feijão teve uma quebra no mercado e a produtividade reduziu, provocando prejuízos financeiros.

Mesmo com uma quebra estimada em 41 por cento, caindo à safra de 575 mil toneladas para 337 mil, o abastecimento do mercado paranaense de feijão deverá ser normal este ano, conforme previsão feita ontem pelo coordenador de acompanhamento agrícola conjuntural da Secretaria da Agricultura (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 09/03/83, p. 06).

f) Na manchete “Obras de reforma da rodoviária voltam ao ritmo normal” (10/03/83, p. 05, Ano IX, Nº 3.001), Figura 30 (p. 94), a chuva acabou provocando atrasos em reformas na região local de Maringá, após dias contínuos de chuva, as obras de reforma da rodoviária municipal de Maringá, voltaram ao normal segundo o jornal.

Iniciados na última sexta-feira somente nesta semana é que os trabalhos passaram para um desenvolvimento mais sistemático sendo que transcorrem normalmente, sem nenhum contratempo, excetuando as chuvas (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 10/03/83, p. 01).

g) Na manchete “Prejuízos na agricultura” (22/03/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.011), Figura 31 (p. 94), foram feitos levantamentos realizados em 21 municípios da região de Umuarama, no Noroeste do Estado, indicando que as últimas chuvas trouxeram prejuízos de bilhões na agricultura e na pecuária.

A cultura de algodão foi a mais prejudicada, destacando-se os municípios de Umuarama, Alto Piquiri e Iporã. Na região de Paranaíba a preocupação é com a produção de arroz, que ficou afetada de acordo com as previsões iniciais (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 22/03/83, p. 01).

Com o período chuvoso no mês de março, o jornal mostra um balanço nos prejuízos financeiros da região no noroeste do Estado, indicando as culturas de algodão e arroz que foram afetados pelas chuvas.

h) Na manchete “Paraná: espera produzir 380 mil toneladas de arroz” (23/03/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.012), Figura 32 (p. 95), esperava-se produzir arroz, depois de perder toneladas em 1982 segundo o jornal, em decorrência da seca. De acordo com o Departamento de Economia Rural (DERAL¹⁰), as chuvas de janeiro e fevereiro favoreceram a cultura em um período muito importante da floração e frutificação do arroz, ou seja, aumentando o potencial de risco para essas áreas, por causa dos eventos chuvosos críticos.

Em decorrência do que vem ocorrendo na produção agrícola do Paraná, desde o final de 1982 até o presente momento, se observa nas reportagens que é a

¹⁰ DERAL (Departamento de Economia Rural, da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento) disponibiliza informações sobre a agricultura e pecuária do Paraná (Fonte eletrônica: <http://www.agricultura.pr.gov.br/>).

distribuição das chuvas as causas no plantio, à colheita, o desenvolvimento das plantas, a qualidade, o atraso nas safras agrícolas. Um dos casos observados foi o feijão que teve prejuízo nos grãos, com a classificação diversificada, os agricultores tiveram prejuízos financeiros na qualidade do produto, porque a classificação ficou abaixo do esperado.

Além do excesso de chuvas que causaram prejuízos econômicos, a população foi afetada pelas enxurradas ocorrendo a perda de vidas, problemas com o tráfego de caminhões, pode se observar que os prejuízos econômicos predominaram boa parte das reportagens, tudo em decorrência do período chuvoso.

4.2.2 Abril, maio e junho de 1983

Para os meses de abril e maio que corresponde ao período de transição do outono para o inverno esperava-se dentro do padrão da normalidade para a média, ou seja, para abril houve um valor próximo da média; maio ficou acima do esperado, ao contrário de junho que ficou muito acima do esperado, com uma precipitação de 328,2 mm para o mês e uma média de 95,77mm (Tabela 6, p. 46).

Entretanto, o que aconteceu nos meses de maio e junho que tiveram a precipitação acima do esperado, conseqüentemente o reflexo das chuvas apresentou reportagens a respeito do assunto pelo jornal (Tabela 8).

Tabela 8 - Quantidade das matérias de jornais de 1983, que retratavam sobre as conseqüências e prejuízos causados pelo excesso de chuva.

Categoria	Abril	Maio	Junho
Economia	-	3	1
Taxa de mortalidade	-	3	-
Saúde	-	-	-
Outros	1	3	4

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983).

No mês de abril de 1983 houve precipitação pluviométrica de 175,5 mm (Tabela 6, p. 46), apresentando anomalia de 41 % acima do normal, como mostra a Figura 7 (p. 47), considerado próximo do padrão.

a) Na manchete “Temperatura começa a cair” (24/04/83, p. 03, Ano IX, Nº 3.044), Figura 33 (p. 96), como não houve matérias pelo jornal do mês chuvoso, a

reportagem direcionou mostrando como o frio prejudica a saúde ocasionando doenças como gripes.

Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia, este ano teremos geadas com maior frequência, algumas mais severas, que atingirão o Oeste de Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, e os pontos mais altos de São Paulo e Minas Gerais (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 24/04/83, p. 03).

No fim de abril e início de maio teriam as primeiras geadas moderadas do ano, nas serras do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná segundo o jornal. Na agricultura as baixas temperaturas também prejudicam as culturas, dependendo do seu estágio de desenvolvimento. As temperaturas baixas congelam a seiva e a umidade do ar dilata os vasos dos caules e folhas até seu rompimento.

Em maio de 1983 as fortes chuvas acabaram trazendo estragos na região do Paraná, registrado com precipitação pluviométrica de 237,8 mm (Tabela 6, p. 46), apresentou 86% acima do normal, como pode ser observado na Figura 7 (p. 47). Por ser um mês muito chuvoso, foram observadas várias reportagens que retrataram sobre as chuvas intensas que ocorreram nas regiões do centro-oriental, sudoeste, sul, norte e oeste paranaense.

A partir dos meses de maio, junho, julho e agosto dentro de várias matérias foram abordados os problemas para os municípios do Paraná que sofreram com essas tragédias de perdas de vidas, estado de calamidade pública, desabrigados, prejuízos na economia, além das inundações e prejuízos financeiros.

Para o mês de maio houve várias enquetes que retrataram sobre o assunto das chuvas.

a) Na manchete “Fortes chuvas matam dez pessoas” (21/05/1983, p. 01, Ano IX, Nº 3.060), Figura 34 (p. 96), uma pequena nota de jornal aparece relatando a respeito do Paraná e as consequências das chuvas que durante o mês causaram a morte de 10 pessoas em Ponta Grossa segundo fonte do jornal; desabrigaram pessoas no Sul e oeste do Estado, deixando 18 cidades sem abastecimento de água e interromperam o tráfego ferroviário entre o Sul e Norte do país devido aos deslizamentos de terras próximos as estradas.

As informações da coordenadoria de Defesa Civil do Estado, que enviou alimentos e barracas aos desabrigados de várias regiões. O último aviso do Instituto Nacional de Meteorologia, novas ocorrências de chuvas nas próximas horas, principalmente na região Norte do Paraná (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 21/05/83, p. 01).

b) Na manchete “Chuvas matam 14, deixam 12 mil desabrigados e causam sensíveis prejuízos” (25/05/1983, p. 01-02, Ano IX, Nº 3.063), Figura 35 e 36 (p. 97-98), as chuvas que caíram no Paraná, principalmente no sudoeste do Estado, provocaram a morte de pessoas, deixaram desabrigados e causaram sensíveis prejuízos as lavouras, principalmente no caso da soja e milho. Dezoito municípios decretaram estado de calamidade pública¹¹.

Na reportagem o jornal traz uma análise de um quadro geral da situação, as chuvas causaram um novo recorde no marco das fronteiras do Brasil com a Argentina e o Paraguai, onde se encontram os rios Iguazú e Paraná. Os dois rios ultrapassaram em um metro e vinte centímetros a marca da maior cheia registrada nos últimos cem anos, segundo o jornal. Sobre os desabrigados, a Defesa Civil contabilizou vítimas e desabrigados em todo o Paraná. Em Irati uma pessoa acabou morrendo do coração quando soube que sua casa havia sido carregada pelas águas. O aumento da taxa de mortalidade ocorreu nos municípios de Ponta Grossa e Bituruna segundo o jornal.

Já situação nas lavouras, embora a produção global no Paraná não foi afetada em termos de quantidade, pelas chuvas nas regiões produtoras, estava prevista uma quebra na qualidade dos produtos, como o caso da soja, que ainda faltava colher e que estava sujeito ao apodrecimento. O milho, pelo excesso de umidade, acabou sofrendo com o apodrecimento das espigas.

Na região de Maringá, o principal problema nas destilarias de álcool foi à falta de matéria-prima, por causa do mau tempo foi impossível fazer a colheita nas lavouras. Em consequência, diminuía o ritmo de moagem (cana). E nas fronteiras para o lado argentino, a travessia de balsa estava perigosa, diante das chuvas que caíam no local.

O comando da marinha, de Resistência – capital da província do Chaco – estima que o rio Paraná vai chegar a região dentro de dois dias, com uma vazão em torno de 60 mil metros cúbico, enquanto que o de 10 a 12 mil metros – a travessia de Guaíba para Mato Grosso do Sul está precária. Apenas carros leves, auxiliados por tratores, conseguem atravessar, enquanto caminhões estão parados, aguardando tempo melhor (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 25/05/83, p. 02).

¹¹ Estado de calamidade pública: situação anormal, provocada por desastres, causando danos e prejuízos que impliquem o comprometimento substancial da capacidade de resposta do poder público do ente atingido e a Situação de Emergência: reconhecimento legal pelo poder público de situação anormal, provocada por desastres, causando danos (superáveis) à comunidade afetada. Para maiores informações consultar o site (<http://www.defesacivil.gov.br/index.asp>).

c) Na manchete “Chuvas prejudicam a qualidade da produção” (25/05/83, p. 03, Ano IX, Nº 3.063), Figura 37 (p. 99), a precipitação que ocorreu em todo o Estado acabou prejudicando a qualidade e a quantidade de produção agrícola como o feijão que se encontrava em fase de maturação (o maduro germina com as chuvas ou o grão fica chuvado); soja em que as lavouras estavam apodrecendo por causa da alta impureza pelo excesso de umidade acarretando em perdas; o milho que teve perda na qualidade resultado de muita umidade; o atraso na produção do trigo e o retardamento da fase final de produção do algodão segundo informações do DERAL.

De acordo com os prognósticos do observatório “Antares” do Uruguai, as chuvas prosseguirão em nosso estado com intensidade. Haverá excesso de precipitações nos meses de junho e julho (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 25/05/83, p. 03).

Pode-se observar que o mês de maio foi um mês chuvoso e acarretou em prejuízos na qualidade da produção, além do tráfego de caminhões que aparece de novo na reportagem e ficou impedido em muitas áreas agrícolas, comprometendo o abastecimento e o resultando no aumento dos preços do milho das aves e suínos.

d) Na manchete “Chuvas causam prejuízos de 12 bilhões” (26/05/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.064), Figura 38 (p. 99), a precipitação causou prejuízos segundo fonte do jornal, por problemas causados pelas enchentes acabaram marcando praticamente todo o Estado do Paraná.

e) Na manchete “Violento vendaval mata 2 e deixa 30 feridos” (28/05/83, p. 01-03, Ano IX, Nº 3.066), Figura 38 (p. 99), um violento vendaval acompanhado de aguaceiro ocorreu na cidade de Apucarana, provocando vítimas e deixando feridos. Os danos foram grandes no parque industrial da cidade segundo o jornal. “Nove postes foram derrubados, e veículos jogados em todas as direções” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 28/05/83, p. 01).

f) Na manchete “Prejuízos causados pelas fortes chuvas podem chegar a 20 bilhões” (28/05/83, p. 01-03, Ano IX, Nº 3.066), Figura 39 (p. 100), as chuvas prejudicaram a economia financeira, chegando a 20 bilhões de prejuízos. As principais rodovias do Estado continuavam com o tráfego interrompido em consequência das chuvas.

A coordenadoria da Defesa Civil do Paraná concluiu o relatório completo da situação em todo o Estado e de acordo com as informações oficiais, segundo o jornal, obtiveram 76 municípios que foram atingidos pelas fortes chuvas e 73 deles

decretaram estado de calamidade pública, tendo um total de prejuízos que poderia chegar a 20 bilhões de cruzeiros. Retratando de novo no mesmo mês a reportagem sobre os prejuízos financeiros.

g) Na manchete “Chuvas de maio atingem nível recorde dos últimos 25 anos” (31/05/83, p. 03, Ano IX, Nº 3.068), Figura 40 (p. 100), o agrometeorologista do Instituto Agrônomo do Paraná – IAPAR, Antonio Rezende Correia acrescentou que não existia nenhum perigo imediato de ocorrência de geadas, justificando que a massa de ar polar registrada no Sul do continente é fraca e de pouca ação.

A chuva vai continuar pelo menos por mais 48 horas de acordo com a previsão fornecida pelo IAPAR. E isso vai fazer elevar em muito o nível de precipitação. A média do mês de maio, nos últimos 25 anos é de 91 mm marca que já está superada este ano (Jornal O Diário do Norte do Paraná, escrito por Alceu Moraes - Londrina, 31/05/83, p. 03).

Foi observado que esta reportagem é a única que apresenta o nome de um escritor no final da matéria e de Londrina, por ser um jornal local, e as outras reportagens não trazem o nome de quem escreveu a matéria jornalística.

h) Na manchete “Chuvas: Rio Paraná está 37 metros acima do nível normal” (31/05/83, p. 04, Ano IX, Nº 3.068), Figura 43 (p. 103), de acordo com o jornal, o período chuvoso que há vários dias ocorria em toda a região Sul voltou a desabrigar pessoas e causou prejuízos incalculáveis em Foz do Iguaçu. O jornal faz um levantamento das notícias informando que por causa desse período chuvoso, as passarelas foram destruídas, superou as grandes cheias e a quantidade de desabrigados.

Registrou-se o recorde em tratando de cheias segundo o jornal, os rios Iguaçu e Paraná tiveram 122,4 metros acima do nível do mar e 37 metros acima de seu leito normal, estes rios revelam a enorme dificuldade de transporte de travessia (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 31/05/83, p. 04).

A mesma reportagem do jornal mostra que devido às chuvas, provocou enchentes no rio Iguaçu, com isso as passarelas foram totalmente destruídas pela violência das águas. As passarelas depois dessas enchentes acabaram sendo reestruturadas no parque, ganhando mais segurança.

“Por conta da vazão do rio que ficou muito elevada, o transporte de veículos executados por balsa ficou perigoso do Porto Meira (Brasil) para Porto Iguaçu (lado argentino), pois atravessar o rio de balsa prejudicaria o transporte dos caminhões, por causa da correnteza que estava trazendo troncos enormes, os quais poderiam causar sérios prejuízos material e humano” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 31/05/83, p. 04).

O jornal acaba trazendo no mês de maio a notícia sobre a dificuldade de travessia sobre a balsa. Ainda em relação a mesma reportagem, o jornal mostra que por conta das fortes chuvas, a bacia do rio Iguaçu alcançou 1 metro e 20 centímetros, a maior cheia já registrada.

Ressalta-se o que as vítimas dessa cheia já tinham voltado e reconstruído suas casas quando foram surpreendidos por esta nova e, que garantem, é bem maior que a anterior (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 31/05/83, p. 04).

Segundo o jornal, “Os desabrigados já somam um número grandemente significativo. Neste último foram desenvolvidas intensas campanhas de auxílio para arrecadar remédios, alimentação e vestuário” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 31/05/83, p. 04).

A forma da escrita que o jornal trata o assunto dando tanta ênfase do “grandemente significativo” mostra como o jornal tenta chamar a atenção do leitor por causa do mês chuvoso, pois as vítimas que foram atingidas antes pelas chuvas, voltaram a reconstruir suas casas, mas foram surpreendidos por essas enchentes desabrigando de novo a população.

i) Na manchete “Chuvas invadem casas e interditam PR-323” (31/05/83, p. 05, Ano IX, Nº 3.068), Figura 44 (p. 104), a precipitação que acabou caindo em Maringá e região fez com que as águas do rio Ivaí subissem a nível nunca antes verificado, mais de dez metros acima do normal segundo fonte do jornal. Em consequência, o Departamento de Estradas e Rodagem interditaram as rodovias que ligam Maringá a Cianorte e a São Jorge do Ivaí, porque a ponte apresentaria grande risco para o tráfego e poderia ruir-se, se o tráfego fosse intensificado.

O rio Bandeirantes, que banha o Estado do Paraná, também acabou subindo e invadindo casas, olarias, pastagens e plantações. A água em poucas horas acabou subindo mais de dois metros, faltando outros dois para submergir completamente casas vizinhas.

O jornal acaba dando ênfase da importância na qualidade das estradas com relação ao tráfego de veículos, pois quando elas estão interrompidas ou acontece algo que é inapropriado, ocorreriam prejuízos em nível de bilhões de cruzeiros para aquela época. A queda da produção em relação à qualidade e quantidade e o escoamento dessa produção ficam prejudicados para os caminhões, que não podiam seguir viagem porque as rodovias estavam interditadas em função das enchentes ou por causa das quedas de barreiras.

O mês de junho de 1983 apresentou grande volume de chuvas, com 328,2 mm de precipitação (Tabela 6, p. 46), ocorrendo anomalia de 243% muito acima do esperado, como pode ser observado na Figura 7 (p. 47). Pela ocorrência do excedente de precipitação acima do normal houve reportagens que retrataram a respeito dos prejuízos no café, o grão estava no chão apodrecendo pela falta de colheita. A catedral, um monumento histórico da cidade de Maringá, apresentava afundamento provocado pelo excesso de chuvas. Havia o risco de geada, além de deslizamentos com perdas materiais.

a) Na manchete “Café também atingido pelas chuvas” (07/06/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.073), Figura 45 (p. 104), por causa do mês chuvoso foi observado que o café no Paraná estava sendo prejudicado por essas chuvas. Além disso, estavam sem condições de colheita, o grão chegou a apodrecer no chão, e nos terrenos eram impossibilitados de secarem, ocorrendo uma diminuição muito grande no café, segundo dados divulgados pela Secretaria da Agricultura do Paraná.

b) Na manchete “Casa deslizou com as chuvas” (07/06/83, p. 01-04, Ano IX, Nº 3.073), Figura 46 (p. 105), um proprietário na cidade de Maringá estava construindo sua casa e acabou usando um trator para retirar a terra do barranco, só que havia um grande declive na área, por causa das chuvas, em consequência ocorreu o deslizamento levando ao chão tudo que tinha pela frente. Foi observado que a população avisou o proprietário, mas não conseguiram avisá-lo a tempo, provocando uma tragédia.

c) Na manchete “Catedral: chuvas mudam previsão” (08/06/83, p. 03, Ano IX, Nº 3.074), Figura 48 (p. 106), o grande volume de precipitação acabou prejudicando a catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Glória, sofrendo um afundamento. Os engenheiros indicaram uma reforma antes que as chuvas provocassem mais estragos, mas o problema poderia aumentar se houvesse infiltração por baixo da igreja provocando um deslocamento, mas isso não provocaria a “queda” da catedral, pois foi projetada com uma calçada em uma sapata de concreto¹² interligada subterraneamente.

Contudo, devido as fortes chuvas, algumas fendas localizadas entre os cones e as capelas têm aumentado tamanho, e se permitindo infiltramento da água poderá levar a uma maior dilatação e afundamento inclusive com prejuízo (...) (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 08/06/83, p. 03).

¹² Sapata de concreto colocada sob o pilar que suporta o peso da construção ou uma peça em ferro colocada sobre a estaca para facilitar a cravação (ALVAS, 2007).

d) Na manchete “No Paraná, de novo o risco de geadas” (16/06/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.081), Figura 49 (p. 106), o risco de geada aconteceu na região atingindo o centro sul do Estado. Por causa das geadas cresceu os prejuízos na agricultura, pois o frio mata os órgãos vegetativos, destrói um grande número de flores, frutos, prejudicando a cultura e provoca a quebra da produção e trás prejuízos econômicos.

Nadal e Vide (1999), por meio de pesquisas realizadas em Barcelona, revelaram que o efeito negativo da temperatura mais baixa, principalmente nos meses de inverno, entre julho, agosto e setembro (no Hemisfério Sul) causa bronquites, glaucoma e eczemas, além de causar óbitos por infecções cardiovasculares respiratórias. Felizmente não houve ocorrência destes fatos na cidade de Maringá e região.

e) Na manchete “Novas chuvas abrem mais crateras” (28/06/83, p. 06, Ano IX, Nº 3.091), Figura 50 (p. 107), por causa da precipitação, gerou problemas com o surgimento de pequenas crateras abertas pelas enxurradas em ruas e avenidas em Maringá. Houve a recuperação do asfalto, mas com as novas chuvas que caem na região, surgiram novas “crateras”.

Após as violentas precipitações do mês de maio, a prefeitura de Maringá, através da Secretaria de Serviços Públicos e Serviços Autárquicos de Obra e Pavimentação, tinham sido iniciados o trabalho de recuperação dos leitos asfaltados (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 28/06/83, p.06).

De acordo que o jornal vem apontando as consequências do fenômeno El Niño com o excesso de chuvas, tem prejudicado a agricultura, como o café, além dos asfaltos, por conta das enxurradas. E junho houve casos de geadas prejudicando financeiramente a agricultura.

4.2.3 *Julho, agosto e setembro de 1983*

Para os meses de julho e agosto foi observado um mês seco e estiveram abaixo do normal da média, já para setembro se apresentou mês chuvoso, ficando muito acima do esperado. Comparando com ano de 1982, aconteceu o processo inverso, julho esteve acima do normal enquanto agosto e setembro ocorreram períodos secos e abaixo do normal.

Com o período chuvoso do mês de junho teve reflexos para o mês de julho, ocorrendo várias reportagens. Para agosto não houve chuvas e com a precipitação elevada de setembro (Tabela 6, p. 46) foram observadas enchentes na região, deixando mortos e desabrigados pela consequência das chuvas (Tabela 9, p. 62).

Tabela 9 - Quantidade das matérias de jornais de 1983, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuva.

Categoria	Julho	Agosto	Setembro
Economia	2	-	2
Taxa de mortalidade	3	-	1
Saúde	-	-	-
Outros	4	-	4

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983).

Em julho de 1983 apresentou precipitação pluviométrica registrada de 24,7 mm (Tabela 6, p. 46), considerada pouca chuva para o mês, e anomalia de 61% abaixo do normal, como pode ser observada na Figura 7 (p. 47). Por conta dos 243% a mais de chuvas que ocorreu no mês anterior, observa-se o enfoque do jornal estavam voltados às vítimas das chuvas, as enchentes e enxurradas com perdas humanas, dando ênfase à calamidade dos municípios do Paraná. A defesa civil coloca que até o momento são tantos municípios que entraram em estado de calamidade pública, dois dias depois esse número aumentou, além das estradas que foram interrompidas.

a) Na manchete “Chuvas voltam a desabrigar” (08/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.100), Figura 51 (p. 108), as chuvas acabaram desabrigando pessoas no Paraná, a maioria da região de Francisco Beltrão, no sudoeste do Estado, onde o rio Marecas transbordou ao subir 14 metros acima do normal segundo fonte jornal. O bairro do Congo, um dos mais populosos, estava totalmente isolado e a população recolhia donativos na igreja e escolas.

b) Na manchete “Prejuízo da chuva pode chegar a Cr\$ 110 bilhões” (12/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.103), Figura 52 (p. 109), de acordo com levantamentos feitos pelas autoridades agrícolas do Paraná, o prejuízo das últimas chuvas, somados as perdas anteriores na lavoura, pode chegar a 110 bilhões de cruzeiros segundo fonte do jornal. A chuva que passou a atingir todo o sul do Estado onde a cultura do milho e do feijão dava posição de destaque aos produtores paranaenses, situados entre os primeiros do país que teve prejuízos.

Com a quebra na produção, o Brasil poderia começar a importar o feijão. Além de outros produtos, como a batata inglesa e a cebola, que também eram cultivadas no sul do Paraná acabaram sofrendo com as quebras, e a Secretaria Estadual de Agricultura ainda não tinha apresentado dados finais dos prejuízos.

Com isso, subiu para 82 o número de municípios em estado de calamidade, afetados pelas últimas enchentes no Paraná, elevando o número de desabrigados e vítimas. A coordenadoria estadual da Defesa Civil informou que a União da Vitória foi o mais afetado, ficando com a área debaixo das águas e sem qualquer via de acesso, rodoviário ou ferroviário.

c) Na manchete “Enchentes: Mais três vítimas e 48 mil pessoas desabrigadas” (13/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.104), Figura 53 (p. 109), pessoas acabam morrendo afogadas no Paraná, elevando o número de vítimas fatais da enchente do rio Iguaçu.

A Coordenadoria de Defesa Civil informou que, oficialmente, existem 48 mil desabrigados no Estado, mas esse número deve chegar a 60 mil porque passou de 26 para 33 o número de municípios atingidos. Os mortos são dos municípios de Imbituva e Mangueirinha (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 13/07/83, p. 01).

A situação continuava crítica com desabrigados em União da Vitória, Bituruna, Porto Vitória, General Carneiro e Cruz Machado, onde a baixíssima visibilidade impedia até mesmo a chegada de helicópteros com alimentos e remédios. A Secretaria de Saúde informou de casos de febre tifóide em Bituruna, e uma criança acabou morrendo por causa de hepatite segundo o jornal.

Em União da Vitória, o rio Iguaçu continuava 9,75 metros acima do seu nível normal e 80% do município estavam alagados. O rio Casaruí, um subafluente do Iguaçu, transbordou em Três Barras, município próximo a Bituruna, e despejou 12 mil pessoas, destruindo ainda 12 casas.

Acabou voltando a chover na bacia do Iguaçu, mas a situação do rio não chegou a se alterar. A situação nas usinas hidrelétricas continuava inalterada, mas a Copel persistia com o esquema de vigilância nas usinas de Foz do Areia e Salto Osório.

Nos municípios mais atingidos continuava a ausência total de energia, as estradas estavam danificadas em 224 dos 310 municípios do Estado e existiam 13 rodovias, entre estaduais e federais, totalmente interrompidas (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 13/07/83, p. 01).

d) Na manchete “Sul perde sua colheita de cereais” (14/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.105), Figura 54 (p. 110), na região Sul do Brasil, a colheita de cereais acabou sendo perdida.

Além de ter perdido dois milhões de toneladas de grãos – soja, arroz, feijão e milho – com as chuvas de maio, e ter um grande prejuízo de Cr\$ 180 bilhões, o Rio Grande do Sul deixará de plantar mais de 200 mil hectares de trigo neste inverno, devido às cheias de junho e julho, proporcionando uma das piores colheitas do cereal dos últimos tempos (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 14/07/83, p. 01).

Segundo o jornal, as cheias que se refere a junho e a julho são reflexos do mês chuvoso de junho e que permaneceram em julho provocando prejuízos nas colheitas de cereais.

As reportagens seguintes vão enfatizar sobre as enchentes e os números que vão aumentando de desabrigados e perdas de vidas.

e) Nas manchetes “Enchentes: número de mortes é de 14” (19/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.109), Figura 55 (p. 111); “Enchentes: quase 300 mil desabrigados” (20/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.110), Figura 56 (p. 111); “Enchentes: 18 mortos” (22/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.112), Figura 57 (p. 112); “Presidente avalia efeitos das catástrofes” (27/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.116), Figura 58 (p. 112); “Volta a chover na região inundada e os rios sobem no Paraná e Santa Catarina” (27/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.116), Figura 58 (p. 112); “Balanço das enchentes no Paraná” (27/07/83, p. 02, Ano X, Nº 3.116), Figura 59 (p. 113), essas são as manchetes de jornais que retratam sobre o mesmo assunto, pois houve várias enchentes e inundações com vítimas e desabrigados e a Defesa Civil apresentou os levantamentos dos números que só aumentavam para ambos na região do Paraná, sendo reconhecido o estado de calamidade pública.

O jornal acaba retratando principalmente a cidade da União da Vitória no balanço das enchentes no Paraná. Houve novas quedas de barreiras na ferrovia entre Engenheiro Gutierrez e Paula Freitas e o tráfego era extremamente precário nos dois acessos rodoviários a cidade, além do rompimento de aterros em diversos locais, permitindo apenas, excepcionalmente, a passagem de veículos leves que transportam suprimentos para União da Vitória, em apoio aos barcos e helicópteros que garantem o abastecimento da cidade.

Na reportagem “o levantamento do aumento no número de município em condição de calamidade pública”, que é uma condição especial para esses municípios que foram afetados, assinala que o evento de chuvas estava atingindo o

seu ápice. A Defesa Civil apresentou todo um balanço dos municípios que estavam com problemas, decretando o estado de calamidade pública, ocorrendo uma mobilização para amenizar a problemática para esses municípios.

Segundo Anjos (2003), a bacia hidrográfica do rio Iguaçu apresenta em períodos de ocorrências dos fenômenos El Niño variabilidade pluviométrica, pois os anos de máximos e mínimos, na sua maioria, são considerados anos relacionados a tais fenômenos, no ano de 1983. No mês de agosto de 1983 de fato não teve precipitação pluviométrica (Tabela 6, p. 46), se esperava um mês com precipitação na média, apresentando 100% abaixo do esperado (Figura 7, p. 47).

O jornal não apresentou reportagens, pois não houve período chuvoso e nem reflexo de chuvas ocorrido no mês anterior. Enquanto no mês de agosto apresentava poucas chuvas, a situação do Nordeste acabava sofrendo com a seca, deixando a população em desespero e sem água.

Em setembro de 1983 houve precipitação pluviométrica de 308,9 mm (Tabela 6, p. 46), considerado grande volume de chuvas na região. A precipitação ficou 123%, bem acima do esperado, como mostra a Figura 7 (p. 47).

Por conta dos 45% a menos de chuvas que ocorreu no mês anterior, observou-se o reflexo da estiagem na região, com prejuízos na economia. A partir do período chuvoso houve consequências na economia pelo excesso de chuvas na agricultura, enchentes na região sudeste paranaense com perdas de vidas e o interrompimento no tráfego de cargas.

a) Na manchete “Estiagem, prejuízos para feijão e trigo” (03/09/83, p. 02, Ano X, Nº 3.145), Figura 60 (p. 114), por causa da falta de chuvas, o Norte do Paraná, compreendidos os núcleos regionais de Jacarezinho, Cornélio Procópio, Londrina, Maringá e Paranaíba enfrentaram sérios problemas com a produção de feijão e trigo, por causa da estiagem. Na terra seca e dura, as plantas apresentavam baixo crescimento, menos vagens e perspectivas de baixo rendimento.

Se não houver uma mudança no panorama climático, receia-se que os produtores não tenham condições de efetuar o plantio no restante da área – cerca de 80 mil hectares. De acordo com o Departamento de Economia Rural – DERAL da Secretaria da Agricultura, a produção de feijão no Norte está sendo calculada em cerca de 70 mil toneladas (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 03/09/83, p. 02).

Os trabalhos de preparo do solo para as culturas de feijão, milho e algodão estavam paralisados, pois os produtores temiam muito Sol na floração, uma má granação e chuvas na colheita. A estiagem já prejudicava todo o centro-sul, as

pastagens de verão e inverno, o desenvolvimento das culturas de inverno (cevada, aveia, centeio e trigo) e o preparo do solo e plantio das culturas de verão, notadamente o feijão e o milho. No Norte do Paraná, em Ivaiporã, encontrava-se o maior polo produtor de feijão do Estado.

As geadas no Sudoeste acarretaram prejuízos no trigo em Pato Branco e Francisco Beltrão. Com referência ao trigo, obteve uma perda total de 35 mil hectares no Oeste do Paraná, em decorrência da alta incidência de doenças, helmintosporiose e ferrugem na maioria dos casos (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 03/09/83, p. 02).

O DERAL informou que nas regiões centro-sul e sudoeste estavam plantados 100 mil alqueires de trigo. A cultura ficou sujeita a todos os problemas climáticos e fitossanitários, pois nada estava assegurado. Nas lavouras mais adiantadas, o grão encontrava-se formado. Apesar de todas as dificuldades, as chuvas excessivas no período de abril a junho e a estiagem em julho e agosto, foram os mais secos do ano.

b) Na manchete “Chuvas evitam prejuízo maior na agricultura” (06/09/83, p. 04, Ano X, Nº 3.148), Figura 61 (p. 115), as chuvas iniciadas na madrugada de sábado e que continuavam, evitaram maiores prejuízos financeiros na agricultura decorrentes da estiagem de quase 60 dias que vinha ocorrendo na região de Maringá.

(...) até às 12 horas, o volume de precipitação havia alcançado 77 mm e os produtores rurais respiravam aliviados, notadamente, os pecuaristas, os mais atingidos pela adversidade climática (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 06/09/83, p. 04).

As áreas de pastagem estavam secas, obrigando os criadores a aumentarem os gastos pelo uso de alimentação suplementar, como ensilagem (processo de fermentação que tem por objetivo a conservação da forragem no seu estado úmido na ausência de ar), farelo e ração. Segundo o técnico Waldemi Lima, do DERAL do núcleo regional da Secretaria da Agricultura, a falta de chuvas nos últimos 50 dias torna irreversível a diminuição em 400 mil litros na produção de leite regional recebido por cinco laticínios.

c) Na manchete “Criança morre durante forte chuva” (18/09/83, p. 01, Ano X, Nº 3.160), Figura 62 (p. 116), as chuvas do mês acabaram provocando vítimas, uma criança acaba morrendo durante forte chuva.

No dia 18/09/83, no período da tarde, durante uma violenta chuva que ocorreu em Maringá, uma criança de 12 anos de idade acabou morrendo quando estava em uma canaleta no Lar Escola da Criança. O garoto era órfão de mãe e frequentava o Lar Escola, o acidente ocorreu quando a

canaleta caiu, atingindo-o. Sobre o caso, acredita-se, no entanto que, com as contínuas chuvas que tem caído em Maringá, o terreno cedeu e, naturalmente começou a queda do muro (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 18/09/83, p. 05).

As reportagens seguintes mostram o problema do tráfego entre as regiões do Paraná, causadas pelas enchentes e provocando prejuízos.

d) Nas manchetes “Chuva interrompe rodovias na região” (20/09/83, p. 05, Ano X, Nº 3.162), Figura 63 (p. 116); “Enchente interrompe tráfego” (21/09/83, p. 01, Ano X, Nº 3.163), Figura 64 (p. 117); “Tráfego liberado entre Maringá e Cianorte” (21/09/83, p. 03, Ano X, Nº 3.163), Figura 65 (p. 117), as chuvas fizeram transbordar os cursos de água e vieram abaixo os aterros que sustentam várias rodovias da região, causando interdições totais e parciais em várias delas. Além de dezenas de metros cúbicos de madeiras, diversas, toras, galharias, tábuas de algumas casas arrancadas, algumas reses e muitas cobras, estão enroscadas sob a ponte do rio Ivaí na rodovia que liga Maringá a Cianorte. É o resultado da cheia que se verifica em todos os cursos de água da região.

e) Na manchete “Ameaça de nova enchente: Prontidão em União da Vitória” (24/09/83, p. 01, Ano X, Nº 3.166), Figura 66 (p. 118), o rio Iguaçu acabou voltando a subir em União da Vitória, município paranaense mais atingido pelas enchentes de julho, e a população e todos os órgãos de segurança estavam em estado de alerta. Como relata o jornal, “principalmente porque as chuvas, que começaram quinta-feira, continuaram com bastante intensidade ontem. O rio estava a 4,46 metros acima do normal por volta das 15 horas” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 24/09/83, p. 01).

Segundo a Copel, o rio Iguaçu alcançou seu nível crítico, de 5,5 metros, porque recebeu toda a água armazenada na cabeceira do rio, em Curitiba, onde bairros periféricos que estavam alagados pelos rios Atuba e Barigui, provocando desabrigados (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 24/09/83, p. 01).

Em União da Vitória a Polícia Militar estava mantendo homens em vigilância em pontos estratégicos do rio para que pudesse informar a Secretaria de Assuntos Comunitários sobre a evolução da situação, entre duas em duas horas.

Por volta das 17 horas o serviço de meteorologia informou à Coordenadoria da Defesa Civil que o tempo deveria melhorar em 48 horas do Paraná para cima. De qualquer forma, todo o esquema de segurança está de prontidão para qualquer emergência, já que a última enchente deixou 6.600 pessoas sem casa até hoje (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 24/09/83, p. 01).

Apesar da participação do governo nesse processo de estado de calamidade pública, o jornal traz os prejuízos econômicos principalmente focados na agricultura, as perdas de vidas humanas, todos os transtornos causados pelas enchentes, dificultando a saída do fluxo de pessoas, da matéria prima, dos produtos em modo geral, o excesso de chuvas causa muitos transtornos financeiros como sociais.

4.2.4 Outubro, novembro e dezembro de 1983

Para os meses de outubro, novembro e dezembro que correspondem aos meses seco e chuvoso, foi observado dentro do padrão da normalidade do que era esperado para a média, exceto dezembro que ficou abaixo do normal. Em comparação ao ano de 1982 à precipitação nos meses de outubro a dezembro ficou acima do esperado.

Entretanto em consequência desse volume de chuva, foram observadas reportagens que tratavam sobre os prejuízos causados por essa quantidade de precipitação (Tabela 10).

Tabela 10 – Quantidade das matérias de jornais de 1983, que retratavam sobre as consequências e prejuízos causados pelo excesso de chuva.

Categoria	Outubro	Novembro	Dezembro
Economia	-	-	-
Taxa de mortalidade	-	-	-
Saúde	-	-	-
Outros	1	1	-

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983).

No mês de outubro ocorreu precipitação pluviométrica de 186,1 mm (Tabela 6, p. 46), estando dentro do padrão da normalidade, como pode ser observado na Figura 7 (p. 47). Foi observada uma notícia do jornal que trata do mês chuvoso.

a) Na manchete “Temporal derruba casa e fere mulheres” (11/10/83, p. 01, Ano X, Nº 3.200), Figura 67 (p. 118), com a intensidade das chuvas que ocorreram na região, houve um temporal que derrubou uma casa, prejudicando uma família, deixando vítimas em Maringá.

De acordo com o Jornal O Diário, “Com a violência da chuva e vento, uma família residente no Parque Itaipu, rua 47, a casa veio abaixo sobre a família. Saíram feridas mãe e filha” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 11/10/83, p. 03).

Em novembro de 1983 a precipitação pluviométrica foi de 180,4 mm (Tabela 6, p. 44), havendo 21% acima do esperado, como pode ser observada na Figura 7 (p. 46). A população do bairro Morangueirinha em Maringá (PR) acabou sofrendo pelas chuvas excessivas do mês.

a) Na manchete “Água e lama invadem casas na Morangueirinha” (04/11/83, p. 03, Ano X, Nº 3.231), Figura 68 (p. 119), a água e a lama acabaram invadindo casas na Vila Morangueirinha na Rua La Paz, quadra 92 em Maringá-PR segundo o jornal, por conta das chuvas.

Uma cena um tanto quanto pitoresca: cerca de oito famílias tirando barro das chuvas que caíram anteontem, de dentro de suas casas e tentando limpar os móveis e o chão, em lastimável estado. Geralmente a chuva não assusta ninguém, no entanto, causa verdadeiro pavor nestas famílias, uma vez que toda a chuva em que se verifique um índice maior de pluviosidade as levam a proceder este serviço de limpeza. O pior, conforme declaram, não é o trabalho em si, e sim o estrago que a lama e a água produzem nos móveis e no assoalho (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 04/11/83, p. 03).

A causa do transtorno era por causas das bocas de lobo que não conseguiam dar vazão a água da chuva, permitindo que transbordassem pelo meio-fio, invadindo as casas. A solução segundo moradores não estava na providência da colocação de bocas de lobo, e sim na troca das grades.

Segundo os moradores em entrevista ao Jornal O Diário, “Colocando-se grades maiores, com maior abertura, dá-se possibilidade aos bueiros de absorverem por completo toda a água, afirmaram” (Jornal O Diário do Norte do Paraná, 04/11/83, p. 03), pois o terreno era inclinado desde a Avenida Colombo, que acabava desembocando em um verdadeiro lago, com isso os moradores fizeram protesto no local para a tomada de providências pelos órgãos públicos.

Segundo o jornal, “Porém, muito mais desagradável é você gritar por providências e elas nunca aparecem” (Moradora entrevistada pelo Jornal O Diário do Norte do Paraná, 04/11/83, p. 03). Por causa da elevada precipitação no mês, a população acabou tendo consequências muito desagradáveis, sendo prejudicadas economicamente.

No mês de dezembro de 1983 foi registrado o total de 155,5 mm de precipitação pluviométrica (Tabela 6, p. 46), com anomalia de 24% abaixo do esperado, observado na Figura 7 (p. 47), pois se esperava um mês chuvoso, e como mostra a Tabela 1 (p. 30), o fenômeno El Niño estava no final, havendo uma queda da intensidade de chuvas. Isto não ocasionou em reportagens que tratassem das

chuvas na região pelo jornal. As matérias estavam focadas mais para o final do ano, direcionado para as propagandas de natal.

5. CONCLUSÃO

As reportagens do jornal foram indispensáveis para compreender as repercussões dos excessos das chuvas nas áreas urbanas e rurais, delimitando os tipos de impactos, suas quantidades e seus períodos de ocorrências. A partir das reportagens analisadas, constatou-se que apesar do jornal “O Diário do Norte do Paraná” ter sua maior tiragem e distribuição na região Noroeste do Paraná, observou-se notícias dos efeitos provocados pelo excesso de chuva em diferentes regiões do Estado.

Constatou-se também, que a principal fonte de informação do jornal, para a elaboração dos balanços gerais da situação das lavouras (mostrando as perdas, quebra, redução, baixa qualidade na produção) provinha de levantamentos, pautados pelo DERAL, Secretaria da Agricultura e IAPAR.

Além disso, foi observado, que na época, a maior parte das reportagens não tinha assinatura de seu redator, quem assumiu a responsabilidade das informações que foram escritas nesse período foi o próprio jornal.

Com relação o evento El Niño foi observado que pouco se sabia da sua influência sobre a ocorrência anômala da distribuição de chuvas no Estado do Paraná e até mesmo em nível de Brasil. Isso pode ser constatado em uma matéria de jornal que fazia especulações sobre a possível influência do lago de Itaipu sobre a distribuição e intensidade das chuvas, mas que foi devidamente esclarecida pelo professor Dalton Moro do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, que explicava que o fenômeno chuvoso do mês de dezembro de 1982 não tinha nada haver com o microclima do lago artificial, ou seja, foi um indicativo que havia um conhecimento da dinâmica do fenômeno El Niño, mas não tinham conhecimento de suas causas.

No que tange a respeito das consequências ocorridas em função do excesso de chuvas, constatou-se que houve prejuízos em diversos setores da economia e da sociedade, principalmente no ano de 1983 em que os prejuízos materiais, perdas humanas, desalojados, desabrigados, na agricultura foram bem maiores afetando diversas regiões do Paraná. Mas a região sul do Estado sofreu muito mais com a falta de todos os tipos de recursos, que foram impedidos de serem distribuídos pela falta de logística, pois parte das rodovias estavam interditadas ou

por causa da queda de barreiras ou pelo acúmulo de água em superfície. Isso foi observado nas manchetes que retravam a respeito do estado de calamidade pública dos municípios localizados, principalmente, na bacia do rio Iguaçu.

Esse tipo de problema, infelizmente, ainda é observado nos dias de hoje, por causa de quedas de barreiras os caminhões acabam não conseguindo seguir viagem pelas rodovias, havendo perda na qualidade do produto e atraso na entrega da produção. Com isso, todos acabam saindo prejudicados.

Outro aspecto observado foi à importância das balsas na época em que ainda não existia a ponte Airton Sena, que liga o município de Guairá-PR e Mundo Novo-MS, com o excesso de chuvas a vazão do rio Paraná subiu significativamente tornando perigosa a travessia e impedindo o escoamento da produção agrícola do Estado do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul até o Porto de Paranaguá, causando prejuízos na exportação de grãos.

No geral o que foi observado pelo jornal é a ênfase que é retratada a questão dos prejuízos econômicos, o impacto que as chuvas provocaram e provocam no âmbito da sociedade. O objetivo do jornal é informar ao seu leitor o que está ocorrendo a nível local até mundial. Atualmente a informação no meio de comunicação chega muito mais rápida, em minutos o leitor sabe o que está acontecendo em qualquer lugar do planeta, diferente de 1982/83 na qual a rapidez e esse aparato tecnológico não estavam presentes.

Dessa forma, podemos concluir que os meios de comunicação podem ser úteis em fornecer uma base de dados que apontem, mesmo que de forma subjetiva, os problemas que a sociedade enfrenta em seu cotidiano quando ocorrem anomalias extremas. Porém poderiam ter a preocupação de contribuir para o entendimento das mesmas. A mídia ainda apresenta falhas ao retratar esse tipo de temática ao trocar terminologias e conceitos fundamentais da climatologia e meteorologia. Além disso, ao omitir informações importantes ao leitor, não aponta os responsáveis que deveriam sanar ou mitigar os efeitos causados por anomalias climáticas, que não trazem somente prejuízos econômicos, mais também prejuízos sociais.

Finalmente, estudos como estes podem auxiliar os estudos geográficos e ser uma fonte de informação para os atores da educação. Deve-se investigar este assunto sob a ótica do ensino e aprendizagem dos conceitos geográficos e que

estão presentes no dia-a-dia das pessoas, mas que são ignorados pelos próprios educadores à formação de seus educandos, bem como a si mesma.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAS, Gerson Moacyr Sisniegas. *Projeto Estrutural de Sapatas*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, p. 38. 2007. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/decc/ECC1008/Downloads/Sapatas.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2012.
- ANJOS, Isabel Barbosa dos. *Relação de elementos climáticos associados à criminalidade, saúde e rendimento de grãos no Paraná, 2003*. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2003.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *História do Jornal do Mundo*. 2012. Disponível em: <www.anj.org.br>. Acesso em: 27 jan. 2012.
- AZEVEDO, Luiz Carlos de. *Análise da precipitação pluvial da Bacia do Rio Iguaçu – Paraná, 2006*. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2006.
- BACCI, Denise de La Corte; PATACA, Ermelinda Moutinho. *Educação para a água*. Estud. av. [online]. 2008, vol.22, n.63, p. 211-226. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2012.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica – As técnicas do jornalismo*. 5. ed. vol. II. São Paulo: Mauad, 2009. 280 p.
- BALDO, Maria Cleide. *Análise da estrutura e variabilidade interanual da precipitação pluviométrica na região Sul do Brasil, 2000*. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2000.
- BLAIR, Thomas Arthur; FITE, Robert Cotton. *Meteorologia*. ed. Ao Livro Técnico, 1964. 406 p.
- BRADLEY, Duane. *A imprensa: sua importância na democracia*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965. 117 p.
- CALEARO, Daniel et al. *Monitoramento do Catarina no Centro Operacional da EPAGRI/CLIMERH*. XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE METEOROLOGIA, 2004. **Anais...** Fortaleza, 2004.
- CAVALCANTI, Iracema, Fonseca de Albuquerque; GRIMM, Alice; BARROS, Vicente. *Variabilidade interanual da precipitação sobre a região Sul/Sudeste da América do Sul simulada pelo modelo de circulação global da atmosfera CPTEC/COLA*. 2002.
- CURTY, Marlene Gonçalves; CRUZ, Ana Maria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. *Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: (NBR 14724/2005)*. 2. ed. Maringá: Dental Press, 2006.

DE FLEUR, Melvin Lawrence; BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. 397 p.

DINES, Alberto; MALIN, Mauro (org.). *Jornalismo brasileiro: no caminho das transformações*. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

FERREIRA, Eugênia Maria Costa. *Ocorrência de Malária na área de influência do reservatório de Itaipu. Margem Esquerda – Paraná - Brasil*. Um estudo de Geografia Médica. 1996. 233 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

FERREIRA, Paulo Henrique de Oliveira. *O jornalismo e as tecnologias de informação on-line: do telégrafo à internet móvel*. **Revista de Estudos de Jornalismo**. Campinas, p. 65-77, 2003.

FLEMING, James Rodger. *Meteorology in America, 1800-1870*. Baltimore, London: The Johns Hopkins University Press, 1990.

GARBIN, Estevão Pastori; SANTIL, Fernando Luiz de Paula; SILVEIRA, Hélio. *Análise da percepção das variáveis visuais de acordo com a categorização das feições das cartas sinóticas*. **Revista Brasileira de Cartografia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 2, p. 427-438. 2011.

GRIMM, Alice Marlene; CAVALCANTI, Iracema Fonseca de Albuquerque; CASTRO, Christopher Alexander Cunningham. *Importância relativa das anomalias de temperatura da superfície do mar na produção das anomalias de circulação e precipitação no Brasil num evento El Niño*. XII CONGRESSO BRASILEIRO DE METEOEROLOGIA, 2002, **Anais...** Foz de Iguaçu-PR, 2002.

GRIMM, Alice Marlene; FEUSER, Valdeci Roni, 1998: *Relações entre temperatura da superfície do mar sobre o atlântico e precipitação no Sul e Sudeste do Brasil*. X CONGRESSO BRASILEIRO DE METEOEROLOGIA. Sociedade Brasileira de Meteorologia. **Anais...** Brasília-DF.

GRIMM, Alice Marlene; NATORI, Ângela Akie. *Relação entre a variabilidade interanual e interdecadal da chuva no Sudeste da América do Sul e da temperatura da superfície do mar nos oceanos atlânticos e pacífico*. XII CONGRESSO BRASILEIRO DE METEOEROLOGIA, **Anais...** Foz de Iguaçu – PR, 2002.

GRIMM, Alice Marlene; TOGATLIAN, Isabela de Mattos. *Relação entre eventos El Niño/La Niña e frequência de ocorrência de extremos frios e quentes de temperatura no cone sul da América do Sul*. XII CONGRESSO BRASILEIRO DE METEOEROLOGIA, 2002, **Anais...** Foz de Iguaçu-PR, 2002.

KOUSKY, Vernon Edgar; CAVALCANTI, Iracema Fonseca de Albuquerque. *Eventos Oscilação do Sul-El Niño: Características, evolução e anomalias de precipitação*. *Ciência e Cultura*, 36(11): 1888-1899, 1984. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Meteorologia, v. 2, p. 389-393. 1994.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo*. São Paulo: Porto Editora, 2005. 224 p.

LANDERS, John N. *Histórico, característica e benefícios do plantio direto*. 2005. 113 f. Especialização por tutoria à distância (Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior – ABEAS/UnB). Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília. Brasília. 2005.

LEONELLI, Domingos; OLIVEIRA; Dante de. *Diretas já – 15 meses que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2004. 639 p.

LOCK, Marcos Vicente Coffani. *Notícia participativa e o reposicionamento das fontes – Estudo de caso: São José do Rio Preto*. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Paulista, Bauru, 2005.

LOPES, Poliana. *O Movimento Diretas Já e a Cobertura do Jornal Zero Hora: uma Análise a partir da Agenda-Setting*. 2007. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História) – Universidade Feevale. Novo Hamburgo, 2007.

MARCELINO, Emerson Vieira et al. Masato. *Impacto do Furacão Catarina sobre a região sul catarinense: monitoramento e avaliação pós-desastre*. Geografia, v. 30, n. 3, p. 559-582. 2005.

MARENCO, Jose Antonio. *Mudanças Climáticas e Eventos Extremos no Brasil. Mudanças Climáticas, condições meteorológicas extremas e eventos climáticos no Brasil*. FBDS (Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável). 2009. Disponível em: <
http://fbds.org.br/fbds/article.php3?id_article=959&var_recherche=Mudan%E7as+cliM%E1ticas+e+eventos+extreMos+no+brasil>. Acesso em: 30 ago. 2012.

MARSHALL, Leandro. *O Jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Editorial Summus, 2003. 180 p.

MARTINS, Sueli Sato. *Recomposição de matas ciliares no Estado do Paraná*. 2.ed. rev. e atual. Maringá: Clichetec, 2005. 32 p.

MELO, José Masques de. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Sulina, 2003. 239 p.

MENDONÇA, Francisco; DANNI-OLIVEIRA, Inês Moresco. *Climatologia: noções básicas e climas do Brasil*. São Paulo: Oficina de Texto, 2007. 206 p.

MILLER, Arthur Austin. *Climatologia*. Barcelona: Omega, 1957. 375 p.

MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002. 182 p.

MOTTA, Fernando Silveira; AGENDES, Marisa Oliveira de Oliveira. *Clima e Agricultura no Brasil*. Porto Alegre. Editora Sagra, 1986. 151 p.

NAGEM, Fernanda Raquel Maximiano. *Avaliação econômica dos prejuízos causados pelas cheias urbanas*, 2008. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NEDER, Vinicius. *Reflexões teóricas sobre a prática jornalística: três conceitos*. **Revista Icone**. Pernambuco, v.11, n.2, p.1-13, dezembro. 2009.

NERY, Jonas Teixeira; MARTINS, Maria de Lourdes Orsini Fernandes; BALDO, Maria Cleide. *Correlação da Precipitação do Estado do Paraná com a Anatomia da Temperatura da Superfície do Mar no Pacífico Equatorial*. *Revista Brasileira de Agrometeorologia*, Santa Maria, v. 10, n. 2, p. 305-316, 2002.

NERY, Jonas Teixeira; VARGAS, Mário Walter; MARTINS, Maria de Lourdes Orsini. *Caracterização da Precipitação do Paraná*. **Revista Brasileira de Agrometeorologia**. Santa Maria 4(2): 81-89. 1996.

OLIVEIRA, Gilvan Sampaio de. *O El Niño e Você – o fenômeno climático – 2001*. Disponível em: http://enos.cptec.inpe.br/saiba/Oque_el-nino.shtml. Acesso em: 28 ago. 2012.

ORGANIZATION METEOROLOGIQUE MONDIALE (OMM). *Technic Note*, 79, Genève. 1966.

OSTROWSKY, Maria de Sampaio Bonafé; ZMITROWICZ, Witold. *Urbanização e Controle de Enchentes: o Caso de São Paulo: seus Conflitos e Inter-Relações*, 1991. 11 f. Versão abreviada da dissertação (Mestrado) – Departamento de Engenharia Civil, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 1991.

PARKER, John Morris; COIMBRA, Rosa Lúcia. *Para uma Estilística Meteorológica*. Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 1995.

PAULA, Antonio Roberto de. *O Jornal do Bispo*. A história da Folha do Norte do Paraná. In: _____. Maringá. 2010. Disponível em: <<http://jornaldobispo.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2005. 235 p.

PEREIRA, Joaquim Rezende. *Controle das cigarrinhas-das-pastagens*. Introdução Técnica para o produtor de leite. Embrapa Gado de Leite. 2000. Disponível em: <<http://www.cileite.com.br/sites/default/files/16Instrucao.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

PITTON, Sandra Elisa; DOMINGOS, Amanda Érica. *Tempos e doenças: efeitos dos parâmetros climáticos nas crises hipertensivas nos moradores de Santa Gertrudes - SP*. In. *Estudos Geográficos*. Rio Claro, vol. 02, nº. 01, p.75-86, 2004.

POLESEL, Célia Regina; DELIBERADOR, Luzia Mitsue Yamashita. *Jornal não é fonte de informação para universitários maringaenses*. In: CONGRESSO

BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso. *História da Imprensa*. Lisboa: Editora Planeta, 1996. 704 p.

RECCO, Rogério; PAULA, Antonio Roberto de. *O Diário, 35 anos de história*. Maringá: Coan, 2009.

SAMPAIO, Rafael. *Propaganda de A a Z*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 376 p.

SECRETARIA NACIONAL DE DEFESA CIVIL. *Glossário*. Disponível em: <<http://www.defesacivil.gov.br/index.asp>>. Acesso em: 11 ago. 2012

SGANDERLLA, Bianca Maria. *Jornalismo de celebridades x A importância do conteúdo jornalístico*. 2009. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo, 2009.

SILVA, José de Fátima da. *El Niño, o fenômeno climático do século*. 1 ed. Brasília: Thesauris, 2000. 139 p.

SILVA, Maria Elisa Siqueira; GUETTER, Alexandre, Kolodynskie. *Mudanças climáticas regionais observadas no estado do Paraná*. **Terra Livre**. São Paulo. Ano 19 - v.1, n.20. 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó, SC. Editora Argos, 2002. 222 p.

SOUSA, Patrícia. *Estudo da variabilidade da precipitação no Estado do Paraná associado à anomalia da TSM no oceano Pacífico*, 2006. 72 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2006.

TAVARES, Ana Rita Pires. *Jornalismo investigativo*. 2003. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2003.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. *Reflexões sobre a tipologia do material jornalístico: o jornalismo e as notícias*. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 30, n.1, p. 49-70, janeiro/junho. 2007.

TEODORO, Pacelli Henrique Martins, AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade. *Os caminhos das águas urbanas e seus traços em Maringá/PR*. **Revista Formação**, v. 1, n.17, p.35-55. 2008.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são*. v. 1. Florianópolis: Editora Insular, 2004. 224 p.

TRENBERTH, Kevin E. *The Definition of El Niño*. Bulletin of the American Meteorological Society. v. 78, n. 12, 1997.

TRENBERTH, Kevin E.; STEPANIAK, David P. *Indices of El Niño Evolution*. J. Climate, 14, 1697-1701. 2001

VILLELA, Rubens Junqueira. Scientific American Brasil, “Catarina”, o primeiro furacão Brasileiro. Ano 2 – n. 24, p.10-11, 2004.

VIZEU, Alfredo Eurico; SANTANA, Adriana. *O lugar de referência e o rigor do método no jornalismo: algumas considerações*. Intexto. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 22. p. 38-48, janeiro/junho. 2010.

WALTRICK, Paulo Cesar. *Erosividade de chuvas no Paraná: atualização, influência do “El Niño” e “La Niña” e estimativa para cenários climáticos futuros*. 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências do solo, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2010.

WORKSHOP FBDS/FINEP. *As Mudanças Climáticas Globais e as Oportunidades para a Indústria Brasileira*. 2004. Disponível em: <http://fbds.org.br/fbds/article.php3?id_article=27&var_recherche=Mudan%E7as+cliM%E1ticas+e+eventos+extreMos+no+brasil>. Acesso em: 01 ago. 2012.

7. APÊNDICES

HISTÓRIAS DO JORNAL “O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ” – O jornal é considerado um dos veículos de comunicação que se tornou um dos mais importantes meios de informação, com relação a informar ao leitor e a sociedade o que esta acontecendo em nossa região, estado, país e mundo.

De acordo com Sampaio (2003), “é uma excelente mídia de caráter local e regional, que abrange público de várias classes e garante alta credibilidade aos anúncios nele veiculados”.

Em Maringá este importante meio de informação só ganhou produção em escala comercial na década de 1970 com a instituição, através de Joaquim Dutra e Samuel Silveira do jornal “O Diário do Norte do Paraná”. Em 1974, houve a maior tiragem para a sociedade maringaense, tornando-se um meio de comunicação presente na mídia e constante no cotidiano dessa sociedade.

A história do jornal “O Diário do Norte do Paraná” foi retratada (contada) em um livro chamando “O Diário, 35 anos de história”, dos autores Rogério Recco e Antonio Roberto de Paula (2009), no qual apresenta a saga vitoriosa de um jornal a serviço da cidadania.

Como relata Recco (2009), a história começa a ocorrer em 1973, onde o paulista Joaquim Dutra, desligou-se da Folha do Norte e juntamente com o também paulista Samuel Silveira e outros sócios, investiram em um matutino próprio e estavam certos de que havia espaço para um novo diário em Maringá.

Era inaugurado em 29 de junho de 1974 o jornal “O Diário do Norte do Paraná” pelos proprietários Ary de Lima, Joaquim Dutra e Samuel Silveira, que acabaram iniciando suas atividades com o maquinário e tendo uma estrutura extremamente moderna para a época e desde então começaram a traçar o caminho na história da imprensa maringaense.

O jornal O Diário foi conquistando espaço na cidade, sendo o único jornal paranaense de oposição à ditadura, em 1976. Após pertencer a diversos proprietários, por volta de 1978, o jornal ganhou os atuais proprietários como Franklin Vieira da Silva e Rosey Rachel.

Possuindo a reputação de ser um dos jornais de maior credibilidade e importância entre os veículos impressos do Paraná, o empresário Franklin Vieira da Silva conseguiu conquistar, veiculando em mais de sessenta municípios das regiões Norte e Noroeste do Estado (Recco, 2009). Assim, tendo como sede a cidade de Maringá, O Diário acabou contribuindo com o registro de fatos da região geográfica.

Em junho de 1994 foi inaugurada a atual sede do jornal, contando com um offset rotativo, ou seja, uma máquina com dois conjuntos de impressão e dobradeira, permitindo imprimir oito páginas por vez. A primeira impressão em quatro cores ocorreu no ano seguinte, dia 12 de outubro de 1995, facilitando o trabalho do jornal, melhorando a estrutura da empresa e a qualidade editorial.

ANEXO

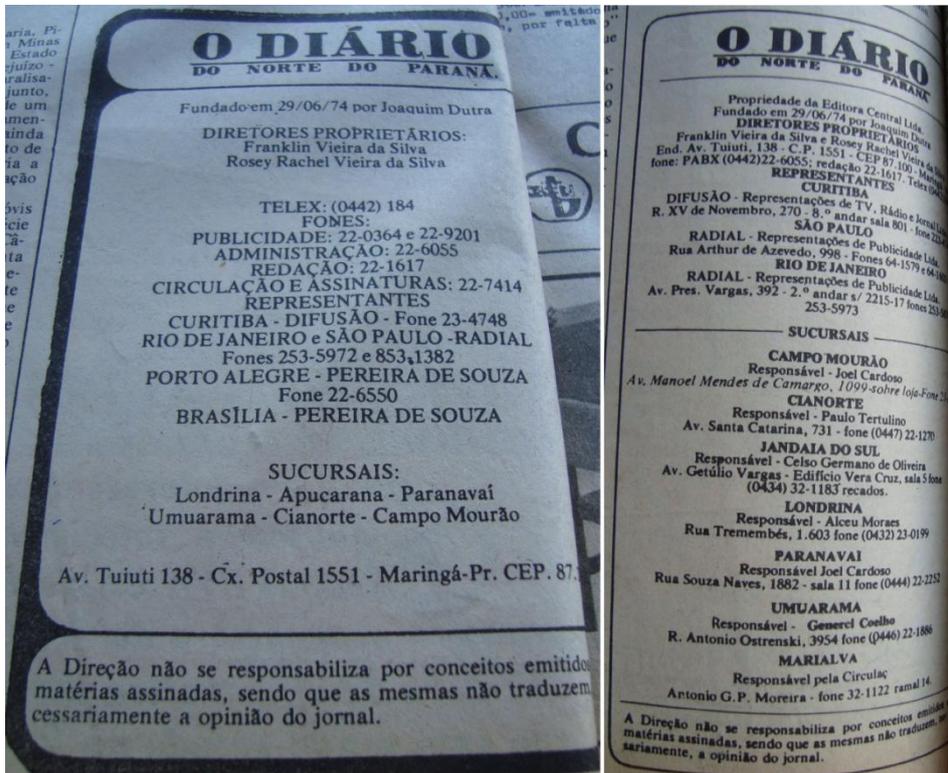


Figura 8 – A evolução do jornal.

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná.



Figura 9 - 03/02/82, p. 01, Ano VIII, Nº 2.374

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982).

A estiagem continua e os prejuízos podem aumentar

Enquanto as chuvas não chegam os prejuízos na agricultura vão aumentando no Estado. A estiagem, que já dura mais de 30 dias, está provocando uma grande quebra na produção de arroz, que pode chegar a 25 por cento. Isso além de prejudicar as lavouras de algodão, milho e soja. O secretário Eugênio Stefanello afirmou que quanto aos prejuízos gerais até agora não há nada realizado, mas que em alguns locais eles já comprometeram a safra.

Como a chuva dos últimos tempos não foi geral, apenas localizada, há lugares que ainda não foram afetados pela seca. Os pastos, no entanto, sofrem bastante em termos gerais, pois aumenta a incidência da "cigarrinha" e há impedimento do rebrote da planta. Umuarama e Paranaval são as cidades que mais estão sofrendo com relação às pastagens, que estão começando a falhar para os animais.

O algodão é uma das culturas mais prejudicadas pela falta de água: quebra em torno de 20 por cento da produção, inicialmente estimada 820 mil toneladas em caroço.

O CALORE E O PASSEIO

Além de causar prejuízos nas lavouras do Paraná a estiagem está fazendo muita gente sair de casa para um passeio. O Parque do Ingá, um dos locais mais frequentados em época de calor, está recebendo a visita de muita gente, além das excursões costumeiras. Muitos procuram a sombra das árvores para descansar, ler, conversar e, quando o sol não está muito forte, passear de pedalinho no lago do bosque.

Evidentemente sobe também a venda de refrescos, sorvetes e refrigerantes. As roupas tornam-se leves, e os que se aventuram a sair a camisa de passeio o fazem sem abotoá-la. Como sempre, as autoridades sanitárias alertam para o perigo da desidratação, que fez algumas vítimas no ano passado, em sua maioria por falta de cuidados ideais para com a criança.



O algodão é uma das culturas mais prejudicadas pela seca.

Figura 10 - 03/02/82, p. 03, Ano VIII, Nº 2.374
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)

O DIÁRIO

DO NORTE DO PARANÁ

Marçã, sexta-feira, 19 de fevereiro de 1982 - Ano VIII - Nº 2.389 - C\$ 40,00

Cotação do dia	
ARRE	C\$ 1.460,00

COCAMAR

Perigo de maleita no rio Paraná

As águas do rio Paraná, que começaram a baixar na quinta-feira, trazem outro perigo para moradores e pescadores da região. É o perigo de contágio da maleita, que geralmente tem feito muitas vítimas nas harrancas dos rios. O aviso, do Serviço de Proteção contra a Malária, é para que as pessoas evitem o rio Paraná para acompanhar nesse carnaval, pois a transmissão da doença poderá ser inevitável.



remédios

gilação

sileiro

Figura 11 - 19/02/82, p. 01, Ano VIII, Nº 2.389
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)



Figura 12 - 21/02/82, p. 03, Ano VIII, Nº 2.391
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)



Figura 13 - 07/10/82, p. 06, Ano IX, Nº 2.578
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)



Figura 14 - 29/10/82, p. 05, Ano IX, Nº 2.596
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)



Figura 15 - 02/12/82, p. 05, Ano IX, Nº 2.623
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)



Figura 16 - 03/12/82, p. 03, Ano IX, Nº 2.624
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)



Figura 17 - 21/12/82, p. 01, Ano IX, Nº 2.638
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)

Cai qualidade da safra agrícola

O excesso de chuvas que se verifica no Estado traz um novo problema para a agricultura - a perda de qualidade dos produtos colhidos. É o caso do feijão, que apresenta padrão de classificação inferior nesta safra. A informação é da CLASPAR, Empresa Paranaense de Classificação de Produtos, responsável pela determinação da qualidade dos produtos de origem agropecuária comercializados no Estado do Paraná. Segundo o engenheiro agrônomo Ugo Rodacki, presidente da CLASPAR, "o excesso de chuvas dificulta o trabalho do agricultor, especialmente o trato cultural, impedindo por exemplo, a capina e aplicação de defensivos. Com a invasão de ervas daninhas e a proliferação de insetos, há perda quantitativa e qualitativa da produção".

FELJÃO

No caso do feijão, disse Rodacki, já estamos recebendo as primeiras amostras do produto colhido no período de chuvas, e já se pode notar a perda de qualidade. Segundo ele, para se determinar o tipo de feijão, leva-se em conta o número de grãos aviados, que compreendem os grãos ardidos, chuveados, mofados e descoloridos. Também é considerada a quantidade de grãos picados por insetos e os quebrados, chamados "bandeirinhas". De acordo com a maior ou menor incidência desses grãos defeituosos, estabelece-se o tipo, que varia de 1 ao 5. Se o produto não se enquadrar até o tipo 5, é

considerado fora do padrão, não podendo ser o comprado pelo Governo Federal dentro da Política de Preços Mínimos.

Existem ainda os descontos por excesso de umidade e impurezas, o que pode ser evitado pelo agricultor através de um processo de secagem e sutagem, que é uma pré-limpeza feita com peneira. Ugo Rodacki informou que a CLASPAR, através dos seus 117 postos espalhados pelo estado, faz gratuitamente aos agricultores a classificação do feijão, determinando as condições do produto antes de ser comercializado. "Isto permite ao agricultor um conhecimento prévio das condições de seu produto, evitando que ele sofra descontos indevidos", concluiu Rodacki.

PLANTIO ATRASADO

Além do feijão, outras culturas enfrentam dificuldades com as chuvas. No norte e oeste do estado, a soja em desenvolvimento vegetativo sofre intenso ataque de lagartas, pela falta de combate apropriado por causa das chuvas. No sul do Estado, onde o plantio é feito tradicionalmente mais tarde, as hervas impedem o preparo do solo, fazendo com que muitos agricultores utilizem o processo de plantio direto. Mesmo assim, apenas 70 por cento da área prevista estão plantados nesta região, preocupando os agricultores que estão parados vendo passar o período ideal de plantio.

Figura 18 - 21/12/82, p. 04, Ano IX, Nº 2.638

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)



Figura 19 - 30/12/82, p. 01, Ano IX, Nº 2.644
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1982)



Figura 20 - 04/01/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.646
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 21 - 05/01/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.647
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

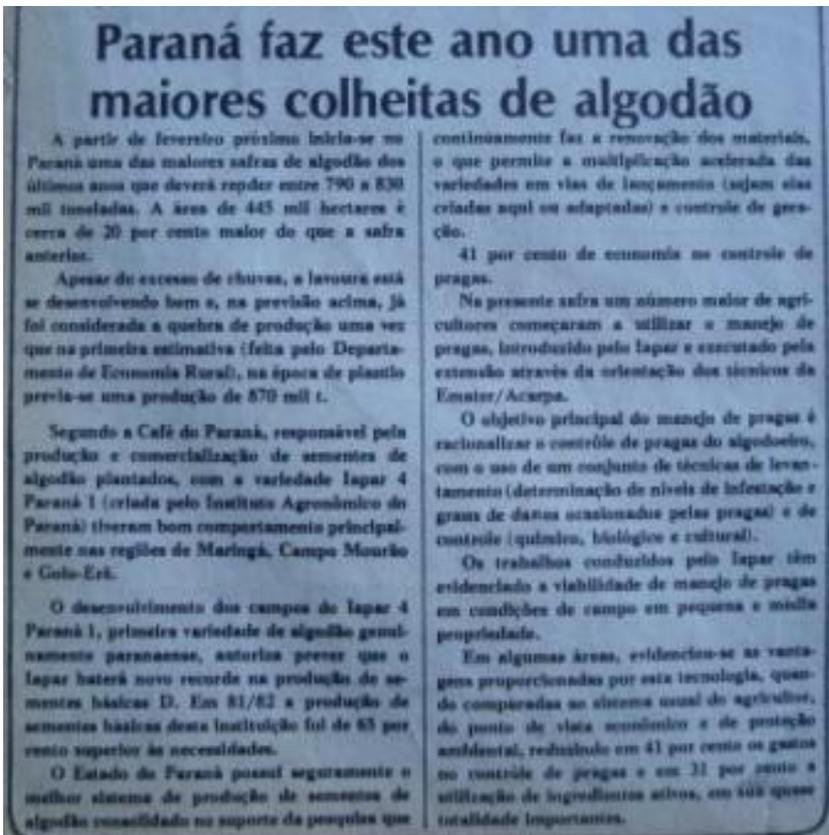


Figura 22 - 21/01/83, p. 02, Ano IX, Nº 2.661
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 23 - 06/02/83, p. 03, Ano IX, Nº 2.675
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Chuvvas interrompem tráfego de caminhões para Mato Grosso do Sul

O tráfego de caminhões no sentido do município de Naviraí no Mato Grosso do Sul, para quem sai de Quatzenau do Norte e Itararuna pela PR-218, está interrompido desde acontetem em razão da precipitação de nível das águas do rio Paraná, que deixaram sem condições de operar a barra que faz a travessia entre o Povo Caiú, em Povoal do Tiare, e o território mato-grossense. É através desse itinerário que chega parte da produção agrícola, madeira, soja e gado de corte do noroeste para o Mato Grosso do Sul. Com as chuvas que caíram sobre a região, deixando o leito da estrada visível em pontos isolados, e a abertura das comportas de Usina de Jupiá, o nível das águas do rio Paraná chegou a subir mais de 10 metros do normal, inundando totalmente o trecho da rodovia sul-mato-grossense que leva a Naviraí. Dessa forma, o DER está alertando os caminhoneiros para o problema, através de placas de sinalização na entrada das cidades de Quatzenau do Norte e Itararuna, no noroeste do Estado.

A travessia de barra somente será evitada normalizada quando parar de chover e normalizar o nível das águas dos rios Paraná e Itararuna, entre o Paraná e Mato Grosso do Sul.

hoje e até sexta-feira próxima

Plantão Farmacêutico

FARMÁCIA DO POVO

Av. São Paulo 947 - Fone 22-8325 ou 22-1679

Figura 24 - 12/02/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.680
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 25 - 24/02/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.989
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Chuvas prejudicam rodovias do Paraná

A Diretoria de Manutenção do Departamento de Estradas de Rodagem informou ontem que diversas rodovias do Estado estão com o tráfego prejudicado em consequência das últimas chuvas. As estradas onde os motoristas precisam tomar mais atenção são PR-182, trecho Xambri-Pérola, onde houve escorregamento de aterro atingindo meia-pista no local Rio da Abelha; PR-323, trecho Cianorte-Cruzeiro do Oeste, com escorregamento de cabeceira de ponte sobre o Rio dos Índios, PR-180, trecho Cruzeiro do Oeste-Mariluz, com rompimento de aterro sobre a galeria do Rio da Areia e PR-468, trecho PR-180, Miraflores Sales, com erosão lateral. Em todos os locais o tráfego está sendo feito em meia-pista e por determinação do secretário dos Transportes, Osório S. Guimarães, o DER está atuando em todas as frentes para restabelecer a normalidade em todas as rodovias.

e até sexta-feira próxima

Plantão Farmacêutico

ÁCIA DO POVO

Figura 26 - 06/03/83, p. 01, Ano IX, Nº 2.988
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Ratos, insetos, enxurradas: vai mal a rua Oswaldo Cruz

Moradores da rua Oswaldo Cruz, das proximidades da Universidade Estadual de Maringá, reclamam das condições de higiene e escoamento de água naquele trecho da rua, principalmente com relação à existência de grande quantidade de ratos, baratas e outros insetos, assim como das fortes enxurradas provenientes da avenida Colombo, que desce para a Oswaldo Cruz, provocando diversos prejuízos.

Conforme Indício Rinaldo morador da casa n.º 107, autor das denúncias e porta-voz dos moradores do trecho, uma das grandes responsáveis pela produção de ratos é a Indústria e Comércio de Carrocerias Casca, localizada na avenida Colombo, em frente ao Smauc. Segundo o morador, a fábrica mantém o terreno em péssimas condições de higiene, com amontoados de entulhos, sem uma limpeza regular, o que provoca a criação desses bichos.

Quando ao problema da escoação da água de chuva, Indício atribui as responsabilidades à Prefeitura Municipal, a qual se foi procurada e prometeu providências, porém, até o momento, nada foi feito para melhorar a situação. As águas vêm em quantidade abundante, invadem os quintais, formando alagados de até 60 centímetros de altura e, inclusive, provocando rachaduras em muros e paredes. Recentemente, durante as últimas chuvas penidas ocorridas na cidade, as águas vieram da Colombo, passaram pelo terreno da fábrica de carrocerias e forçaram o muro/paredo de um prédio em construção na Oswaldo Cruz, e o muro terá que ser reconstruído.

Indício afirma que, certa de um empregado da fábrica de carrocerias que o seu proprietário mandou que se retirasse uma barreira, que impedia a ação das águas, erguida em frente ao terreno da indústria. Com isso, afirma Indício, as condições pioraram muito.

Os moradores pretendem fazer um abaixo-assinado, a ser encaminhado para a prefeitura, abordando os dois problemas, esperando que com isso, alguma providência seja tomada para resolver o assunto, já que os pedidos, até agora, não foram atendidos, nem em tentativas de diálogo, nem em solicitações mais rígidas.

**SENSACIONAL!
GRANDE OFERTA DE
FITAS XHF**



Temos preço super especial para atacadistas. Converse conosco.



**loja dos
fotógrafos**

Av. Brasil, 4.130 - Fone 22-9983
MARINGÁ-PR

Figura 27 - 08/03/83, p. 03, Ano IX, Nº 2.999

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Temporal causa várias mortes e desabamentos

Onze mortos, 20 desabamentos de barreiras e casebres, centenas de ruas inundadas, fiação de rede elétrica caída sobre o asfalto em vários locais da capital, e 300 pessoas desabrigadas constituíram o saldo do temporal registrado na madrugada de ontem, no Recife. Choveu forte durante sete horas, dezenas de casas comerciais foram obrigadas a fechar as portas, para lavar o chão e prateleiras cobertas pela lama. A Comissão de Defesa Civil de Pernambuco - Codecife informou que a chuva já era prevista pelo serviço de meteorologia, mas assegurou que as bacias do Capibaribe e do Beberibe permanecem com seus leitos em estado normal.

Águas do rio Paraná voltam a subir

Voltaram a subir as águas do rio Paraná. A informação é da coordenadoria da defesa civil, acrescentando que o fato se deve a dois motivos: o aumento da vazão da represa de Jupuíá, que passou de 16 mil para 17 mil litros de água por segundo, e as chuvas que caíram sobre toda a região cortada pelo rio Paraná desde quinta-feira.

Figura 28 - 09/03/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.000

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 29 - 09/03/83, p. 06, Ano IX, Nº 3.000
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 30 - 10/03/83, p. 05, Ano IX, Nº 3.001

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

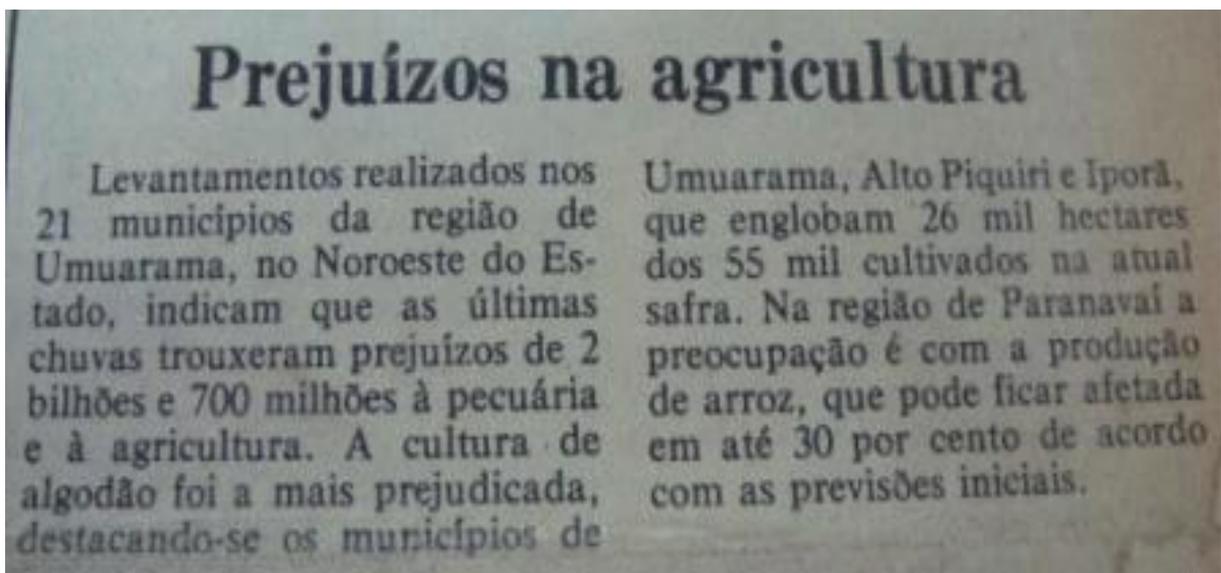


Figura 31 - 22/03/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.011

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

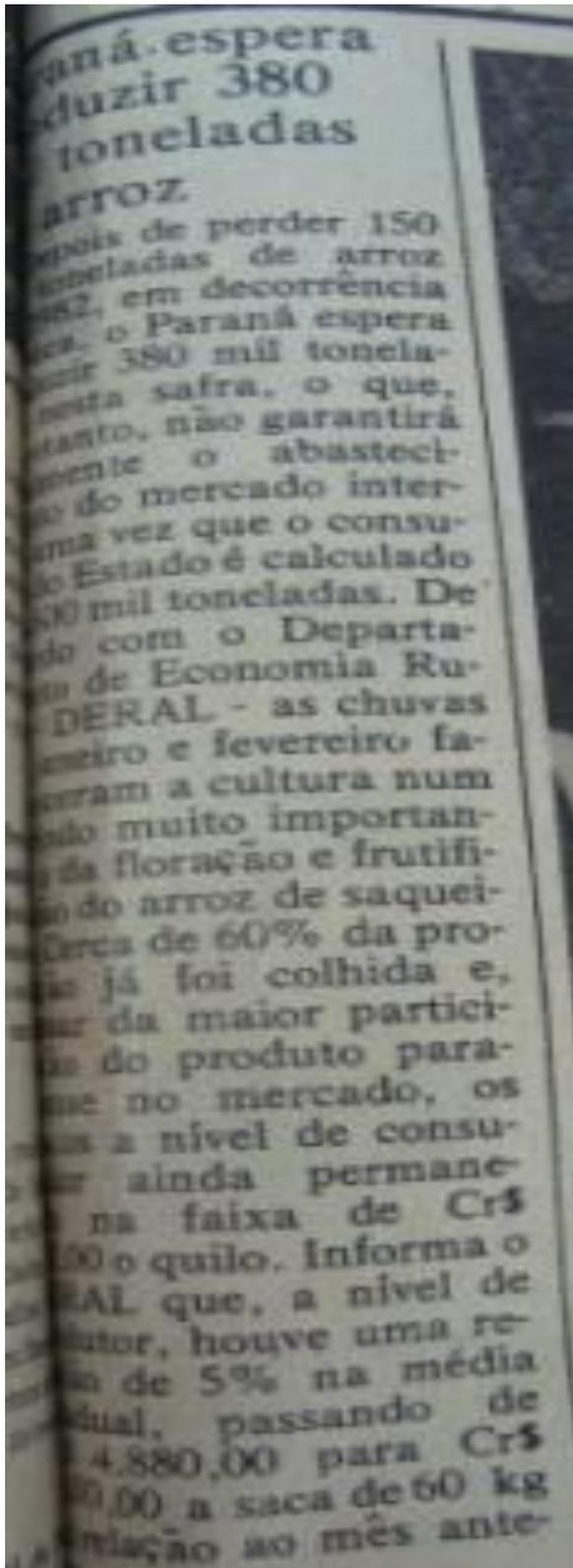


Figura 32 - 23/03/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.012
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 33 - 24/04/83, p. 03, Ano IX, Nº 3.044
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

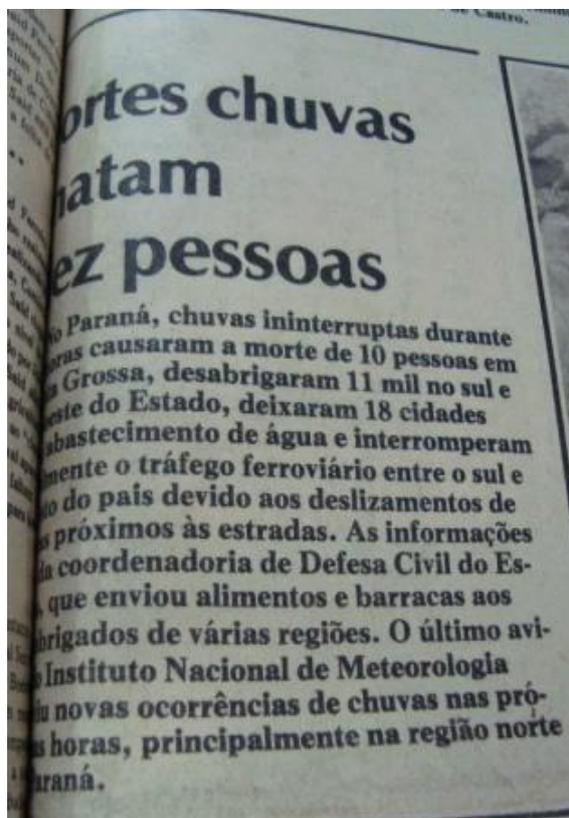


Figura 34 - 21/05/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.060
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Paraná, quinta-feira, 25 de maio de 1983 - Ano IX - Nº 3.063 - C.R. 40.000

COCAMAR

Chuvas matam 14, deixam 12 mil desabrigados e causam sensíveis prejuízos



As chuvas que caíram no Paraná começaram no domingo do dia 22, com um período de 17 dias de duração. O volume de chuva foi sensível, chegando a atingir 100 mm em algumas localidades. O prejuízo causado foi de 14 mortos e 12 mil desabrigados. O volume de chuva foi sensível, chegando a atingir 100 mm em algumas localidades. O prejuízo causado foi de 14 mortos e 12 mil desabrigados.

Deputado pede destituição do delegado

O deputado Geraldo Lacerda (PMDB) apresentou uma moção de destituição do delegado de polícia de Maringá. Ele afirma que o delegado é incompetente e que não consegue fazer cumprir as leis. A moção foi aprovada por 12 votos contra 8.

Briga de vereadores, na Câmara

Os vereadores da Câmara Municipal de Maringá tiveram uma reunião tensa devido a uma discussão sobre a criação de um novo bairro. O vereador João Carlos de Moraes acusou o vereador João Carlos de Moraes de ser incompetente e de não conseguir fazer cumprir as leis.

Vestibular: aumenta o número de inscritos

O número de inscritos no vestibular de Maringá aumentou em 10% em relação ao ano anterior. Isso se deve ao fato de que o vestibular é considerado um dos melhores do estado.

Farmácia: estudantes iniciam movimento

Os estudantes de Farmácia da Universidade Estadual de Maringá iniciaram um movimento para a criação de uma farmácia universitária. Eles afirmam que a farmácia universitária é necessária para atender a população de baixa renda.

PÁGINA DOIS

Figura 35 - 25/05/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.063
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 37 - 25/05/83, p. 03, Ano IX, Nº 3.063
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

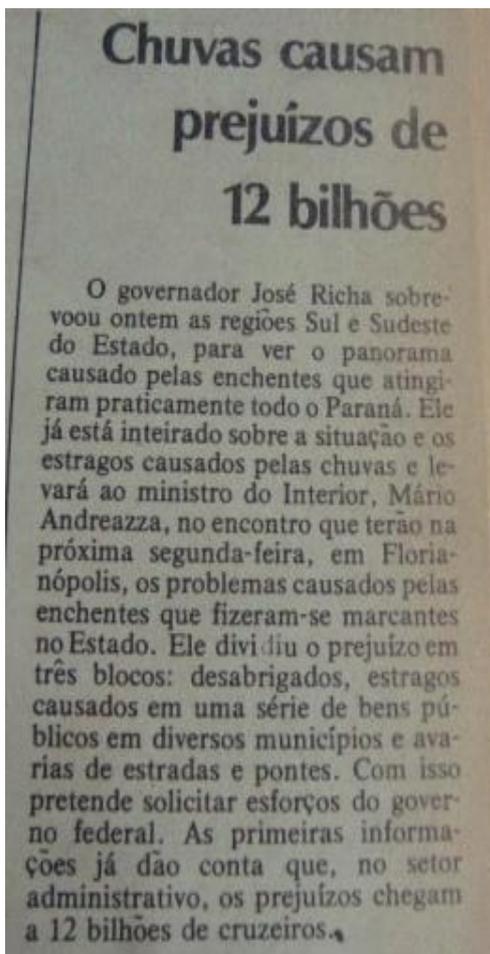


Figura 38 - 26/05/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.064
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 39 - 28/05/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.066
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

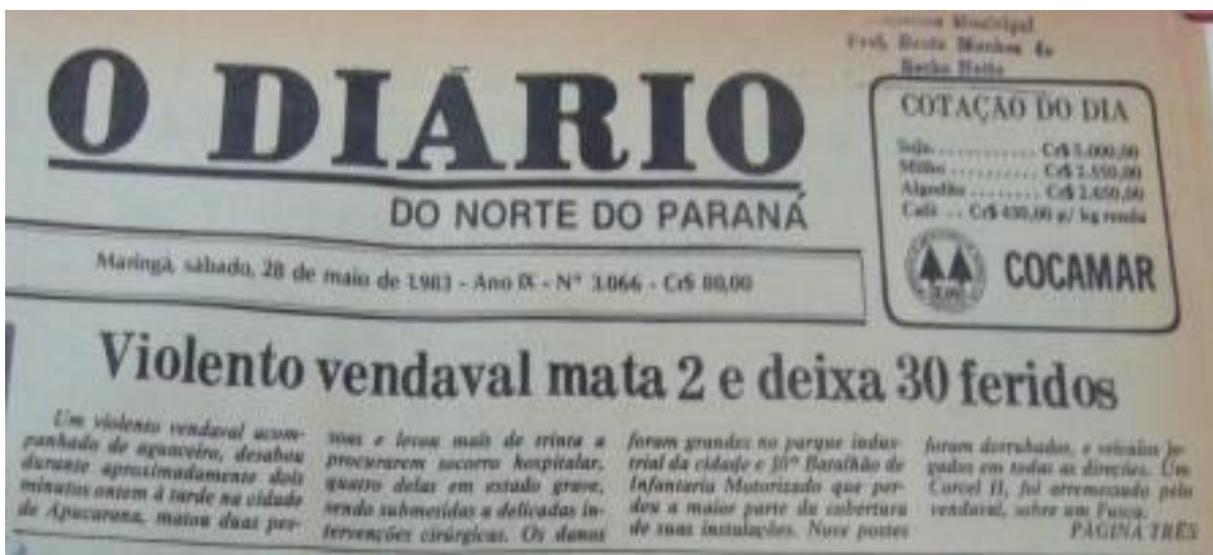


Figura 40 - 28/05/83, p. 01-03, Ano IX, Nº 3.066
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Chuvas: prejuízos podem chegar a 20 bilhões

CURITIBA (AJB) - Apesar de voltar a fazer bom tempo no Paraná, as principais rodovias do Estado ainda continuam com tráfego interrompido em consequência das chuvas da semana que passou. Segundo levantamentos feitos pela Secretaria dos Transportes, os prejuízos nas rodovias atingem um bilhão e 352 mil cruzeiros. Deste total, 462 milhões correspondem a prejuízos em rodovias estaduais. O município mais atingido foi União da Vitória, na divisa com Santa Catarina, com prejuízos de 530 milhões em suas rodovias, principalmente a BR-53, que liga o município a General Carneiro, e a PR-170, no trecho entre a BR-153, até Foz do Iguaçu.

Em Francisco Beltrão e Pato Branco, no Sudoeste do Estado, os estragos correspondem a 400 milhões de prejuízos, sendo mais afetadas a BR-373, no trecho três Pinheiros-Pato Branco, e a BR-251 entre Releza e Capanema. Em Umuarama, no Noroeste do Paraná, os danos chegaram a 240 milhões, atingindo principalmente a ligação daquele município com Tapejara. Nas proximidades da Coital, os maiores problemas são em Ponta Grossa, onde o DER terá que investir 40 milhões em consertos nas BRs-277 e 376 e outros 40 milhões nas rodovias estaduais do município.

Os problemas rodoviários estão dificultando a comercialização agrícola paranaense, principalmente nas BRs-376 e 277, que fazem a ligação dos centros produtores com o Porto de Paranaguá, a BR-376 não permite o tráfego sobre o Rio Barrinha, onde as águas cobriram o leito da ponte, enquanto a BR-277 teve um rompimento de aterro que só será normalizado

dentro de três dias. A opção para os motoristas que trafegam entre o Norte e o Sul do Estado e utilizarem a PR-151 que liga Ponta Grossa a Jaguariaíva, a PR-092 até Wenceslau Braz, a PR-422, até Tomazina a PR-272 até Ibaiti e finalmente a PR-160, que passa por Londrina.

As perdas da agricultura paranaense, de acordo com levantamentos feitos pela Comissão de Financiamento da Produção, chegam a 10 bilhões de cruzeiros. Foram perdidas, aproximadamente, 12 mil toneladas de feijão 50 mil toneladas de soja e 100 mil toneladas de milho. Ainda falta serem colhidas 180 mil toneladas de soja, mas que podem ser prejudicadas caso volte a chover. Para atender os agricultores prejudicados, o prazo para o pagamento dos débitos de custeio agrícola, junto ao Banco do Brasil, foi prorrogado por mais 30 dias, conforme determinação do Ministério da Agricultura.

A coordenadoria da Defesa Civil do Paraná conclui hoje o relatório completo da situação em todo o Estado e de acordo com as informações oficiais até hoje 76 municípios foram atingidos pelas fortes chuvas e 73 deles decretaram estado de calamidade pública. O total dos prejuízos poderá chegar a 20 bilhões de cruzeiros. A preocupação maior continua sendo os desabrigados que já chegam a 15 mil, concentrados, principalmente na capital e nas regiões Sul e Sudoeste do Estado. De posse do relatório, o governo participará da reunião com o Ministro do Interior Mario Andreazza na próxima segunda-feira em Florianópolis, quando os três governadores do Sul relatarão os prejuízos de seus Estados.

Figura 41 - 28/05/83, p. 03, Ano IX, Nº 3.066
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 42 - 31/05/83, p. 03, Ano IX, Nº 3.068
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Chuvas: Rio Paraná está 37 metros acima do nível normal

As chuvas que há vários dias caem por toda a região Sul, vêm a fazer desabrigados e a causar prejuízos incalculáveis no Foz de Iguaçu. No último domingo registrou-se um novo recorde em tratando de cheias: Os rios Iguaçu e Paraná estiveram 37 metros acima do nível do mar e 37 metros acima do nível normal. Estes rios revelam enorme dificuldade de transporte travessia.

PASSARELAS DESTRUÍDAS

Devido as chuvas e a conseqüente enchente do Rio Iguaçu, as passarelas das cataratas (tanto do lado brasileiro como argentino) foram destruídas pela violência das águas.

Os problemas continuam e cada vez maiores. O transporte de veículos, executado por balsa, do Porto Meira (Brasil), para Foz de Iguaçu (lado argentino), foi suspenso por ordem do comandante Cláudio José da Mata, da Capitania dos Portos. Para o comandante, se o transporte continuasse, as embarcações estavam correndo grande perigo, pois a correnteza está trazendo em seu leito troncos enormes, os quais poderiam causar sérios prejuízos. O transporte de passageiros está funcionando quase que normalmente, exceto durante a noite.

SUPEROU GRANDE CHEIA

Esta "super-cheia" é causada pelas fortes chuvas que caíram na bacia do Rio Iguaçu e superou em 1 metro e 20 centímetros a maior cheia já registrada: a cheia do último 6 de março. Ressalta-se que as vítimas dessa cheia já tinham voltado e reconstruído suas casas quando foram surpreendidos por esta nova e, que garanto, a maior que a anterior.

O Rio Iguaçu (talvez o mais cheio), no último domingo, transporta com uma vazão de 19.310 metros cúbicos de água por segundo, quase trinta vezes sua vazão normal (700 metros cúbicos por segundo). O Rio Paraguay está inalterado há um mês, com uma vazão de 21 metros cúbicos por segundo e o "Paraná" registrou uma vazão bastante acentuada: 40 mil metros cúbicos de água por segundo.

DESABRIGADOS

Os desabrigados já somam um número grandemente crescente. No lado argentino eles já chegam a 180 mil aproximadamente e no Paraguai 100 mil. Neste último foram desenvolvidas várias campanhas de auxílio para arrecadar remédios, alimentos e vestuário.

Foz de Iguaçu, solidária com seus irmãos paraguaios, está dando apoio àquele país, atendendo ao pedido feito pelo empresário Haman Jebai, de Puerto Stroesener.

Figura 43 - 31/05/83, p. 04, Ano IX, Nº 3.068
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 44 - 31/05/83, p. 05, Ano IX, Nº 3.068
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

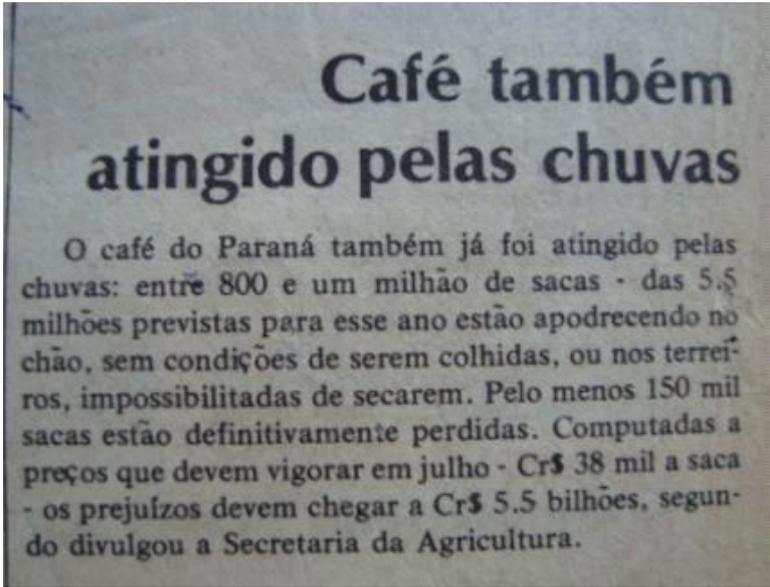


Figura 45 - 07/06/83, p. 01, Ano IX, Nº 3.073
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 46 - 07/06/83, p. 01-04, Ano IX, Nº 3.073
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 47 - 07/06/83, p. 04, Ano IX, Nº 3.073
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Novas chuvas abrem mais crateras



Trecho da Avenida Iteororó, quase esquina com Perimetral: cratera alagada e asfalto bastante danificado pelas enxurradas.

Com as novas chuvas registradas no fim de semana, ruas e avenidas da Grande Maringá ganharam mais problemas com o surgimento de pequenas crateras abertas pelas enxurradas.

Após as violentas precipitações do mês de maio, principalmente, a Prefeitura de Maringá, através da Secretaria de Serviços Públicos e Serviços Autárquicos de Obra e Pavimentação, iniciou o trabalho de recuperação dos leitos asfaltados, então orçado em 96 milhões de cruzeiros.

Com a volta das chuvas, os trabalhos praticamente foram paralisados. Além disso, novas crateras surgiram, o que deve elevar os custos que o município terá para reparar os estragos das águas.

Figura 50 - 28/06/83, p. 06, Ano IX, Nº 3.091

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Chuvas voltam a desabrigar

As chuvas dos últimos dias já desabrigaram cerca de cinco mil pessoas no Paraná, a maioria na região de Francisco Beltrão, no sudoeste do Estado, onde o rio Marecas transbordou ao subir 14 metros acima do normal. O bairro de Congo, um dos mais populosos, está totalmente isolado e a população recolhida na igreja e escolas. Os técnicos do Departamento Rural da Secretaria da Agricultura estão acompanhando com muita expectativa a região norte do Estado onde se concentram as plantações de café onde até ontem não havia começado a chover. Das 5,5 milhões de sacas previstas para este ano apenas 20 por cento puderam ser colhidas no intervalo de quinze dias de sol entre as chuvas de junho e as que começaram ontem. Já as quase 4 mil pessoas que foram desabrigadas pelas cheias de junho, do rio Paraná, ainda não puderam voltar para casa.

Figura 51 - 08/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.100
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 52 - 12/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.103
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 53 - 13/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.104
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Sul perde sua colheita de cereais

Além de ter perdido dois milhões de toneladas de grãos - soja, arroz, feijão e milho - com as chuvas de maio, e ter um prejuízo de Cr\$ 180 bilhões, o Rio Grande do Sul deixará de plantar mais de 200 mil hectares de trigo neste inverno, devido as cheias de junho e julho, proporcionando assim uma das piores colheitas do cereal dos últimos tempos. Além disto, como o governo federal não liberou recursos este ano para formação de estoques reguladores de carne - foram pleiteados Cr\$ 17 bilhões - o estoque hoje no estado é de apenas 10 mil toneladas, e o diretor da Federação da Agricultura Gaúcha, Camilo Cottens estima que faltará carne para o Brasil Central.

Figura 54 - 14/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.105
Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Enchentes: número de mortes é de 14

Com o registro de mais um caso de afogamento em União da Vitória, subiu para 14 o número de mortos em consequência dos enchentes no Estado. Das 38 municípios atingidos há seis (União da Vitória, São Mateus do Sul, General Carneiro, Biturama, Rio Negro e Porto Amazonas) em estado de emergência. A Defesa Civil, através do levantamento permanente que realiza, com a coleta de dados de todo o Estado, já constatou na manhã de ontem a existência de 57 mil e 430 desabrigados. A Copel reafirmou, também ontem, que não existirá o pagamento da energia nestas cidades e por 3 ou 4 meses, enquanto durar o flagelo, os desabrigados terão luz elétrica normalmente. A coordenação da operação de auxílio aos flagelados reiterou que os doadores mais necessários são cobertores, colchões, material de limpeza e higiene. A previsão do tempo para o Paraná, hoje, é de tempo nublado, com chuvas isoladas no litoral.

Figura 55 - 19/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.109

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

O DIÁRIO

DO NORTE DO PARANÁ

Maringá, quarta-feira, 20 de julho de 1983 - Ano X - Nº 3.110 - Cr\$ 100,00

COTAÇÃO DO DIA

Sole Cr\$ 6.300,00
 Milho Cr\$ 3.600,00
 Algodão Cr\$ 3.400,00
 Café ... Cr\$ 900,00 p/ kg moído

ENCHENTES:

QUASE 300 MIL DESABRIGADOS

O número de desabrigados em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná - em decorrência dos enchentes - chega a 283 mil. Segundo o ministro Danilo Venturini, extraordinário para Assuntos Fundiários e secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional, no Paraná há 68 mil desabrigados, tendo sido

distribuídas 300 toneladas de gêneros alimentícios. Foi reconhecido o estado de calamidade pública em 38 cidades. Em Santa Catarina, onde segundo Venturini a situação é mais grave, há 130 mil desabrigados e 99 municípios em estado de calamidade pública. A situação "é bastante crítica" nas cidades de

Porto União, Três Barras, Maíra, Rio do Sul, Rio do Oeste, Tainá, Blumenau, Itaipá, Rio do Campo e Ilhota. No Rio Grande do Sul permanecem críticas as regiões do Vale do Rio Uruguai: Itaquí, Uruguairama, São Borja, Porto Xavier. Os municípios atingidos chegam a 102. Há 45 mil desabrigados. O

ministro do Interior, Mário Andreazza, reconheceu calamidade pública em 10 cidades. Os recursos transferidos - para aquisição de gêneros alimentícios - somam Cr\$ 23 milhões para o Paraná, Cr\$ 55 milhões para Santa Catarina e Cr\$ 40 milhões para o Rio Grande do Sul, perfazendo Cr\$ 118 milhões.

Figura 56 - 20/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.110

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 57 - 22/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.112
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 58 - 27/07/83, p. 01, Ano X, Nº 3.116
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 59 - 27/07/83, p. 02, Ano X, Nº 3.116
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

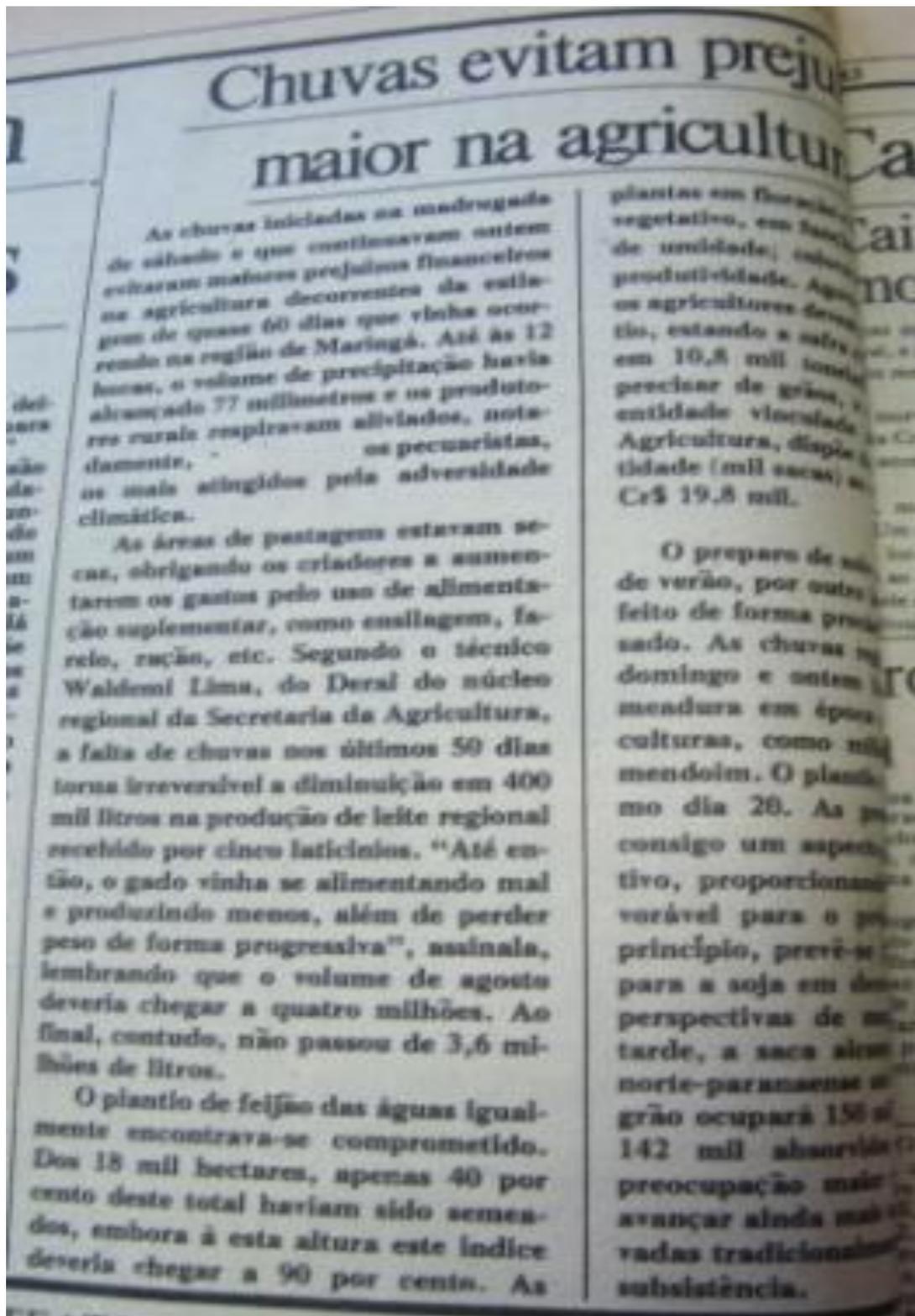


Figura 61 - 06/09/83, p. 04, Ano X, Nº 3.148

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

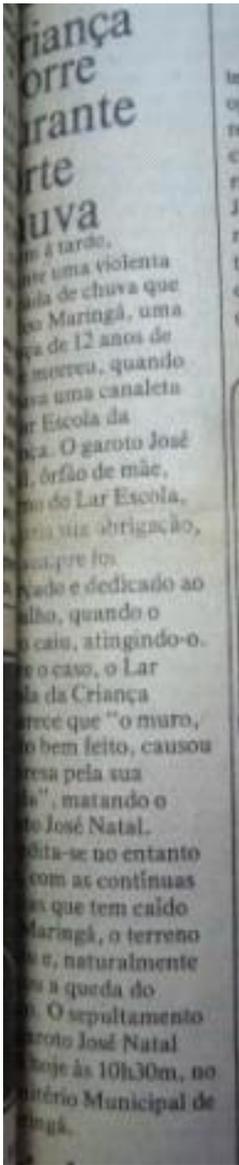


Figura 62 - 18/09/83, p. 01, Ano X, Nº 3.160
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 63 - 20/09/83, p. 05, Ano X, Nº 3.162
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 64 - 21/09/83, p. 01, Ano X, Nº 3.163
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)



Figura 65 - 21/09/83, p. 03, Ano X, Nº 3.163
 Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

O DIÁRIO
DO NORTE DO PARANÁ

Maringá, sábado, 24 de setembro de 1983 - Ano X - Nº 3.166 - Cr\$ 100,00

COTAÇÃO DO DIA
SOJA Cr\$ 15.000,00
MILHO Cr\$ 8.700,00
ALGODÃO Sem preço
CAFÉ Cr\$ 600,00 p/kg moída

COCAMAR

Ameaça de nova enchente: Prontidão em União da Vitória

O rio Iguaçu voltou a subir em União da Vitória, município paranaense mais atingido pelas enchentes de julho, e a população e todos os órgãos de segurança estão em estado de alerta, principalmente porque as chuvas, que começaram quinta-feira, continuaram com bastante intensidade ontem. O rio estava a 4,46 metros acima do normal por volta das 15 horas.

Hoje, segundo a Copel, o Iguaçu deverá alcançar seu nível crítico - de 5,5 metros - porque receberá toda água armazenada na cabeceira do rio, em Curitiba, onde hários periféricos já estão alagados pelos rios Anilú e Barigui, provocando o desabrigo de quase 150 pessoas. Em União da Vitória a Polícia Militar está mantendo homens em vigilância em pontos estratégicos do rio para que possa informar a Secretaria de Assuntos Comunitários sobre a evolução da situação, de duas em duas horas.

Por volta das 17 horas o serviço de meteorologia informou à Coordenadoria de Defesa Civil que o tempo deveria melhorar em 48 horas do Paraná para cima. De qualquer forma, todo o esquema de segurança está de prontidão para qualquer emergência, já que a última enchente deixou 6.600 pessoas sem casa até hoje.

Figura 66 - 24/09/83, p. 01, Ano X, Nº 3.166

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Temporal derruba casa e fere mulheres

Temporal de anteontem à noite derrubou uma casa e feriu duas mulheres e sua filha. A casa que não resistiu à violência da chuva e vento caiu no Parque Itaipu, rua 47, e veio abaixo sobre a família. Sairam feridas, Maria das Graças Faria, de 40 anos, e sua filha Carlota, de 13 anos. Elas foram encaminhadas para hospital onde receberam medicação. A casa tinha três peças e os bombeiros estiveram no local.

Figura 67 - 11/10/83, p. 01, Ano X, Nº 3.200

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)

Água e lama invadem casas na Morangueirinha

Ostentando mansão, Vila Morangueirinha, rua La Paz, quadra 92, vive com um tanto quanto pitoresca: cerca de cem famílias tirando barro das alvenas que caíram automaticamente, de dentro de suas casas e tentando lavar os móveis e o chão, em insustentável estado. Geralmente a chuva não assusta ninguém, no entanto, causa verdadeiro pânico entre famílias, uma vez que toda a chuva em que se verifica um índice maior de pluviosidade, as levam a proceder este serviço de limpeza. O pior, conforme declararam, não é o trabalho em si, e sim o estrago que a lama e a água produzem nos móveis e no assoalho.

"Estamos enfrentando esta terrível rotina há cinco anos, inclusive uma semana, de uma dia famílias. Já pedimos providências a todas as autoridades e a todos os órgãos competentes, entretanto, só recebemos promessas. Hoje, não podemos segurar uma tentativa de solucionar nossos problemas. Tempos atrás veio um pessoal aqui e colocou grades nos bueiros, porém foram grades muito pequenas. Entopem com qualquer sujeira. E aqui, um ponto de estancamento das águas que desce da avenida Colombo, é grande a sujeira e maior ainda o volume d'água".

A causa de todo o transtorno reside no fato de que as bocas-de-lobo não conseguem absorver a água, permitindo que a mesma transborde por sobre o mesmo filo, invadindo, principalmente, as casas de números 56 e 57 da citada quadra. A situação,

segundo elas, não está na intenção de mais bocas-de-lobo e sim na troca das grades. "Colocando-se grades maiores, com maior abertura, dá-se possibilidade aos bueiros de absorverem por completo toda a água", afirmam.

O terreno é inclinado, desde a avenida Colombo, num trajeto de mais de 10 quadras, o que culmina em ali desembocar um verdadeiro lago. Devido a isso o

problema é generalizado: "É bueiro da Prefeitura resolver esse nosso problema, declarar esse inconveniente. Estamos aguardando pessoas que já pensam em mudar daqui, pois não suportam mais isso. Porém temos a muito desagradável situação de não ver toda nossa comunidade de água e lama. Porém, muito mais desagradável é sofrer por providências e elas não aparecem".



As bocas-de-lobo, piora de tudo o problema



"O pior não é ter que lavar o bueiro, é sermos obrigadas a ver nossos móveis sendo castigados"

Figura 68 - 04/11/83, p. 03, Ano X, Nº 3.231

Fonte: Jornal O Diário do Norte do Paraná (1983)